

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura monumental na Grecia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 33
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, appartenant à l'architecture du moyen âge. Avec 45 planches et fac-similes — par le CHEVALIER J. DA SILVA.....	» 39
A proposito das mumias americanas expostas no Museu do Carmo — (continuação) pelo Dr. BALDY.....	» 43
Bibliographia — pela REDACÇÃO — Os azulejos — pelo sr. GABRIEL PEREIRA.....	» 45
Chronica	» 47
Noticiario	» 48

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Na Grecia

Antes de tratarmos da arte monumental da Grecia, convém lançar um golpe de vista sobre a origem d'esta nação. Posto que se ignore quaes foram os primeiros habitantes da Hellada, todavia sabe-se com certeza que foi a mais antiga nação assignalada na Grecia pelos historiadores, e que os Pelasgos vindos do Oriente em 1:900 annos, antes da era v., se espalharam pela Asia Menor.

Este povo não tinha cidades, nem edificios publicos, nem tão pouco governo estabelecido. Achava-se dividido em diferentes tribus, que disputavam a primazia sobre o dominio do paiz. Foi por esta causa que a tribu dos Hellenos, a mais poderosa de todas, expulsou os outros Pelasgos da Grecia.

Passados tempos, as demais tribus de que se compunha a nação dos Hellenos, dividiram-se igualmente; e quatro d'ellas tiveram um grande predomínio, sendo estas as dos Dorios, Jonios, Eolios e Acheus. As duas primeiras podem ser unicamente consideradas como as principaes tribus da Hellada. Os Jonios, de um caracter voluvel e em-

prehendedor, occuparam a Attica, região da Grecia a mais oriental de todas, entre o mar Egéo e a Béocia. Os Dorios, de um humor grave e austero, espalharam-se, no seculo xii antes de Christo, no Peloponeso, peninsula que limita a Grecia ao sul e a reune ao continente pelo isthmo de Corintho, conhecido hoje com o nome de Moréa, que lhe deram os venezianos, quando a possuiram no anno de 1204 da nossa era. Todavia o mais certo é ter vindo a colonia dos Pelops da Asia Menor, e foram elles que deram o seu nome ao Peloponeso.

E' pois, d'essa época, em que viveram heroes tão celebres nas tradições gregas, que se devem datar as mais remotas construccões da Hellada. Esses povos praticavam as edificações das suas cidades nos cumes das montanhas, cercadas por muralhas de excessiva grossura feitas com pedras toscas, construccões conhecidas pelo nome de Cyclopeannas e Pelasgicas. Por esta fôrma são as muralhas de Tyrinthio da era de 1380 antes de Christo. Entre os edificios que fizeram construir os antigos soberanos da Hellada, devemos citar os Thesouros com feitiço de torres conoides e de abobadas, onde guardavam as suas riquezas, conservando-se ainda em perfeito estado um d'estes edificios da era 1481 antes

de Christo, em Mycenae, cidade de Argolida ao norte de Argos.

Por estes monumentos se conhece que os gregos, em uma época bastante remota da historia, sabiam já edificar muralhas com pedras aparelhadas e conheciam a arte de construir abobadas.

Em quanto aos monumentos consagrados aos Deuses, ha pouco conhecimento d'essas edificações. Sabe-se unicamente que levantaram templos a Apollo em Trezena; a Minerva, na Phocæa e na Jonia; a Apollo, em Samos; a Jupiter, em Eginia; a Venus-Urania, em Athenas; a Juno, em Argos, e a Diana em Megara.

Taes são as noções que possuímos sobre as primitivas construcções executadas na Grecia durante o periodo heroico; podendo se deduzir d'estas considerações que os Hellenos empregavam as materias mais facéis de pôr em obra, e que antes de ornar os seus monumentos com esculturas, cobriam-os de bronze e cobre.

Na época da guerra de Troia, 1209, a civilização grega tinha feito grandes progressos. As expedições maritimas tinham engrandecido o desenvolvimento das idéas, e excitado um impulso consideravel. Foi depois d'esta época de prosperidade, que a tribu Dorica veio a ser a dominante, e enviou colonias para a Asia Menor e Italia Meridional. Estas colonias tinham com a metropole uma união de origem, de linguagem, de intelligencia e de interesses, que motivou ficarem unidas por relações reciprocas. As artes igualmente prosperavam como as letras. As colonias da Asia Menor, enquanto a Grecia estava occupada com as luctas dos Héraclitos, descendentes de Hercules, os quaes queriam apoderar-se de Peloponeso, (como veio a acontecer depois em 1104 antes da era de Christo), gozavam dos beneficios da paz e puderam emprender importantes construcções. N'esta mesma época, os Jonios levantaram na Sicilia e na Italia templos que ornaram com columnas de um genero particular, as quaes conservaram o nome d'este povo. Egualmente na Hellada, não obstante as guerras intestinas que desolaram aquelle paiz, edificaram monumentos de primeira ordem, entre os quaes citaremos o sanctuario de Esculapio que aprendeu a medicina com o centauro Chiron, e os tumulos de Agammonon, marido da rainha Clytemnestra, e dos outros gregos mortos por Egistho, amante d'essa rainha perjura.

A architectura Dorica e a Jonica da Asia, desenvolveram-se simultaneamente; a primeira foi sobria no emprego dos ornamentos e tinha um caracter severo; a segunda, desde o seu principio, teve o aspecto elegante e gracioso que distingue os monumentos que ella orna.

Logo no começo da primeira Olympiada, em 776

annos antes da era de Christo, apparece um 3.º periodo, durante o qual os progressos da architectura hellenica foram bastante visiveis, e muito mais rapidos do que anteriormente: contribuindo muito para este desenvolvimento os jogos pythicos e olympicos, os quaes fazendo reunir todos os homens mais distinctos da Grecia, e excitando entre elles uma nobre emulação, deram logar a que as cidades de Corintho, Eginia, Delphos, Delos, Athenas, Olympia, Sicyonia e Megara, se aformosasse com bellos monumentos, os quaes foram depois reconstruidos ainda com maior magnificencia.

Um 4.º periodo comprehende todo o tempo que decorre desde a victoria dos Gregos sobre os Persas e a submissão da Hellada ao dominio Macedonio; desde a LXXV á CXI olympiada, isto é, a começar do anno 479 até 336 antes de Jesus Christo.

Os exercitos de Dario e de Xerxes tinham devastado a Attica e o Peloponeso, e arruinado todos os antigos monumentos, mas depois que expulsou os inimigos e concluiu a paz, a Grecia veio a ser mais poderosa e mais prospera que nunca. O perigo tinha estreitado os laços da nacionalidade entre estes diversos povos da Hellada. As suas cidades ricas de despojos da Asia e tranquilas a respeito dos perigos da guerra, dedicaram-se então á cultura das sciencias, das letras, das artes e da philosophia, com um enthusiasmo que fez produzir obras as mais perfeitas e as mais admiraveis que a intelligencia humana tenha conseguido realisar. Eschylo alcançou o premio pelas suas tragedias, e traçou essa vereda luminosa e poetica que seguiram depois d'elle e com tanto brilho, Sophocles e Euripides. Uma philosophia sublime era ensinada por Anaxágoras, Platão e Socrates, ao mesmo tempo que os architectos Callicrates, Ictinus, Mnécicles, Corobus, Eupolemus, Metagene, Polyclito e Xenocles, levantavam monumentos de estylo o mais puro. Hippodamus, Phidias, Ctésias, Phradmon, Myron, Alcámenes e Pœmius, conduziam a escultura ao seu mais alto grau de perfeição; e a pintura produziu as suas mais bellas obras primas com os pinceis de Polygnoto, de Denys, de Micen, de Nicanor, d'Apollodoro, e de tantos outros artistas, em que os historiadores nos conservaram os nomes gloriosos.

Erguem-se templos, edificam-se Agoras ornadas de columnas, constroem-se theatros de cantaria, cercam-se as cidades de novas muralhas: edificam-se gymnasios que competem com os sanctuarios dos deuses, tanto pela belleza da architectura como pela riqueza da decoração.

Athenas então obtém a preeminencia sobre as outras cidades da Hellada, vindo a ser o centro das artes e das letras, e se enriquece, sob a brilhante

administração de Péricles, dos mais sumptuosos monumentos que se possam citar, e a arte monumental da Grecia apparece no seu maior esplendor e causa assombro no mundo. Este varão illustre, que deixou d'existir em 429 antes de Christo, teve uma influencia tão activa sobre as letras e as artes durante todo o tempo que elle conservou o poder, que mereceu como Augusto, Leão X, Luiz XIV e Pombal a gloria de dar o seu nome ao seu seculo.

As causas que contribuíram na Grecia para este extraordinario desenvolvimento das Bellas Artes tão digno do nosso assombro e da nossa admiração, devem ser explicadas. Entre as despesas de primeira ordem do Estado, comprehendia-se a de realçar a honra e gloria das suas cidades, e por esta razão não se eximiam de nenhum sacrificio para estampar nas construcções religiosas o maior caracter possivel de magestade e de magnificencia. É preciso tambem notar que a cultura das Bellas Artes na Hellada era um objecto inteiramente politico. Não só se edificavam grandiosos monumentos, como tambem as estatuas e bustos eram egualmente outros monumentos publicos, que se collocavam nos templos e com os quaes se ornavam os theatros, os porticos, e os gymnasios: portanto a arte, na Grecia antiga, tinha um caracter eminentemente nacional. Todas as suas manifestações eram consagradas á religião, ou faziam a apothese dos homens cujo talento e coragem eram a gloria da patria; o que excitava uma nobre emulação entre as cidades, e fazia que os artistas fossem respeitados do mesmo modo que mereciam os magistrados os mais distinctos. Alem de que, o povo grego dotado de uma razão clara, imaginação poetica, e gosto dedicado, que era o seu apanagio, julgava os artistas, e sabia na occasião com os seus applausos e distincções publicas animar-os a produzirem obras primas.

Não emprehenderemos indicar todas as construcções monumentaes de que os auctores antigos nos conservaram a lembrança, nem tão pouco todas aquellas de que existem ainda restos magestosos na Attica e no Peloponeso. Não foram sómente as cidades da Grecia, como Thebas, Argos, Megara, Sicyonia, Megalopolis, Delfos, Elis, Epidauró, que se illustraram com magnificos monumentos: egualmente as cidades da Jonia, na Asia Menor, tiveram excellentes artistas para erguer os seus templos e monumentos publicos, incendiados depois pelos Persas. Citam-se principalmente pela sua belleza o sanctuario de Apollo Didymeanno, em Mileto, o de Minerva Polliadea, em Priène; o de Baccho, em Théos; o d'Arthemisa em Magnésia. Syracusa, Selinonte e Agrigento conservam curiosos fragmentos dos antigos templos doricos. Encontram-se egualmente restos magestosos na Grande Grecia, em Pæs-

tum, Cumas, Pauzoles, Nola, Herculano, Pompeia e Tarento.

Se a guerra do Peloponeso foi desastrosa para os monumentos da Grecia, todavia n'essa época não se nota descenso na pratica das Bellas Artes.

Foi então que os pintores Pamphilio, Apelles, Euphranor, Zeuxis, Tymanthe, Aristides, Protogenio, Parrhasios, e que os escultores Polyclés, Leochores, Thimothéas, Briaris, Praxiteles, Scopos, Euphranor e Lysippo dotaram a Grecia de uma grande quantidade de obras primas. Athenas tendo-se libertado do jugo aviltante dos 30 annos, em 401 antes de Jesus Christo, pareceu recobrar o esplendor, que tinha adquirido sob o governo de Pericles.

Durante o periodo de que nos occupamos, todos os ramos da arte de edificar estavam em progresso e alcançaram o seu maior gráu de perfeição. As Ordens Doricas e Jonicas receberam as mais bellas proporções a que não tinham ainda chegado. As molduras foram profiladas com firmeza, e os differentes membros da architectura dispostos com nma symetria fundada na razão e no mais apurado gosto. Os ornamentos applicados aos edificios eram sempre bem motivados, e não lhe tiravam nada do seu aspecto nobre e grave, nem o seu caracter de força e solidez.

Desde a época em que a Grecia ficou submettida á dominação macedonia, um quinto periodo se abre para as artes. O gosto das formosas construcções não diminue; porém a architectura modifica-se, altera-se e marcha em decadencia. A lucta entre os Jonios e os Dorios, entre os povos da Attica e do Peloponeso, consequencia da diversidade dos usos, dos dialectos e do caracter, que tinha já causado a guerra do Peloponeso, e ao mesmo tempo quebrantado o vinculo social que unia as cidades da Hellada. Um sem numero de outras causas acarretaram a corrupção dos costumes e a ruína das artes e da poesia. A religião, que tinha inspirado tantas obras de primor, que havia sido juntamente com a linguagem, um dos elementos conservadores da nacionalidade grega, succumbia sob os esforços da philosophia.

Este estado foi cada vez piorando desde que a Attica e o Peloponeso ficaram submettidos ao poder macedonio. Perdendo a sua liberdade, os gregos perderam esse gosto eximio e essa sublimidade nas idéas que caracterisam todas as obras do seculo de Pericles. As alterações nas ordens não são ainda importantes, posto que lhe déssem proporções mais esbeltas, ornamentos mais variados e mais multiplicados. É verdade que são já symptomas evidentes de decadencia do gosto; mas todavia, examinando os monumentos levantados pelos gregos n'esses tempos de ruínas e desolação,

achamol-os ainda admiráveis, podendo-se citar mesmo alguns, que merecem ser considerados entre as obras as mais magnificas produzida pela intelligencia humana.

Se passamos em revista os monumentos os mais importantes executados pelos artistas gregos durante este quinto periodo, devemos notar primeiramente muitos edificios levantados em honra do rei Philippe de Macedonia. Sob o reinado de Alexandre, trabalharam na restauração do templo de Diana em Epheso e concluiu-se o santuario de Minerva em Priène. Este ultimo rei fundou, como se sabe, a cidade de Alexandria no baixo Egypto e embelezou-a com magnificos monumentos.

As guerras que, do começo da cxiv olympiada, rebentaram entre os successores d'este grande rei, arruinaram as cidades da Hellada e contribuíram a destruir o resto do espirito nacional que os gregos haviam conservado. N'esta época o architecto Philem ajuntou ao templo de Ceres e Proserpina em Eleusis columnas de boas proporções. Cassandra fez reedificar Thebas e ornou diversos edificios publicos. Na Asia Menor, tambem as cidades de Epheso e de Smyrna são separadas, uma pelos cuidados de Lysimaco, a outra pelas ordens de Antigone.

N'este seculo, a Grecia, dilacerada e enfraquecida pelas discordias intestinas, ficou deserta dos seus mais habéis artistas, que foram apresentar-se aos successores de Alexandre no Egypto e na Asia; sendo muito bem recebidos na corte de Ptolemeu Philadelpho. Este principe fez edificar um palacio para si, e levantar um templo ao deus Serapis, deus egypcio celebre, sob a dominação dos Lagides, cujo culto passou a Roma no primeiro seculo antes de Jesus Christo, assim como mandou construir o celebre farol que allumiava o porto de Alexandria, executado por Guidieno Sostrate, e reputado uma das sete maravilhas do mundo!

Alguns dos successores de Alexandre tentaram reparar os desastres que a Hellada havia soffrido. Principiaram com effeito um templo e um extraordinario theatro, reedificaram o templo de Jupiter Olympico, um gymnasio em Athenas e ornaram Delos de altares e estatuas. Porém o ultimo arranco da nacionalidade grega estava prestes a exhalar-se. A historia não tem mais a registrar, que assolões e barbaras destruições. Philippe, ultimo rei da Macedonia, não deixou pedra sobre pedra em Pergamo; fez demolir a Academia de Athenas e os templos que a rodeavam. A' medida que os Romanos se asenhoreavam do paiz, desmantelavam as praças, e transportavam para Italia todas as preciosidades, todas as obras de Bellas Artes de que podiam apoderar-se. As estatuas, os vasos, os paineis foram arrebatados de Syracusa por Marcellus. As devastações continuaram e cada vez mais irreparáveis

como as que Sylla praticou, pois, tendo tomado Athenas, destruiu o Pirêo, edificado por Themistocles, famoso porto que podia conter 400 navios; assim como destruiu os edificios que lhe ficavam proximos; fez transportar para Roma uma parte das columnas do santuario de Jupiter Olympico para ornar o templo de Jupiter Capitolino, e apoderou-se de objectos preciosos accumulados em Delfos, Epidauro e Elis. A Asia-Menor e a Grande Grecia não foram poupadas tão pouco a essa completa destruição; não obstante o estado de aviltamento dos gregos n'essa época, viam comtudo, com profundo pezar, a destruição dos seus monumentos e a perda de suas artes, que haviam feito a alegria do seu paiz, e mantem ainda essa faísca do fogo sagrado, que o amor das bellas artes, as almas nobres e bem formadas conservam sempre até ao seu derradeiro suspiro. Foi esse elevado sentimento pelo bello de sua arte monumental, que fez que Cicero stygmatisasse tão energicamente no Senado as depredações praticadas por Verres na Sicilia. São, diz o orador romano, essas obras admiráveis, essas estatuas, essas columnas, que deleitam principalmente os gregos, e podeis julgar por esses queixumes tão sentidos que elles fazem ouvir, quanto lhes é cruel ficarem esbulhados d'essas preciosidades artisticas!

Não é para surprehender que em resultado d'essas grandes vicissitudes e desastres a decadencia da architectura grega não fosse completa. A Hellada, quando veio a ser provincia romana, conservou, sob o ponto de vista das artes, a superioridade que adquirira sobre as outras nações; pois ainda foram architectos gregos que em Roma construíram a maior parte dos bellos monumentos que datam do fim da republica e do principio da era imperial.

Não devemos deixar de nos occupar da celebre capital da Attica para admirarmos os restos dos seus magnificos monumentos, ornados com obras primas que nunca se poderão igualar; mas convem primeiro tratarmos das ruínas da Lydia, essa parte occidental da Anatolia, pertencente á região da Asia-Menor, situada sobre a sua costa Oriental, entre a Myria e a Caria onde se fundaram, sendo todas estas cidades gregas as que formaram a confederação Jonica. Essa Lydia teve por ultimo rei Crezus, tão celebre pelas suas avultadissimas riquezas, como por ser dado aos excessivos prazeres; assim como pela grande protecção que lhe mereceram as Bellas-Artes. Era sua côrte a patria dos doutos e dos philosophos, e foi a um d'elles que deveu não perder a existencia, como lhe aconteceu perdendo todos os seus haveres; pois quando no auge da sua grandeza mostrava cheio de orgulho a Solon os seus immensos thesouros para elle

admirar quanto era feliz, o illustre philosopho limitou-se em lhe dizer: « Não chamemos ninguém feliz antes da sua morte. » Esta grande maxima em breve tempo confirmou a judiciosa reflexão do philosopho. Cyrus, esse regenerador do imperio da Persia, e um dos maiores conquistadores da Asia, tomando de assalto a capital da Lydia, Sardes, no anno 548 antes da era vulgar. na qual Crezus estava cercado, mandou que o fizessem prisioneiro. Sendo depois conduzido á presença de Cyrus, este mandou fazer uma fogueira para elle ser queimado vivo. Então o desditoso monarcha conheceu a verdade das palavras do philosopho de Athenas, e não poude deixar de exclaimar na presença de seu tão grande infortunio: « O' Solon, Solon ! » Isto causou admiração ao conquistador, e quiz saber o que significava aquella exclamação: deu-lhe o captivo rei a explicação, referindo o que o philosopho lhe dissera a respeito da felicidade sobre a terra. O victorioso rei reflectindo sobre a instabilidade das cousas humanas, revogou então a sentença proferida, e quiz ter o infeliz inimigo junto da sua pessoa, honrando-o com a sua confiança para lhe suavisar o seu cruel destino. Ha factos no mundo, cuja lembrança serve em todos os tempos de lição aos homens.

Havendo-se estabelecido os gregos de origem Jonica, em 1140, no littoral da Asia-Menor, desde a Phocæa a Mileto, ali fundaram as suas 12 cidades principaes; e foram os povos d'esta nação que tiveram uma civilisação a mais rapida; conseguindo grande prosperidade no commercio e na navegação, até adquirindo grandes riquezas. Amavam o luxo com paixão, e chegaram a ter no maior auge de desenvolvimento as Bellas-Artes; assim como a poesia e a philosophia nasceram n'este paiz, sendo Homero filho d'este solo privilegiado. O dialecto Jonico era o mais agradável da lingua hellenica, e o modo na musica Jonia era tambem o de mais melodia e voluptuoso.

Foram estes povos dotados de tão delicado gosto que crearam a bella ordem de architectura Jonica, com que aformozaram tantos soberbos templos em toda a Grecia, e principalmente em Sardes, capital da Lydia, no formoso templo de Cybele, deusa da Terra, filha do Ceu, mulher de Saturno, e mãe de Jupiter, de Juno e Neptuno; esses mythos que representavam o mundo. Era Cybele adorada na Phrygia e em Creta. O seu culto foi introduzido muito tempo depois em Roma por Annibal; tendo vindo a sua estatua de Pessinonte, cidade da Galacia, e acreditando esses povos que esta estatua havia caído do céu !

Representavam a Deusa proxima a augmentar a geração humana, e tendo os peitos cheios do doce succo que alimenta a humanidade no berço,

como emblema da fertilidade da terra e da sua constante reproducção.

As ruínas de Sardes estão quasi todas destruidas, pois tendo sido tomada esta cidade á viva força, incendiada, saqueada sete vezes pelos Scythas, Persas, Gregos, Godos e Sarracenos; abalada até aos seus alicerces na occasião do horroroso tremor de terra que houve no reinado de Tiberio, que devastou toda a Asia-Menor, soffreu ainda uma outra tão completa devastação em 1402, causada pelos soldados de Tamerlão, que hoje existe deserta, triste e silenciosa ! Não fallamos em duas magnificas columnas, alem de outras 4 que ainda existiam no seculo passado, pertencentes ao famoso templo de Cybele, construido no reinado de Alexandre o Grande. O seu nobre e grandioso aspecto mostra ainda qual seria a magestosa vista do monumento completo. Posto que estas columnas estejam com uma terça parte enterradas, todavia se não fosse a bella perfeição que os architectos gregos souberam empregar para a sua arte monumental, uma columna de outro character architectonico, que figurasse n'esta ruína, talvez nos causasse assombro pelas suas excessivas dimensões, mas não teria o encanto que esta produz á vista, não obstante ser composta de pedras sobre-postas, pois nem mesmo se fosse uma columna monolitha, impressionaria o nosso entendimento, indicando não sómente que pertenceram a um grandioso templo, mas que a razão, a sciencia e o gosto presidiram á sua edificação. Este sublime da arte monumental foi só á Grecia dado ter faculdade de o poder crear; e não obstante transplantar a sua portentosa architectura para differentes regiões, conservou sempre o seu character, de simplicidade, harmonia e magestade.

Estas ruínas da antiga cidade queimada pelos Athenienses em 509 e que deu origem á guerra Médica, ficam proximas da base da cordilheira do Tmolus, montanha da Lydia; vendo-se os cumes graniticos d'esta montanha que se erguem atravez estas columnas, e parecem querer competir com ella pelo seu aspecto grandioso, entre as obras dos homens e da natureza. N'este contraste mais se faz sobressair a sua extraordinaria belleza. As ruínas d'este templo deserto causam no observador intelligente uma profunda melancholia pela perda de tão sublimes obras.

Entre as cidades da confederação Jonica avultava a principal que havia na Asia Menor, a celebre Epheso, fundada pelos Carios, a qual possuia uma das sete maravilhas do mundo, o afamado templo de Diana, mandado construir por Cresus. Este templo, pela sua superior celebridade, deu causa á sua destruição. Erostrato incendiou-o, com o fim de seu nome passar á posteridade por ter commettido tão grande desvario, no anno 366 antes de Jesus Christo,

no mesmo dia em que Alexandre o Grande nasceu. Quiz elle depois reedificar essa maravilha, porém o povo se oppoz a isso, porque, sendo um deus, não lhe pertencia levantar o templo pelos deuses.

Foi depois reedificado á custa de todas as cidades da Asia, com maior magnificencia pelo architecto Clésiphon; porém este segundo templo foi igualmente destruido por Constantino. Epheso era a patria dos insignes pintores Apelles e Parrhasios. Esta cidade tinha sido fundada na sua primitiva pelas heroínas Amazonas que habitavam as margens do Thermodão no Tom, tendo por capital Themiscyro; as quaes tiveram rainhas celebres, entre ellas Phomysis que fez perecer Cyrus, depois de ter desbaratado os seus exercitos.

Os Gymnasios, esses grandes edificios destinados na Grecia ao exercicio dos athletas apresentando-se com o corpo nu, eram divididos em duas grandes divisões proprias do destino para que servissem; ainda hoje apparecem as minas das macissas arcadas do gymnasio que pertencia a Epheso; e posto que sejam vestigios informes, deixam comtudo ver qual seria a importancia da sua extraordinaria construcção.

De todos os generos de obras que pertencem á arte de edificar, nenhuma obteve mais solidez, grandeza e magnificencia, que os edificios consagrados ao culto e adoração da divindade; e nenhuns mais multiplicados que aquelles nos quaes um sentimento universal concorreu em todos os tempos e em todos os paizes, para que fossem dignos de prestar homenagem á Divindade. Esta a origem de se levantarem edificios sagrados; logares de reunião, ou de crenças e de ceremonias feitas em commum, vindo a ser um vinculo espiritual, o qual produziu este accordo moral e essa attracção poderosa que os homens, vivendo sem atilado accordo e isolados, são levados por um sentimento providencial a formarem-se em corpo politico, sob o nome de cidade, de povo, ou nação.

Qualquer idéa tem necessidade de signaes que a fixem, que a façam evidente e perpetuem. A idéa de Deus, posto que seja inherente á natureza do homem, ainda que seja instinctiva, é o resultado necessario do desenvolvimento da sua razão, não obstante, precisa que seja lembrada e despertada á intelligencia, para manter a idéa do Creador como o principio de todas.

Ora é nas construcções dos templos, e na variedade das suas fórmãs, que a intelligencia de cada povo parece ter esgotado todos os recursos que se pode imaginar de mais acertado na architectura, para elevar o sentimento e o espirito dos homens ao nivel da grande idéa que tão importante obra de arte devia representar.

É pois n'estas grandiosas edificações, que deve-

mos ir procurar o character da arte monumental da Grecia; não só pela sua superior significação como por ser o unico typo do bello, e do sublime que na architectura nos deixou esse povo celebre, que nos causa admiração e assombro, que nos serve de mais util estudo na architectura.

O templo Grego apparece á nossa vista concluido completo como epopéa de Homero, sem se poder descobrir a sua origem de uma maneira positiva. A idéa fundamental do templo grego era sem duvida a que determinava as disposições do seu culto; esta idéa exigia a separação imperiosa e absoluta do sagrado e do profano. Eis aqui porque o solo natural do rochedo era nivelado primeiramente para elevar depois sobre elle um espaçoso terraço; não só destinado a estabelecer uma boa sahida do templo, como igualmente uma união permanente com o solo do paiz, e que parecesse tambem como uma cousa feita especialmente, uma obra solemnemente fundada, e levantada sobre a sua propria base, e ficasse sempre superior ao solo, que não podessem os homens calcar diariamente, quando corressem aos seus negocios. É no limite d'este alicerce reservado que espaçosos degraus cercam ainda o contorno do edificio sagrado, devendo ser só tres para confirmar o prognostico feliz de vêr o primeiro e ultimo degrau pisado sempre pelo pé direito.

Conforme a sua destinação, o logar onde está collocada a representação da divindade devia ser solido, estavel e em recinto vedado. Por conseguinte grossas muralhas circumscreviam o espaço occupado pelo sanctuario, a *Cella*, que era quadrada, e voltada para o Oriente. Porém este sanctuario devia ao mesmo tempo ser accessivel e visivel. Na frente da fachada do templo estava collocado o altar dos sacrificios, e os sacrificadores deviam exercer as suas attribuições na presença da Divindade. Foi preciso um espaço intermediario entre o local occulto aos profanos e o recinto exterior; o que se obteve deixando a fachada oriental do templo aberta.

Tal é o esqueleto do templo grego. Cada uma das partes de que se compõe é uma fracção indispensavel e essencial do todo, e que preenche, no logar que occupa, o complemento geral da concepção do plano, sem ser todavia por si só cousa alguma. É o kosmos do Estado dorico symbolisado na pedra; formando uma harmonia que fere o observador pela sua severidade imponente, que tranquilliza ao mesmo tempo pelo seu aspecto de estabilidade, e apresenta ao espirito a significação sagrada proveniente da precaução determinada pelo culto, ficando evidente aos seus olhos de uma maneira palpavel e de um modo surprehendente.

Esta impressão moral do monumento Dorico não devia ser diminuida por nenhum adorno exterior;

assim como a articulação interna deve apparecer na sua singela verdade, e na sua completa essencia. Se o pensamento politico dos Dorios se desenvolveu essencialmente sob a auctoridade do Oraculo de Delfos, é de presumir que o templo Dorico tivesse uma origem identica. O desenvolvimento e o progresso do estylo Dorico estão certamente em relação com o sanctuario d'onde saíram os primeiros fundamentos para a organização social d'este povo. Portanto a ordem Dorica é das tres ordens da architectura grega, indubitavelmente a mais indigena, e pode-se appellidar a ordem por excellencia; pois é n'ella que se encerram os principios e o caracter monumental da architectura grega. Por este motivo, não é para surprehender, que quasi todos os monumentos que nos ficaram pertencentes aos Gregos sejam ornados com esta mesma ordem. Isto nos, convence que elles a empregaram com complacencia, e uma especie de profusão durante muitos seculos; e em todos os paizes onde o seu dominio penetrou, essa ordem predilecta teve sempre a preferencia para ornar os seus mais importantes monumentos.

Nas principaes cidades da Grecia, da grande Grecia e da Sicilia, unicamente nas cidades mais florescentes, era esta mesma ordem escolhida para fazer realçar esses magnificos monumentos. Se todos esses soberbos edificios apresentam um caracter semelhante e contemporaneo, foi porque todos elles pertenciam ao bello periodo das Bellas-Artes n'aquelle paiz classico.

A preferencia que tinha a ordem Dorica para se applicar nos templos das principaes divindades, e igualmente nos edificios mais importantes, era porque, no entendimento dos gregos, se reputava como a mais apropriada para indicar o grandioso. Esta ordem é pois o complemento da architectura grega no seu mais elevado grau; sendo o resultado do gosto apurado e da experiencia adquirida em muitos seculos, que lhe fez conseguir esse conjuncto de concepções, baseadas em relações as mais bem combinadas, obtidas pela reflexão, e inspiradas pela sublimidade da intelligencia e do pensamento!

Tudo aquillo que concorre para produzir a idéa de força e solidez é um caracteristico proprio

dos templos Doricos: todavia a força, a gravidade, o poder e a energia não excluem da architectura, como da esculptura, reunir tambem uma certa graça, leveza e mesmo elegancia; pois que a expressão extrema de uma qualidade não apparece nunca sem ter contacto com a expressão da qualidade inversa. E' na difficuldade de não ultrapassar esses limites, que consiste o verdadeiro talento, o gosto delicado e o merito do artista summado nas produções da sua arte.

O que mais distingue de todas as outras a arte monumental grega, é esse systema de imitação e de proporção, que se acham eminentemente assignalados na ordem Dorica, o que se pode observar no templo de Pæstum; pois constitue um dos mais importantes que possuímos da architectura grega.

Este caracter é de tal forma proprio a esta architectura monumental, que é o seu distinctivo especial, e esse caracter foi originado pela imitação das construcções primitivas, feitas de madeira, que este povo artista havia primeiramente adoptado.

O que estabeleceu entre a arte monumental da architectura grega e as outras artes monumentaes, a diversidade mais caracteristica, é que o modelo da primeira sendo já um complexo da correlação e de partes unidas umas com as outras, o seu aperfeiçoamento devia, com o correr dos tempos, vir a formar um systema de proporções, capaz de estabelecer n'esta architectura uma fixidez de principios, uma forma determinada e regras invariaveis, como se nota e verifica nos seus monumentos.

O bello templo de Pæstum, cidade antiga pertencente á Grande Grecia na Lucania, exprime no maior grau essa perfeição, essa força, essa magestosa harmonia, como o melhor exemplo d'esses principios invariaveis, e da regra constante seguida n'esta arte monumental.

O recinto d'esta mesma cidade encerra ainda um grande numero de outras ruinas, das quaes a principal é este famoso edificio; tendo a nave interior dividida por tres naves, formadas por dois renques de columnas com duas ordens sobrepostas.

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MÉMOIRE DE L'ARCHÉOLOGIE SUR LA VÉRITABLE SIGNIFICATION DES SIGNES QU'ON VOIT GRAVÉS SUR LES ANCIENS MONUMENTS DU PORTUGAL, APPARTENANT A L'ARCHITECTURE DU MOYEN-AGE. AVEC 45 PLANCHES ET FAC-SIMILES.

(Voir le n.º 2 pag. 29.)

L'architecture ogivale a élevé ces constructions extraordinaires dans les pays catholiques au moyen-

âge, à l'époque où la foi était dans toute sa vigueur; et quand même le sentiment religieux des peuples n'aurait pas été si exalté, les artistes et les ouvriers de cette époque n'auraient pu exécuter ces édifices, bâtis d'une manière si admirable par la hardiesse de leur conception, et par la difficulté de leur travail, et leur donner en même temps cette agréable harmonie qu'on observe dans ses

grandioses constructions; cela étant dû au constant accord et à l'obéissance passive établie parmi les différents artistes et les ouvriers désireux de mettre en pratique les beaux plans de l'habile Maître Maçon, tous étant alors également pénétrés de ce sentiment religieux, qui avait tant d'empire sur les idées des habitants de l'Europe à cette époque.

Pour pouvoir exécuter des travaux aussi importants il a été nécessaire d'avoir beaucoup d'ouvriers, d'autant plus qu'on faisait de semblables travaux en plus d'un pays, et presque en même temps; et pour l'exécution desquels on donnait la préférence aux ouvriers les plus habiles, et ceux-là étaient précisément de la Société des franc-maçons; pour ce motif ils étaient recherchés partout pour ces constructions.

Quoique le nombre de ces adeptes fut considérable, cependant il en fallait davantage pour satisfaire à tant de travaux en train d'exécution: c'est pourquoi ils ont été appelés à venir aussi travailler aux monuments du Portugal, avant et pendant les travaux de l'église et du couvent de Batalha.

Il y a encore une autre raison bien plus forte pour confirmer l'opinion que nous allons donner sur cette question; c'est que les travaux ne marchaient pas bien vite; non seulement à cause des grandes dimensions données à ces édifices, mais surtout parce qu'on employait des pierres de taille de petit volume, et toutes ces constructions étaient faites avec des pierres des parements faits sur toutes leurs faces; ce qui augmentait considérablement la main d'œuvre; le seul moyen dont on s'était avisé pour éviter cet inconvénient et pour activer les travaux, et en même temps pour obtenir plus de gain aux ouvriers, c'était de leur donner à forfait la coupe de ces pierres, d'après les dimensions données et ornées suivant les dessins de l'architecte. Cependant pour faire les paiements à un si grand nombre d'ouvriers sans se tromper, pour savoir au juste ceux qui avaient fait les différents ouvrages dont ils étaient chargés, car on ne pouvait perdre du temps à attendre que toutes les pierres fussent prêtes avant de commencer à les mettre en place; les ouvriers façonnaient leurs pièces les unes après les autres; et pour éviter de changer leur travail l'un par l'autre, les tailleurs de pierre avaient l'habitude de marquer leurs pièces d'un signe convenu, comme représentant leur signature, ou paraphes, pour qu'on sût combien il leur était dû pour leur travail. Voilà la raison, selon nous, pourquoi on remarque tant de signes différents, non-seulement sur le même monument, comme sur les autres qui existent en différentes provinces du Portugal; et pourquoi ils se trouvent sur ces pierres en divers endroits. Car les maçons ne pouvant attendre que le même tailleur de pierre achevât toutes

les pierres d'une même assise, pour remplir des murs si gros, ce qui aurait été impossible, à proportion qu'il finissait les pierres commandées, on lui en faisait commencer d'autres pour un autre endroit, et pour être posées plus haut; puisque d'autres ouvriers étaient en train de préparer les autres pierres qui devaient se joindre à celles que leurs compagnons antérieurement avaient achevées.

A cette époque le peuple ne savait pas écrire, et pour cela les ouvriers étaient obligés de se servir de certains griffonnages qui désignaient chaque individu en particulier; cet usage passait de père en fils, de la même manière c'était l'habitude dans ce temps là (comme encore aujourd'hui dans beaucoup de familles), que les fils exerçaient le même métier que leurs pères. Voilà encore une raison de plus pour nous faire croire que des signes pareils qu'on voit sur les édifices des provinces du Portugal, que les tailleurs de pierre d'une telle localité (et par la date de l'édifice il sera facile de savoir où l'ouvrier a été d'abord employé), ont aussi pris part à la construction de tel monument du même style dans cet endroit.

Notre supposition sur ce point nous conduit encore plus loin; car elle nous fait connaître aussi combien d'ouvriers de la même famille, c'est-à-dire ayant un même surnom, auraient travaillé au même édifice et à la même occasion; et pour parvenir à savoir cela, il suffit de remarquer la seconde marque ajoutée au signe spécial qu'ils avaient adopté pour eux; laquelle sera alors identique pour tous leurs parents; ces signes seront indiqués par un zéro 0, un triangle Δ , un disque $\bigcirc$, une petite croix $\ddagger$, et un trièdre, joint à cette figure ou séparé d'elle. Planches 6, de 9 à 12; 17, 18; de 21 à 24; 27, 29, de 30 à 33; de 35 à 37, de 39 à 41 et 45.

Nous pouvons aussi nous assurer si le même ouvrier a fait tout seul un ouvrage complet. Dans ce cas on trouvera sur la pierre un signe seulement; exemple qu'on voit dans les parties isolées de la construction, ou sur des objets de petite dimension. Comme on remarque sur la jolie porte de la chambre à coucher de S. M. la Reine, et celle des appartements de S. M. le Roi D. Ferdinand, dans le palais Royal de Cintra. Planche 33, fig. M.

On pourra nous faire une objection sur la manière dont nous prétendons expliquer le motif pourquoi on a mis les signes sur les pierres des édifices construits pendant le moyen-âge; car si ils étaient posés d'après notre conjecture, pour que ces signes servissent à montrer combien de pierres chaque ouvrier avait façonnées par semaine pour le même monument, et savoir par leur nombre ou cubage quelle devrait être la somme à recevoir pour son travail; alors si cette marque avait été

mise expressément pour cela, elle aurait dû être posée sur toutes les pierres. A cette observation, qui paraît avoir quelque fondement, nous répondons sans hésitation, que ce n'est pas une raison si les marques ne sont pas apparentes sur toutes les pierres, car elles peuvent se trouver sur les faces cachées dans l'épaisseur des murs, comme nous avons remarqué sur le portail de la vieille cathédrale de Coimbra, ayant vu ces signes H H, planches 2 et 3, étant cachés derrière les fûts des colonnes, et ils ne seraient pas apparents aujourd'hui, si ces fûts ne fussent pas cassés; mais nous croyons inutile ce soin, puisqu'il suffit de compter le nombre de pierres qui se trouvent séparées par deux signes différents, pour avoir une idée exacte à l'occasion où l'on construisait l'édifice, de la somme que ces pierres pouvaient rapporter à chacun des ouvriers.

Il ne doit pas non plus nous surprendre de voir sur ces pierres les signes mis de travers, car cela dépendait de la position qu'avait la pierre à façonner, mise vis-à-vis de l'ouvrier à l'occasion où il finissait son travail; et comme cette marque n'avait aucun rapport avec celles de ses compagnons, il n'y avait absolument aucune signification maçonnique, il lui était très indifférent que ce signe fût mis sur un côté quelconque de cette même pierre; comme c'était aussi la dernière chose à faire avant de la mettre en place, l'ouvrier la marquait selon la position où elle se trouvait sur son chevalet, ne voulant pas se donner la peine de tourner la pierre pour choisir le côté convenable pour mettre son signe; comme on remarquera sur la position des pierres T. T. T. des planches 2, 3, de 6 à 12; 14, de 16 à 27; 29, 36, 38, 39, 41, 43 et 45. Cela vient encore à l'appui de notre conjecture, comme la plus naturelle sous quelque rapport qu'on la considère.

Quand un même tailleur de pierre faisait toutes les pièces d'une colonne, ou un chambranle de porte ou de fenêtre, alors on voit la marque sur la base ou le socle, qui était la place choisie pour mettre le signe adopté par l'ouvrier; cela n'empêche pas que l'on voit sur l'autre colonne ou chambranle de la même baie, une autre marque différente; car cela nous dit clairement qu'un seul ouvrier a façonné cette partie de l'ouvrage, et que pour cela on ne trouve aucun autre signe sur les autres pierres qui composaient ce travail. Examiner les belles fenêtres de la façade du palais Royal de Cintra, planche 41, fig. R. R. R.

Il n'en n'est pas de même cependant pour les pierres que forment les arcs des voûtes ou les arcs boutants; car chaque pierre a un signe différent, attendu que ces pierres sont taillées d'après les modèles de panneaux, de sorte que plusieurs ouvriers

pouvaient faire ce travail en même temps; car comme il était nécessaire d'employer ce moyen, pour ne pas faire attendre cette partie de la construction dont dépendait la continuation des travaux; donc il n'est pas étonnant de voir sur chaque pierre un signe spécial, comme il était d'usage de faire; voilà encore un autre exemple qui vient appuyer notre opinion; celle de pouvoir connaître combien il était dû aux ouvriers pour le travail par eux façonné, pour qu'on pût leur donner le paiement correspondant.

Finalement, comment pouvait être, que ces signes soient ceux des ouvriers franc-maçons, quand on les a mis sur les pierres de plusieurs monuments plus anciens que leurs confréries fussent organisées?

Les signes hiéroglyphiques plus anciens de la Maçonnerie, qu'on trouve dans les livres imprimés, et dont nous donnons aussi une copie, planche 44, pour qu'on puisse les comparer aux autres trouvés sur les monuments en Portugal, on remarquera tout de suite la grande différence qu'il y a dans la configuration de ceux, que les ouvriers du moyen-âge nous ont laissé gravés sur les pierres; cependant si ces marques avaient quelques rapports avec les signes symboliques appartenant à l'ancien Rite Maçonnique, nécessairement la plupart d'entre eux, même gravés avec beaucoup d'imperfection, devaient sans doute paraître tant soit peu semblables à ceux que l'ordre des franc-maçons avait adopté. Une autre indication très positive que ces signes n'appartiennent pas à l'ordre maçonnique, c'est que les ouvriers ont marqué quelques pierres sur différents édifices avec des signes imitant les caractères romains, onciales et gothiques! Comment pourrions nous expliquer cette façon inusitée d'indiquer de cette manière sur les pierres que ces ouvriers étaient des franc-maçons?! Cela ne viendra-t-il pas donner encore plus de force à notre opinion? Démontrant que tous ces signes ont été faits par pure fantaisie, pour servir au but que nous avons exposé, que ces signes servaient uniquement aux tailleurs de pierre qui ne savaient pas écrire, de moyen pour marquer le travail qu'ils faisaient; tandis que ceux, qui étaient plus intelligents et en ayant déjà connu la valeur des lettres, auront alors marqué avec les lettres initiales leurs noms ou leurs surnoms pour désigner quelles étaient les pierres par eux façonnées.

Nous avons trouvé gravés sur différents édifices presque toutes les consonnes, comme on peut s'en assurer en examinant les planches que nous donnons.

Pour tirer toutes les doutes à cet égard, on voit sur le mur qui fait le fond du beau cloître du couvent de Belem à Lisbonne, et qui a la face tournée vers le Nord, plusieurs pierres marquées avec de très-grandes lettres réunies de cette façon SIL, planche 42, ce qui signifie très-clairement le nom de

Silva, qui est le surnom de beaucoup de familles portugaises; et dans ce cas il serait le nom de l'ouvrier tailleur de pierre, lequel aura travaillé pour ce cloître.

Nous laissons à l'impartialité des personnes données à ces recherches, de faire cette comparaison avec les 344 signes copiés sur les pierres des monuments anciens qui ont été bâtis dans ce pays, et nous les offrons dans les 45 planches de ce mé-

moire; par ce moyen ils pourront former leur jugement sur ce point de l'archéologie, que nous présentons au public pour servir d'étude sur les antiquités de ce royaume. Cette question dans son genre n'est pas la moins intéressante à résoudre sur l'histoire de l'art en Portugal.

Cintra, 17 Mai 1868.

LE CHEVALIER J. DA SILVA.

CONCLUSÃO DOS EXCERPTOS DA CORRESPONDENCIA A QUE NOS REFERIMOS NO ANTERIOR NUMERO, PAG. 31

Sr. — Peço perdão de me ter demorado tanto tempo em agradecer a V.... a muito interessante memoria sobre os signaes gravados que se encontram nos antigos monumentos de Portugal.

Este importante trabalho de V...., sem duvida de grande interesse para a historia dos nossos monumentos, não o é menos para os da archeologia da Europa, e faz muita honra aos seus conhecimentos, como pelo louvavel zelo em fazer conhecer fóra do paiz as riquezas nacionaes.....

Este que se honra de ser de V.

Junqueira, 13 de maio de 1869. — *Conde de Lavradio.*

Sr. — O trabalho por V.... publicado em lingua franceza sobre os signaes das pedras nos velhos monumentos é de importancia e curiosidade para os amadores.

A variedade d'estes signaes é tal que a opinião sustentada sobre a sua significação maçonica não tinha fundamento.....

É pois possivel que os signaes nas pedras fossem a abreviatura de algum pensamento que se quizesse exprimir.

Apresenta V... uma idéa muito plausivel, que desenvolve perfeitamente.....

Fez V... um bom serviço aos estudos archeologicos pouco adiantados entre nós. A mim obsequiou V... immenso offerecendo um exemplar do seu magnifico trabalho.

Digne se V... dispor de quem se preza de ser..... — *Conde de Samodães.*

2 décembre 1868.

Je suis très frappé, monsieur, de votre si précieux travail, j'ai étudié les signes déchiffrés par vous.

Vous aurez la gloire d'être le Champollion de ces hiéroglyphes.

Vous promenez le flambeau dans l'obscurité géologique comme Champollion dans l'obscurité égyptienne.

Je vous salue et le fondateur des Invalides du Travail à Lisbonne, et l'architecte-archéologue.

Vous avez bien mérité du peuple et de l'Art. Je vous serre deux fois la main. — *Victor Hugo.*

Nice, le 26 décembre 1868.

Monsieur.

J'ai reçu, Monsieur, votre intéressant ouvrage sur les signes gravés sur les anciens monuments du Portugal. Il en sera rendu compte dans le *Bulletin Monumental*, revue archéologique. Votre ouvrage m'a paru du plus haut intérêt, et tous les membres de la *Société Française d'archéologie*, aux quels je l'ai fait lire, l'ont jugé, comme moi: aussi est-ce à l'unanimité que nous vous avons proclamé membre étranger. Je serai flatté de recevoir vos lettres, si vous avez quelque communication à faire à la *Société Française d'Archéologie*.

Veuillez agréer, Monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée. — *V. de Caumont.*

Sr. — São muito judiciosas, e parecem-me muito concludentes todas as observações que faz, e razões que emprega para demonstrar, que os signaes, que se veem gravados nas pedras dos nossos monumentos antigos, não são symbolicos, mas sim particulares a cada um dos canteiros para com elles designarem o trabalho individual, facilitando assim o pagamento dos salarios.

Entendo, portanto, que V. tratou a questão muito bem, encarando-a por todos os lados, e até colhendo d'ella auxilio, pode dizer-se, um guia para investigações historicas, que muito interessam aos annaes da arte em Portugal.....

Essa memoria, com que acaba de enriquecer a litteratura patria, em um assumpto ainda não tratado entre nós, veio mostrar-me mais uma vez, entre tantas, quanto incansavel é V... em tudo que póde concorrer para lustre e aperfeiçoamento das artes, das quaes é tão distincto cultor e professor, e para honra e beneficio d'esta terra.

Quinta da Formiga em Villar do Paraizo, 29 de Outubro de 1868. — *Ignacio de Vilhena Barbosa.*

Sr. — Recebi agradecido, e li com o maior prazer a interessante Memoria, que V... me fez a mercê de enviar, e na qual se propoz a caracterisar a significação dos signaes esculpidos na cantaria dos antigos monumentos de Portugal.....

Mas lamento que a minha incompetencia recuse valor scientifico á declaração, que mui gestosamente faço, de que me pareceu plausivel a opinião que V... sustenta.....

Lisboa, 28 de Setembro de 1868. — *José Silvestre Ribeiro*

Penafiel, 20 de outubro de 1868.

Meu caro amigo e senhor. — Recebi o favor da sua carta de 18 do corrente, que acompanhava a interessante memoria que muito agradeço, e as quaes revelam não só profundo estudo e saber, mas ainda muito amor pela sciencia; e louvavel curiosidade de prescrutar todos os seus mysterios.....

Acho judiciosas como plausiveis e sensatas todas as rasões sobre o assumpto, que me parece haver resolvido o problema, senão com evidencia mathematica que não comporta, com as possiveis probabilidades de acerto: entendo tambem que prestou um grande e valioso serviço á sciencia e aos apaixonados d'ella; para bem merecer d'aquella e d'estes. Dou-lhe sinceros parabens.

Acredite que sou com a maior consideração..... — *Dr. Rodrigo de Beça.*

Dans la cathédrale de Guimarães

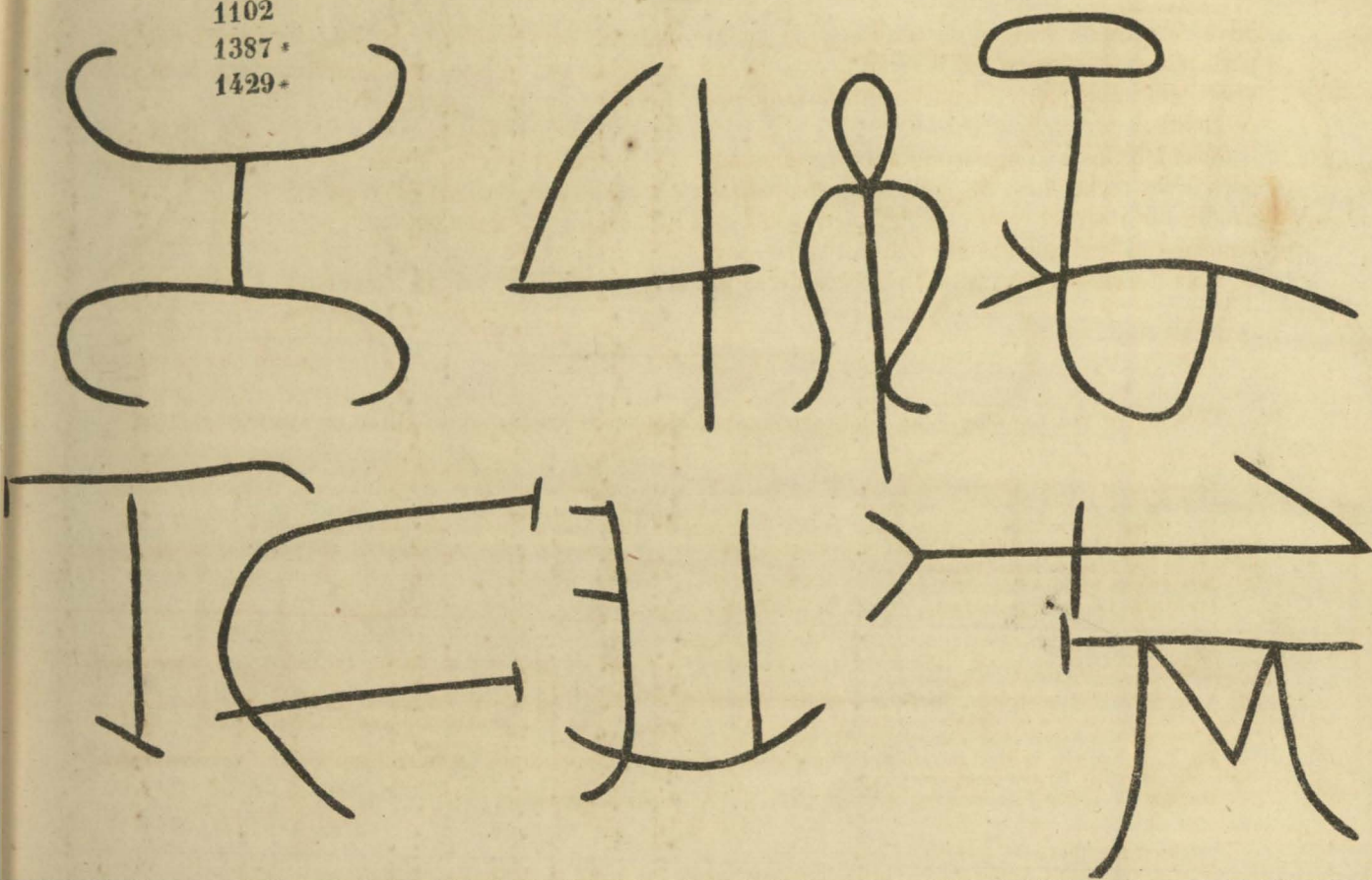
I

Guimarães

1102

1387*

1429*

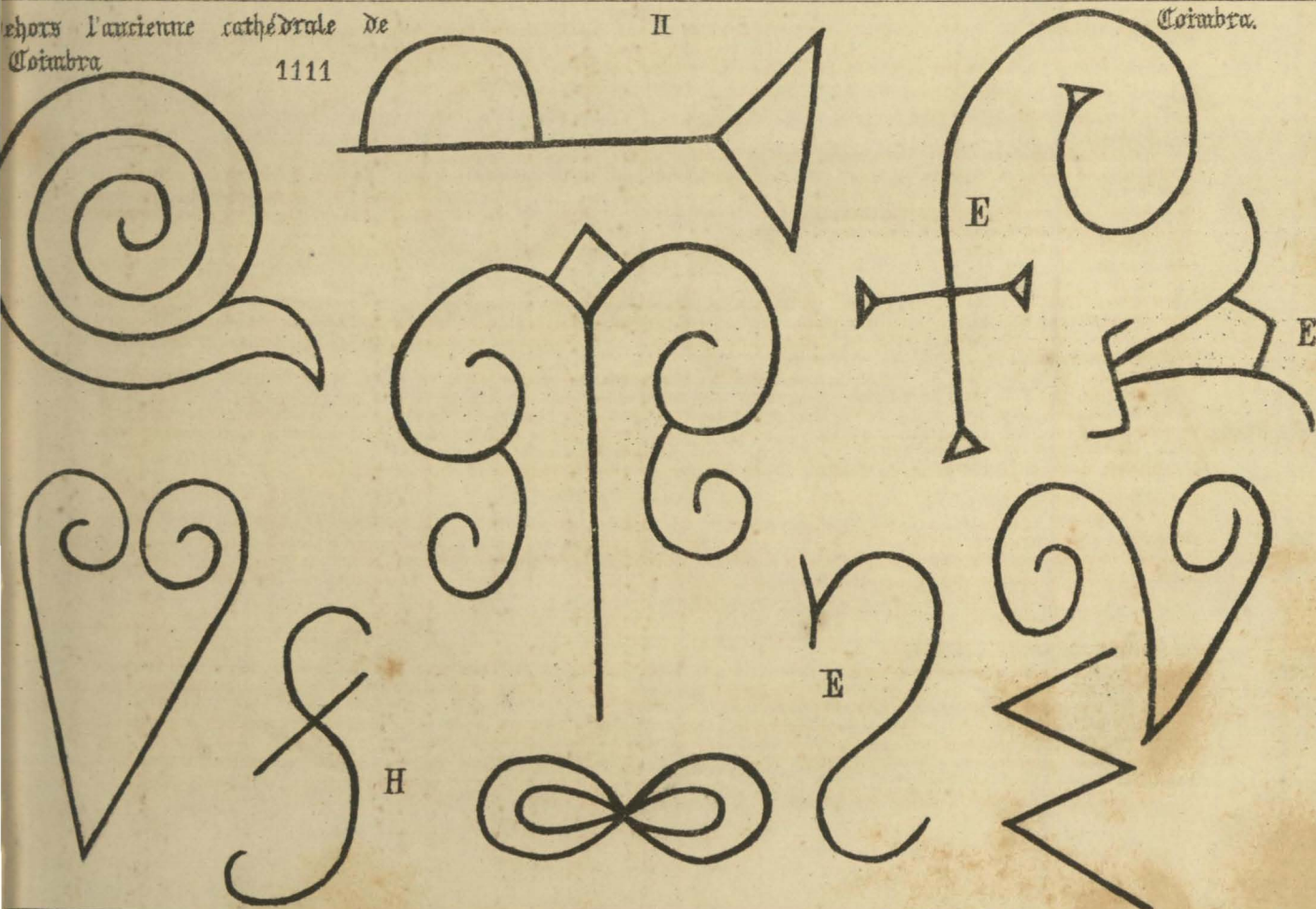


hors l'ancienne cathédrale de
Coimbra

1111

II

Coimbra

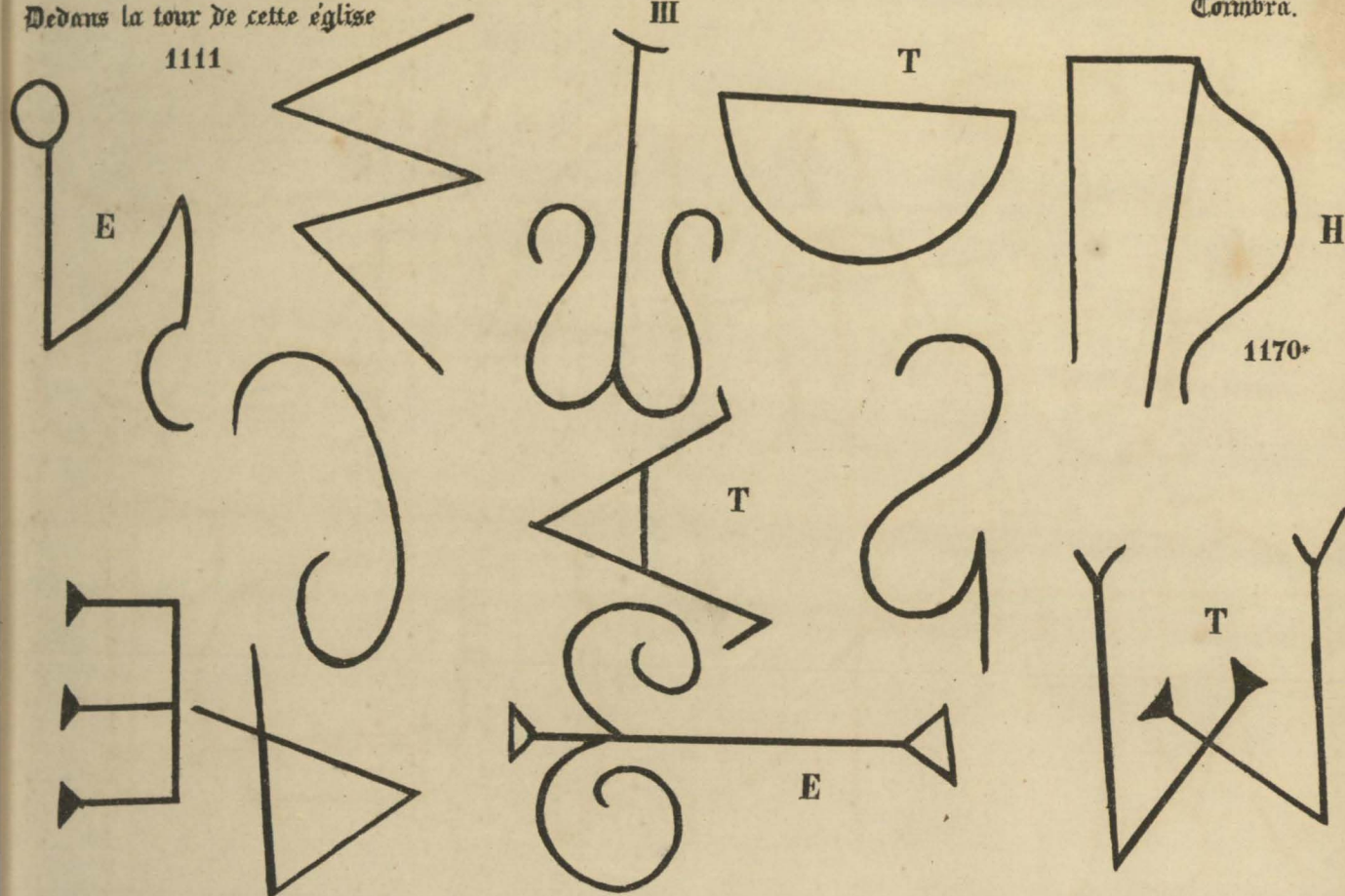


Dedans la tour de cette église

1111

III

Coimbra.



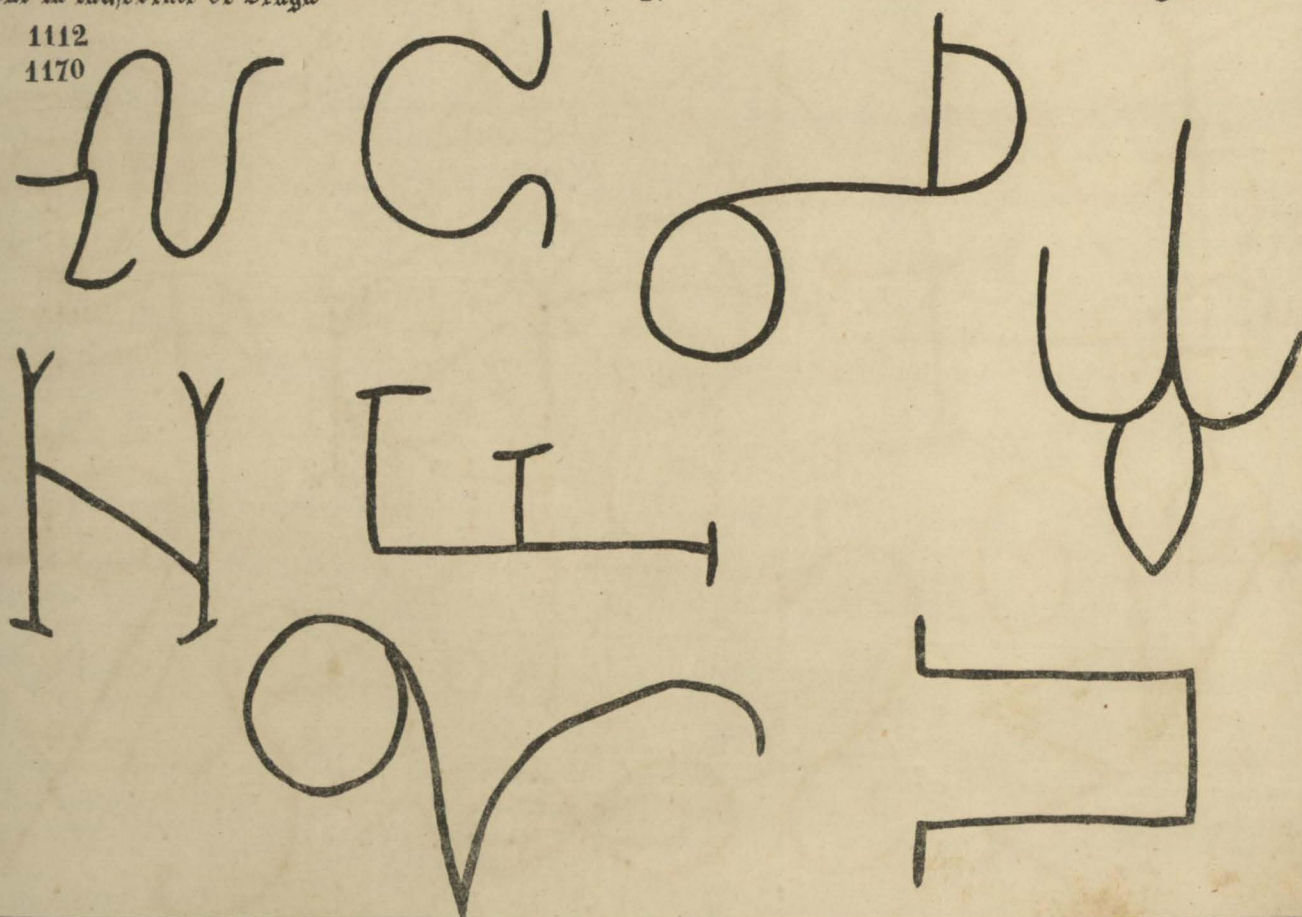
Sur la cathédrale de Braga

1112

1170

IV

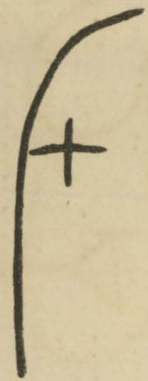
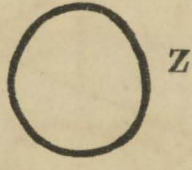
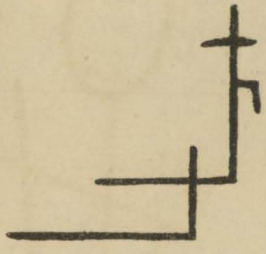
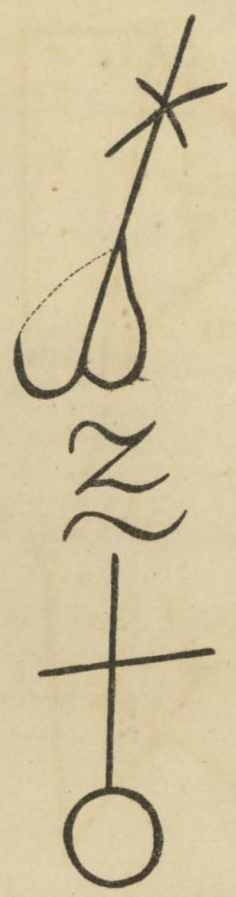
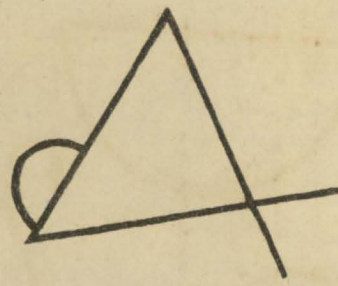
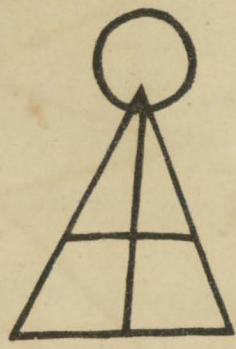
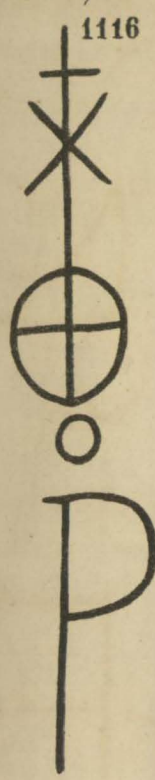
Braga.



edans la cathédrale de Porto

V

Porto.



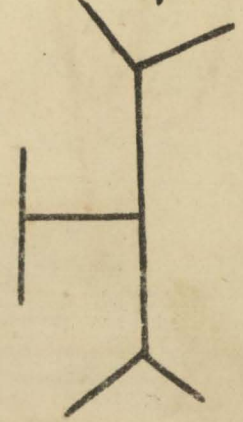
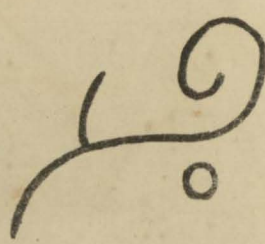
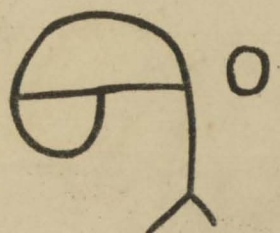
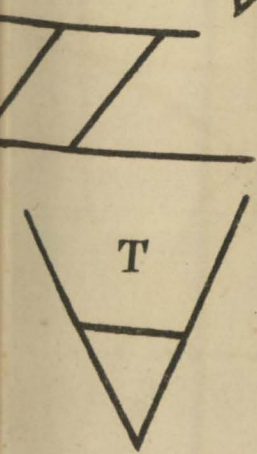
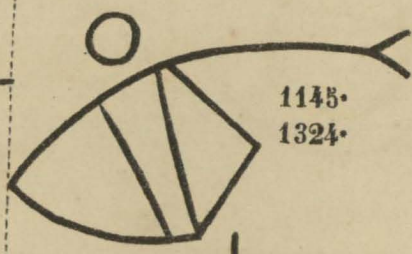
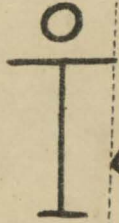
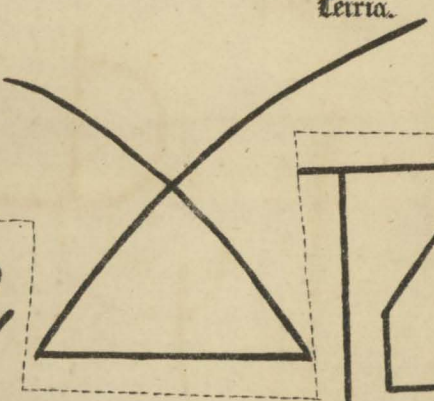
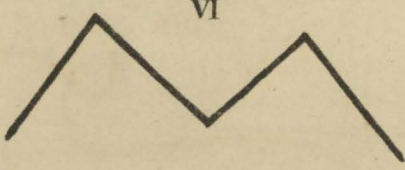
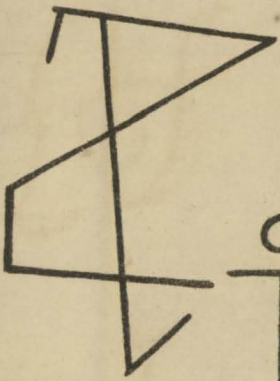
Sur le château de Seiria et dans la chapelle.

VI

Seiria.

1135

Z

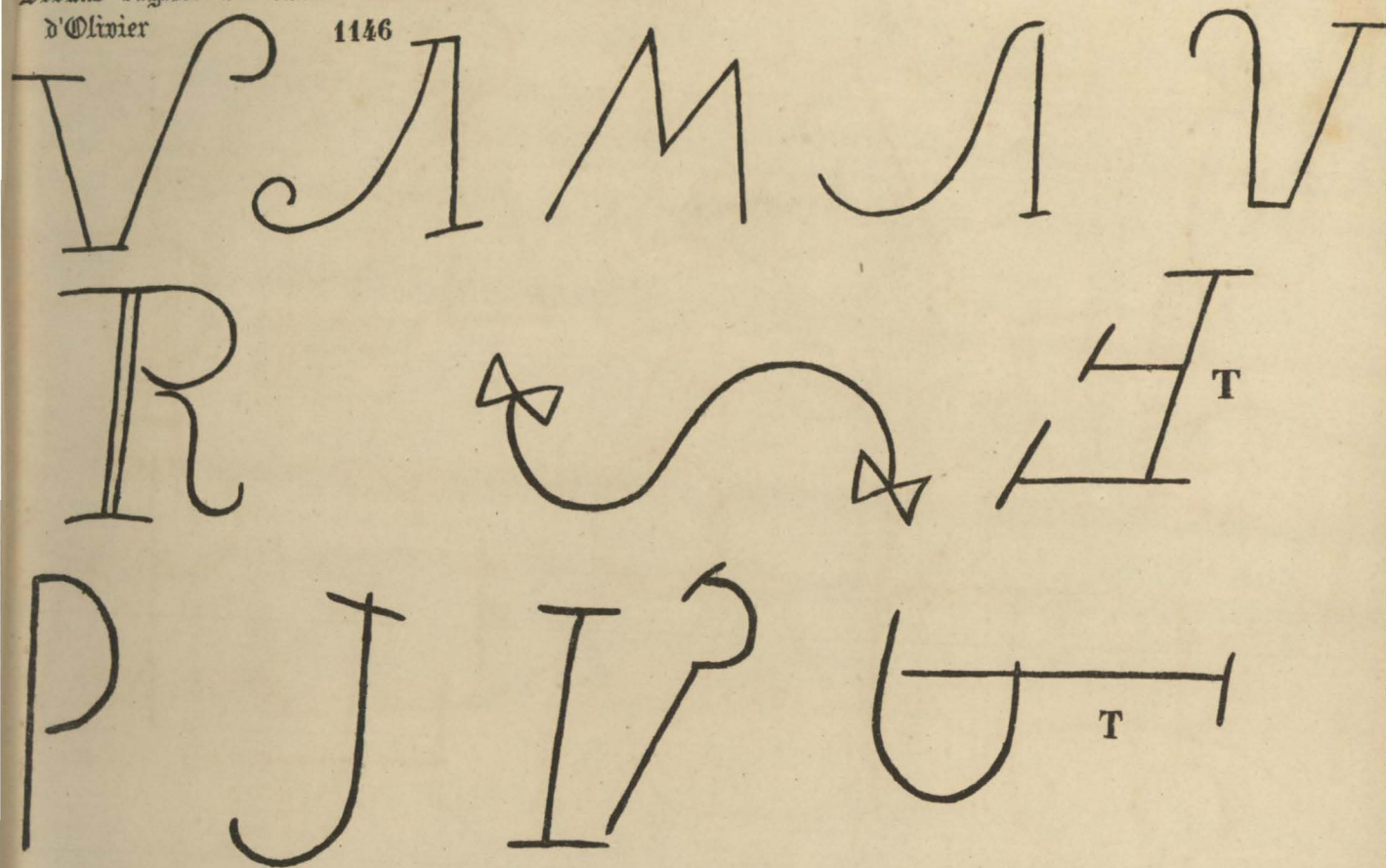


Dedans l'église de Sainte Marie
d'Olivier

1146

VII

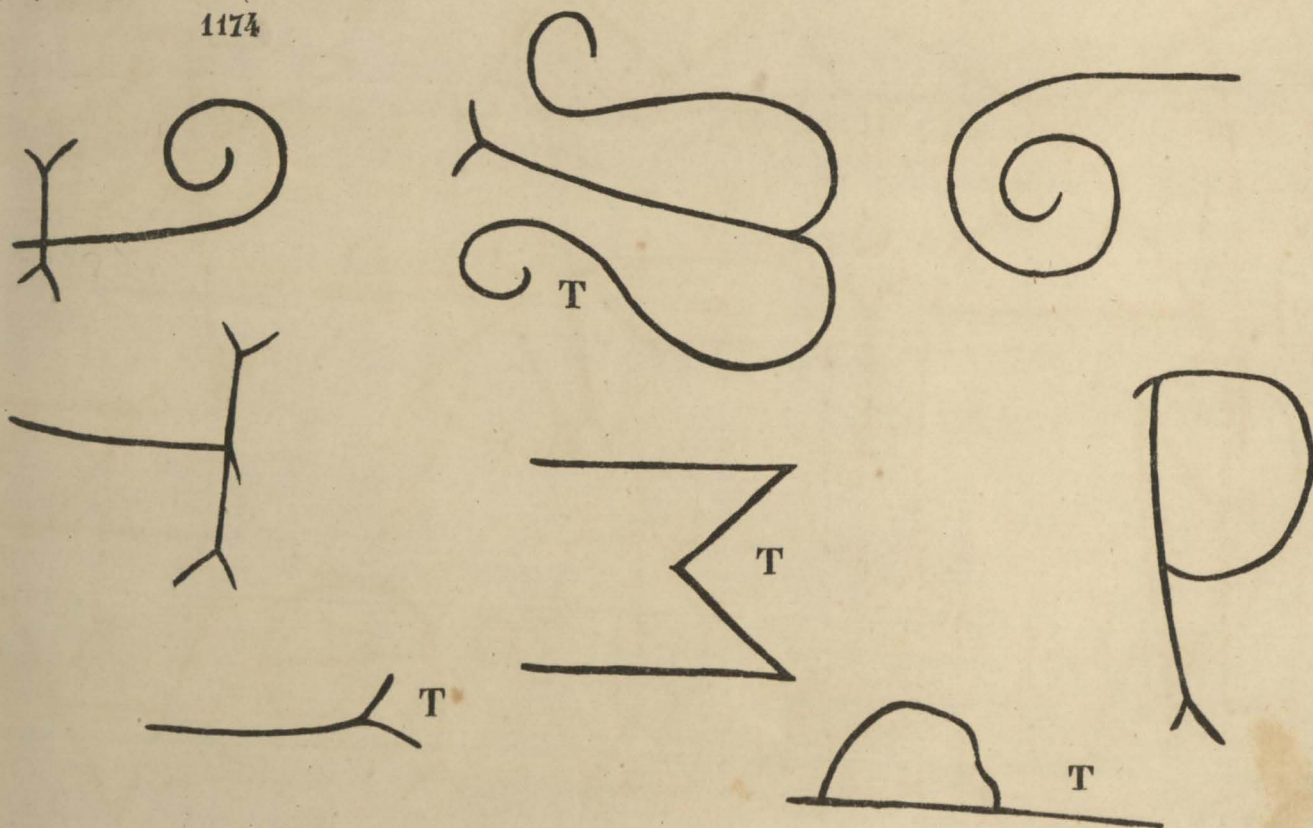
Thomas.



Dehors l'église de St Jean d'Alporão
1174

VIII

Santarem.

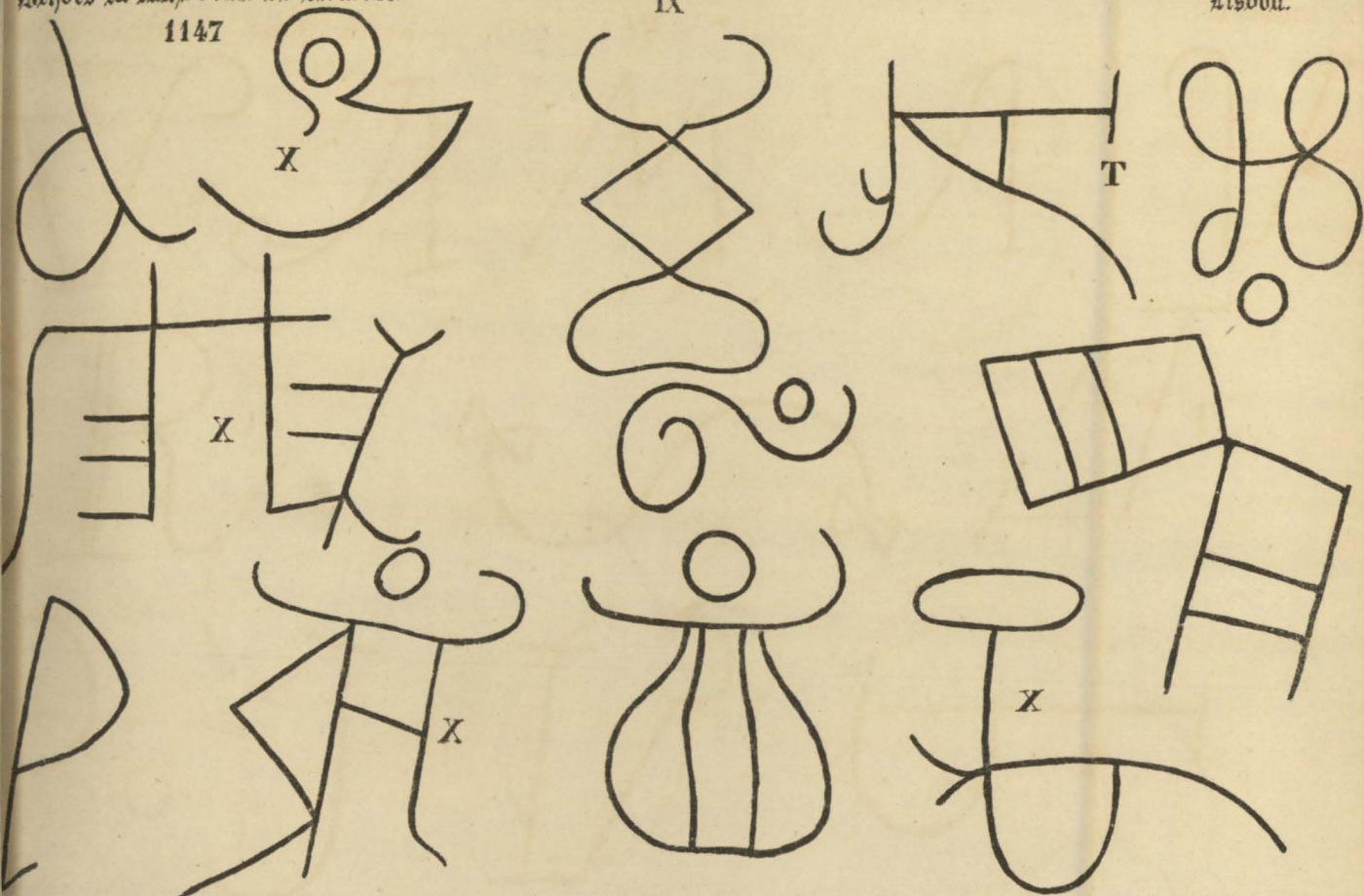


SIGLAS NAS CONSTRUÇÕES DA IDADE-MÉDIA

Dehors la cathédrale de Lisbonne
1147

IX

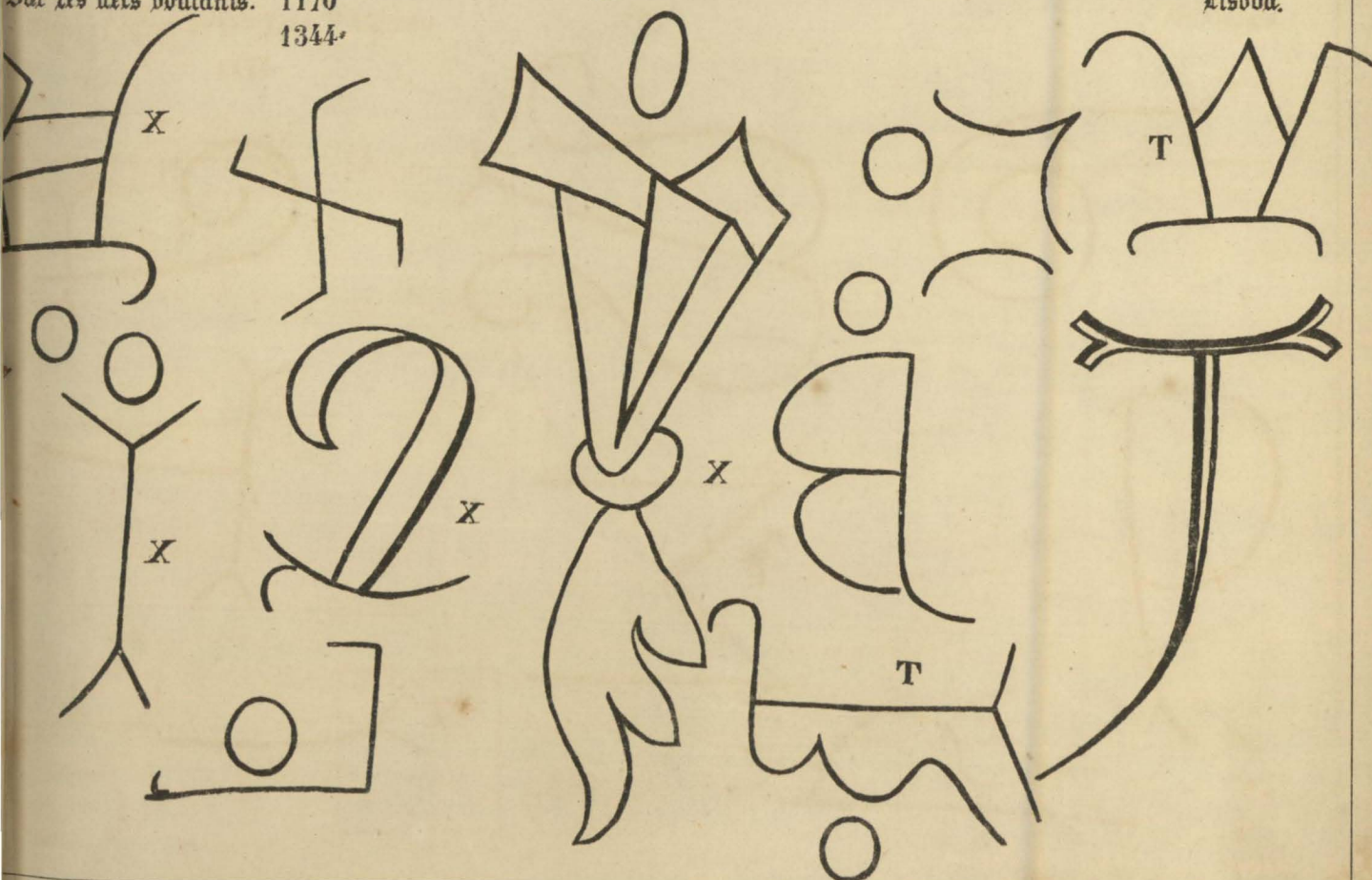
Lisboa.



Sur les arcs boutants. 1170
1344.

X

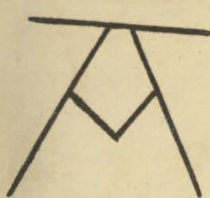
Lisboa.



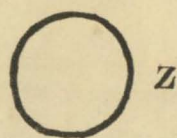
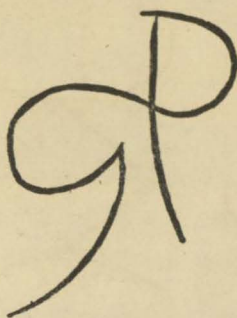
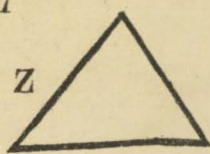
Dehors l'église de Saint Martin.
1147

XI

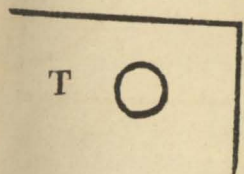
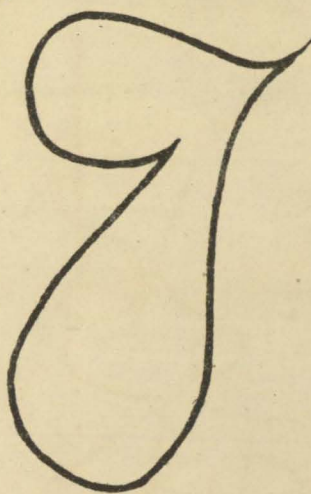
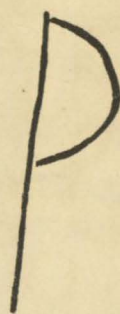
Cintra.



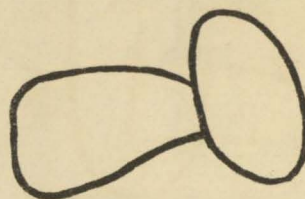
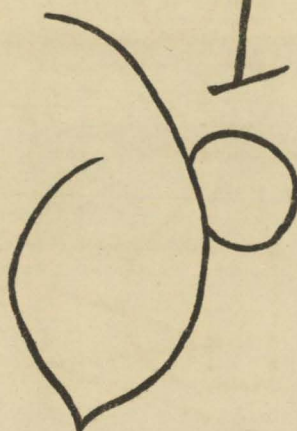
Z



Z



T

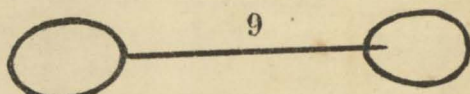
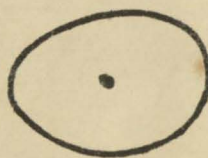
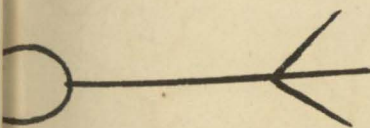
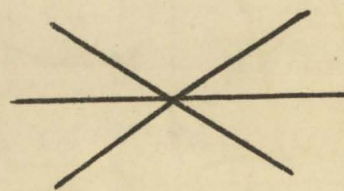
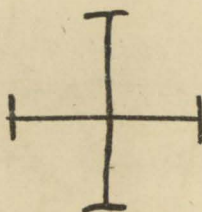
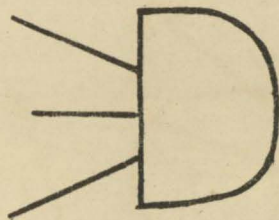
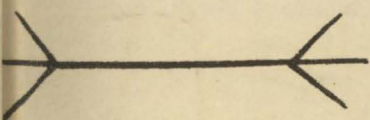


Sur l'extérieur du château et sur les
murs de l'église. 1214

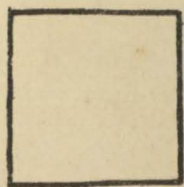
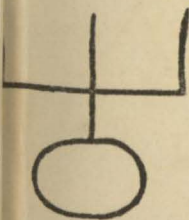
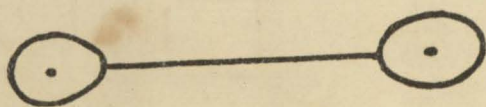
1214

XII

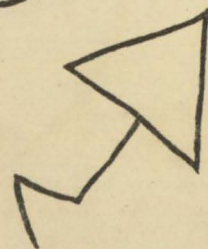
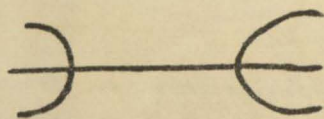
Freixo de Espada à Cinta.



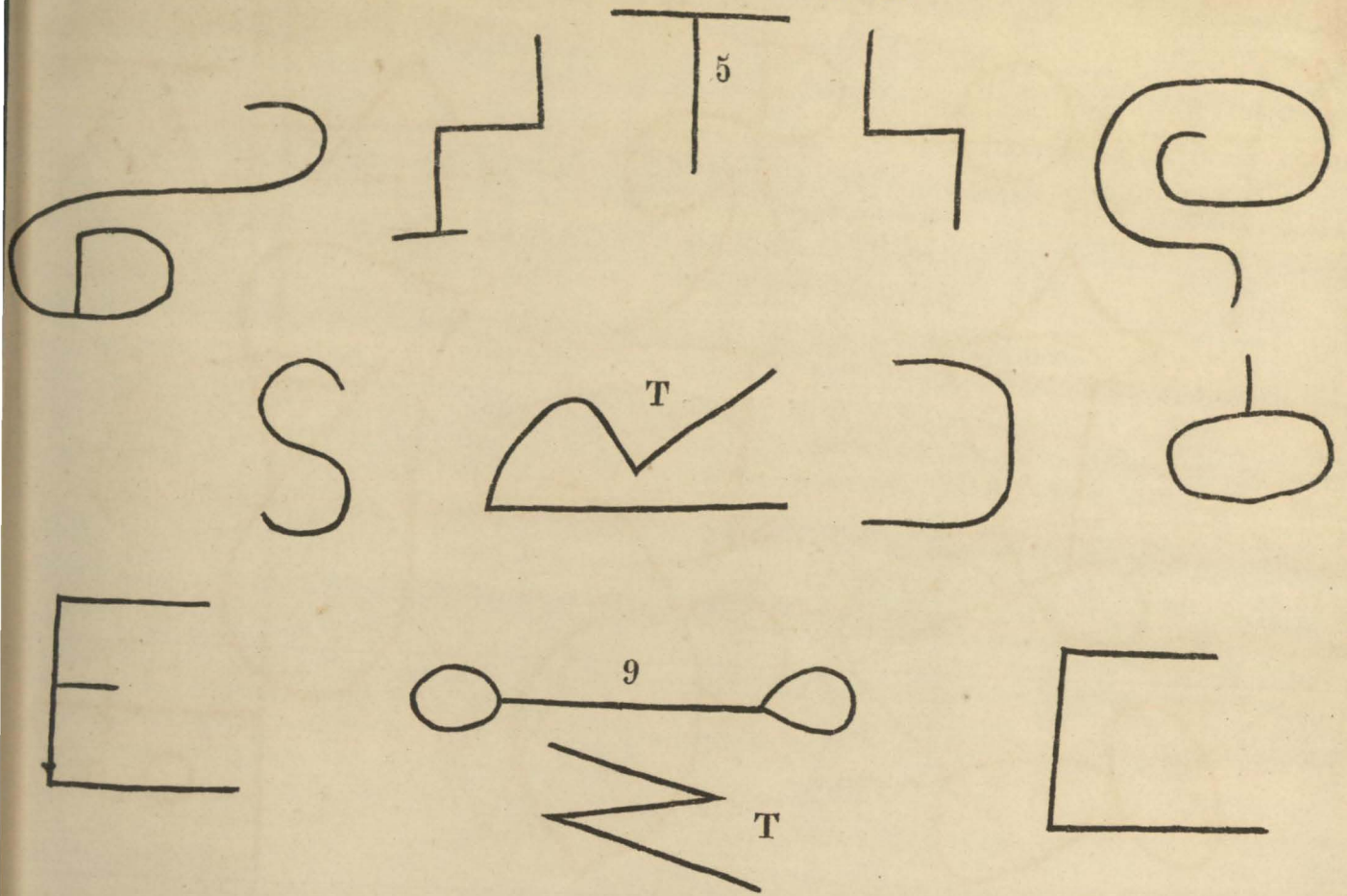
9



Z



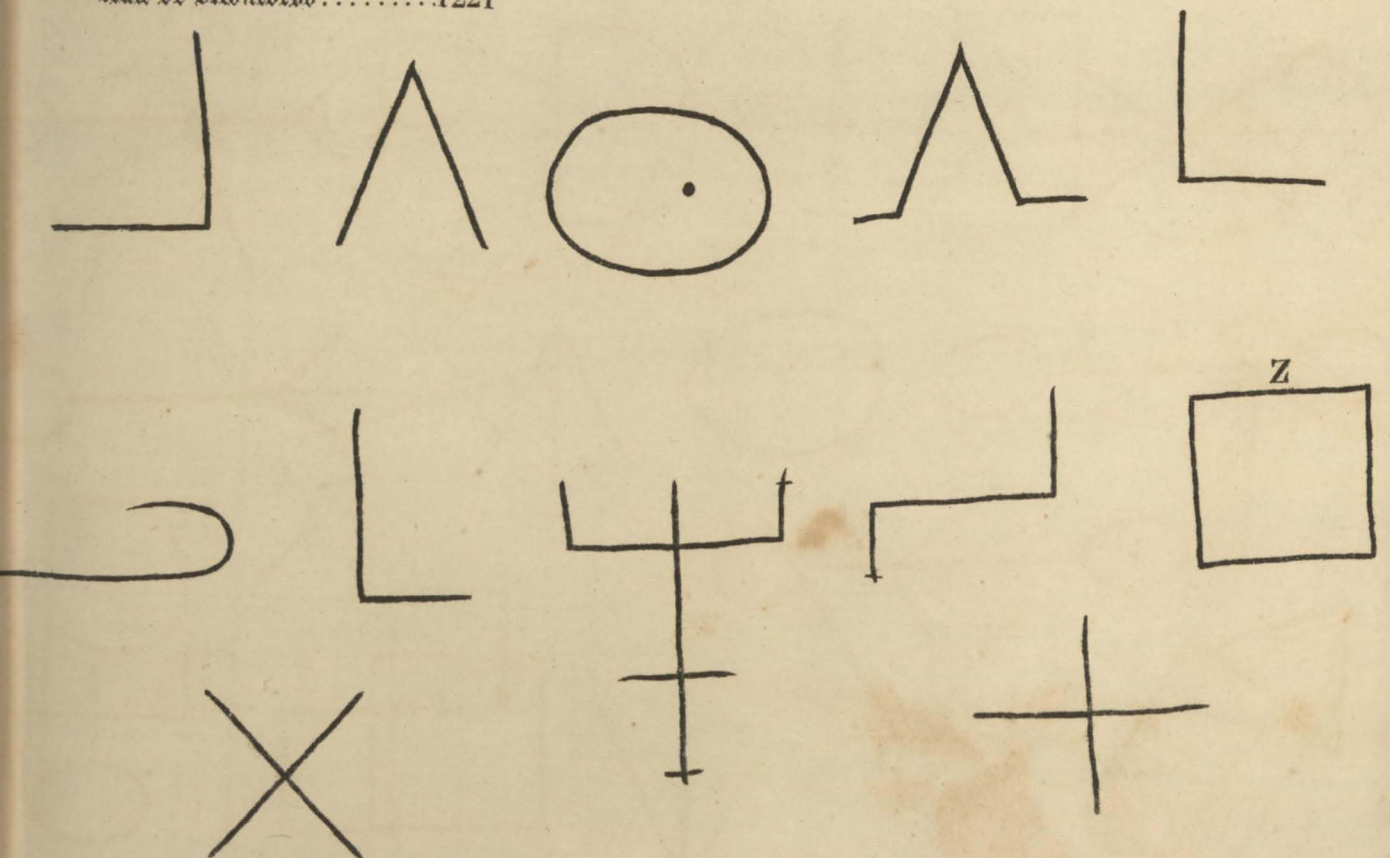
XII bis.



Sur l'intérieur des murailles du châ-
teau de Moncorvo 1221

XIII

Moncorvo.



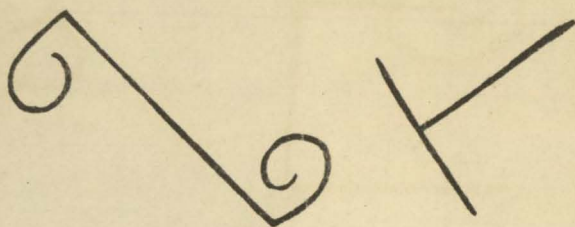
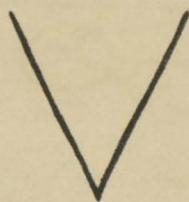
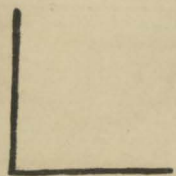
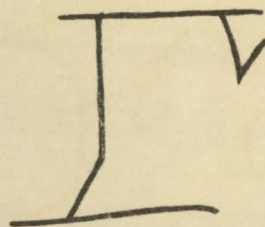
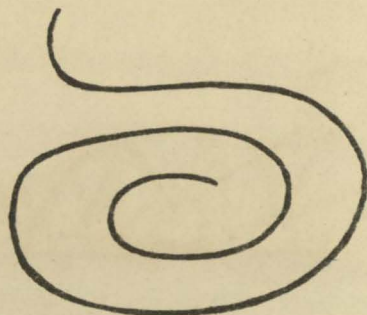
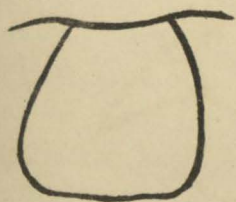
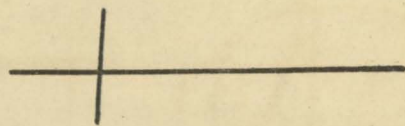
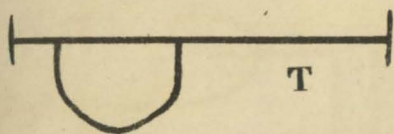
SIGLAS NAS CONSTRUÇÕES DA IDADE-MÉDIA

Sur l'extérieur de la chapelle du château de Numão

1058

XIV

Numão.

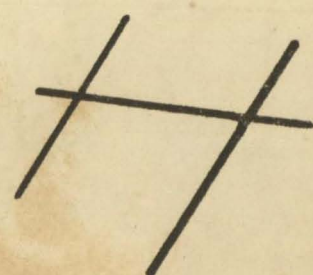
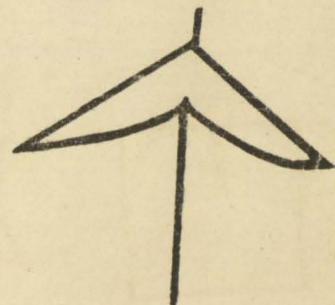
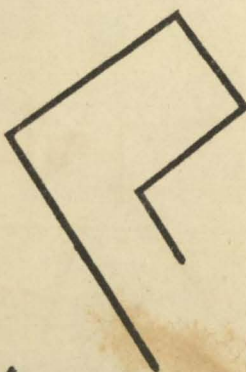
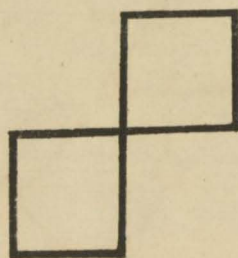
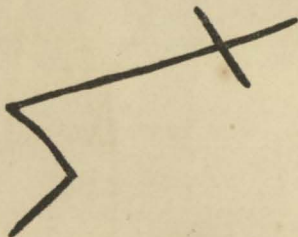
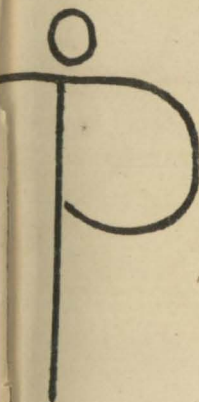
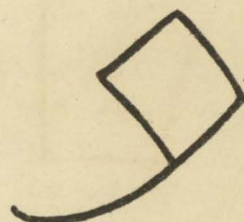
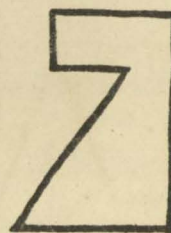
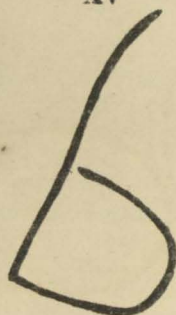
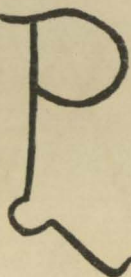
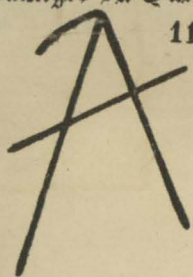


Sur l'intérieur de la chapelle, de la sacristie et sur la citerne de Saint Domingos da Queimada.

1167

XV

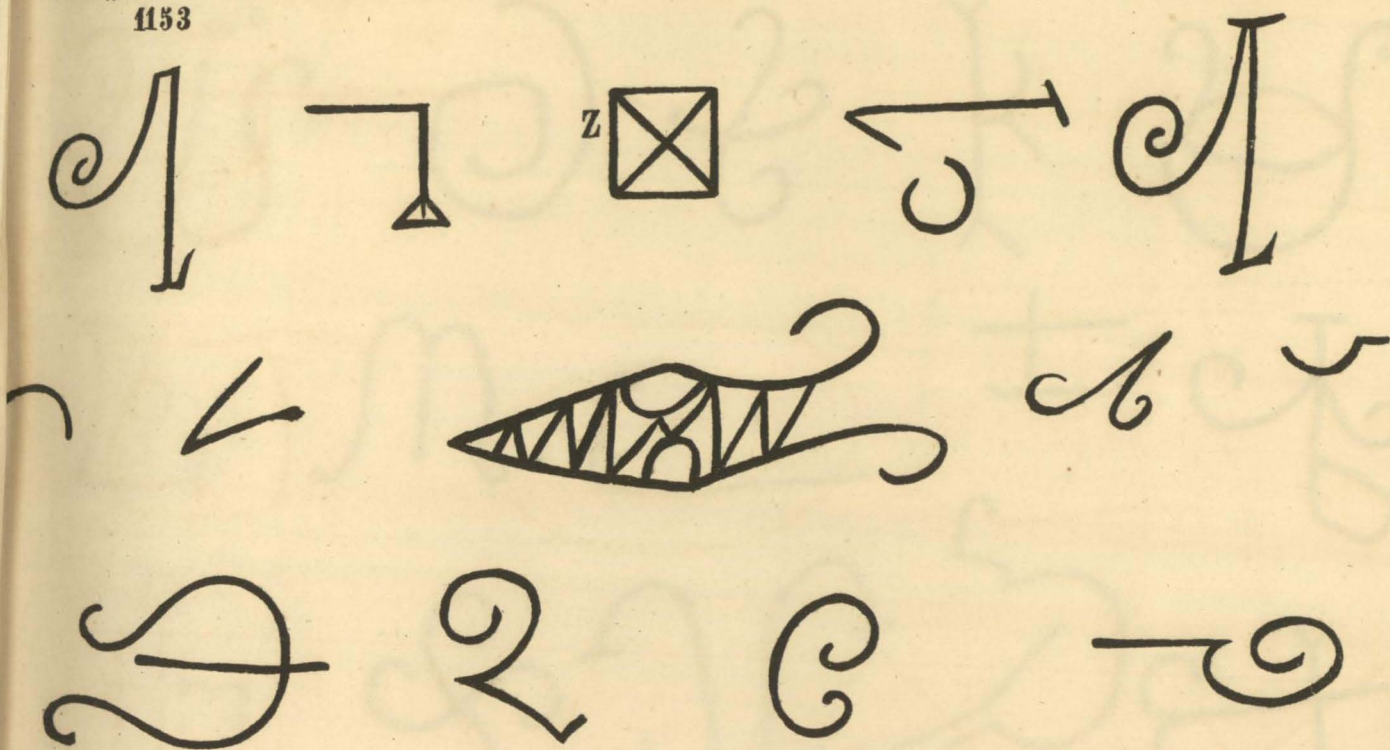
Lamego.



Sur l'église du Couvent.
1153

XVI

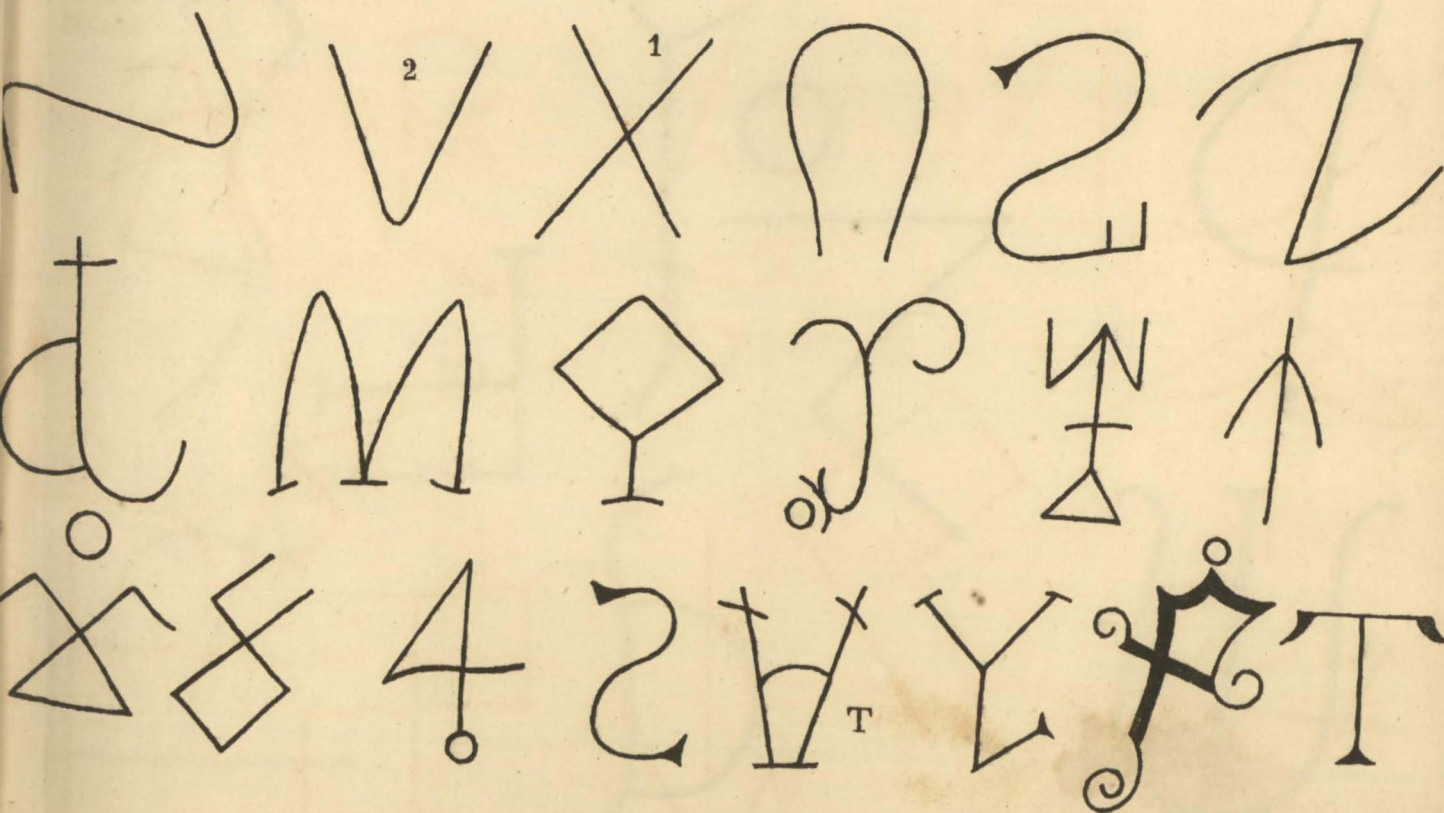
Alcobaça



Dedans l'église de Saint Jean
1165

XVII

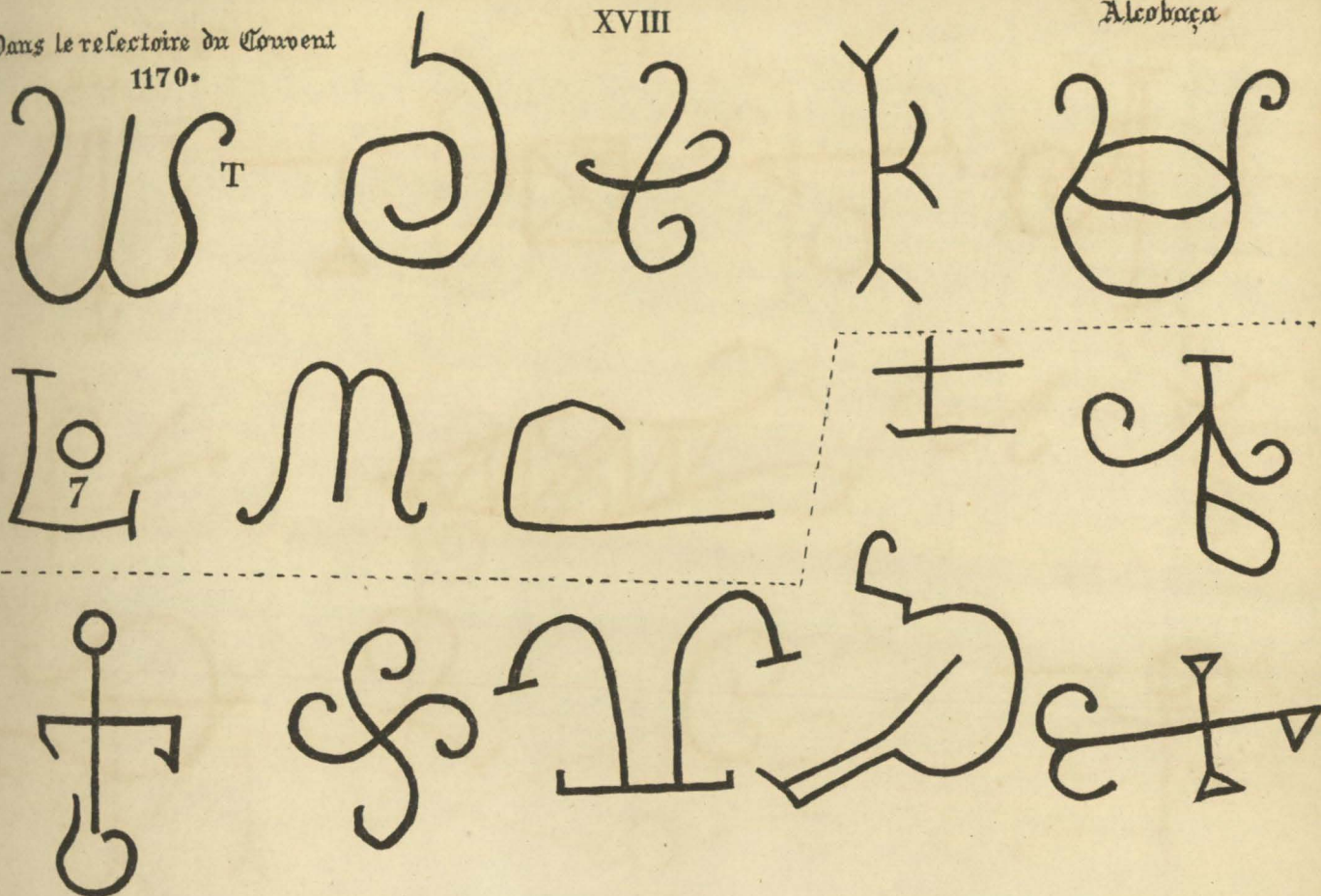
Chomar.



Dans le relectoire du Couvent
1170.

XVIII

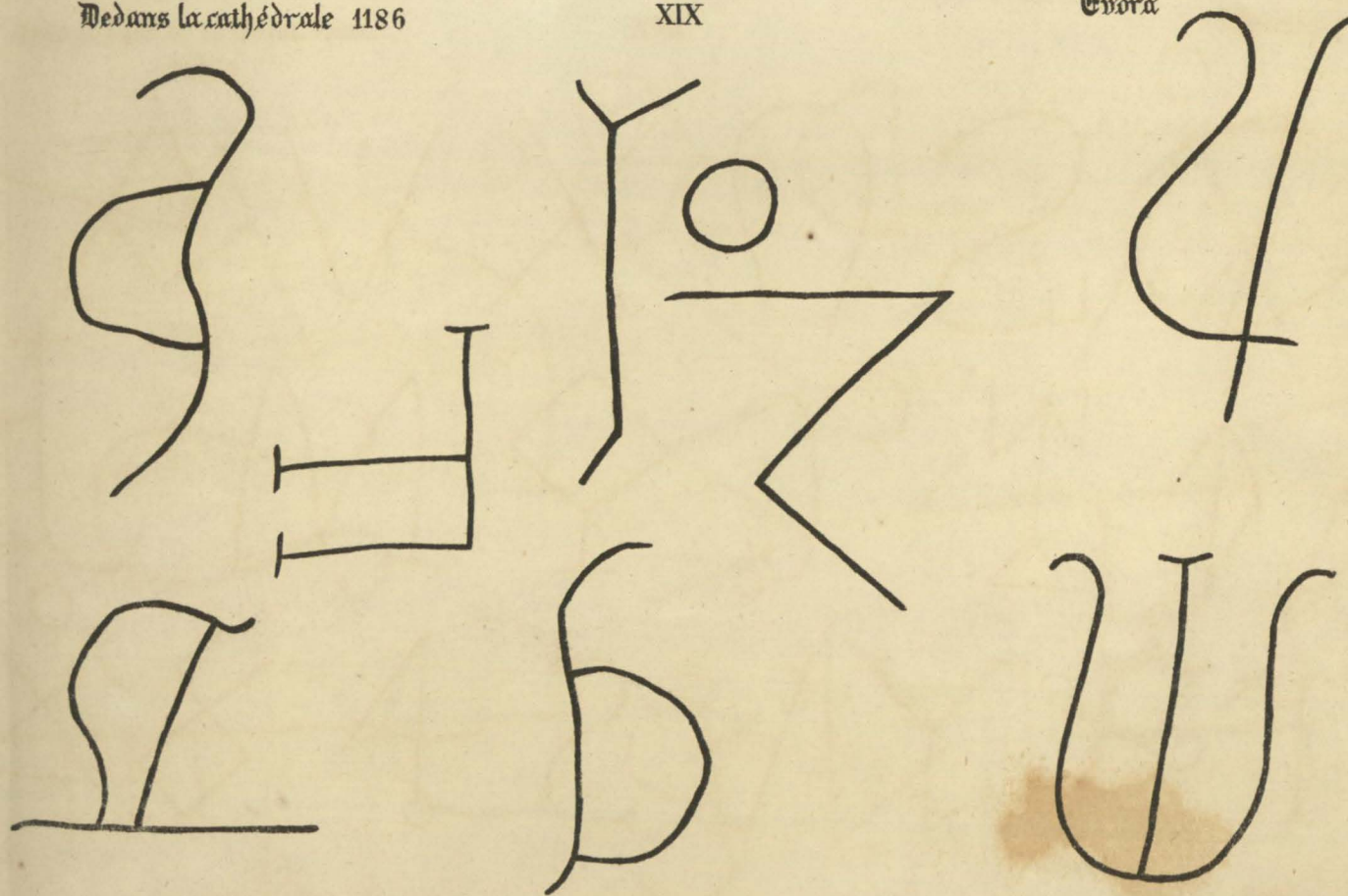
Alcobaga



Medans la cathédrale 1186

XIX

Evora

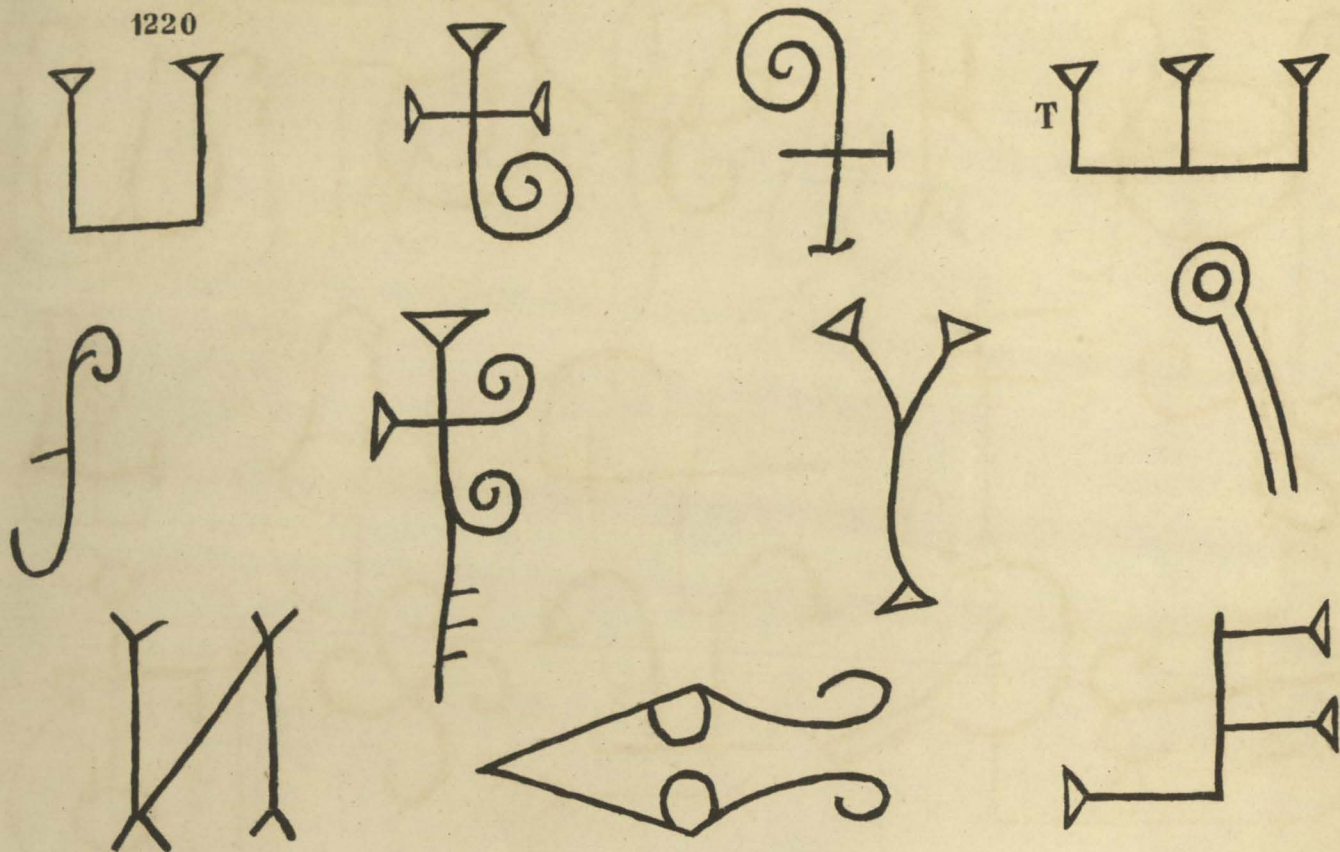


Dans le cloître du couvent

1220

XX

Alcobaca

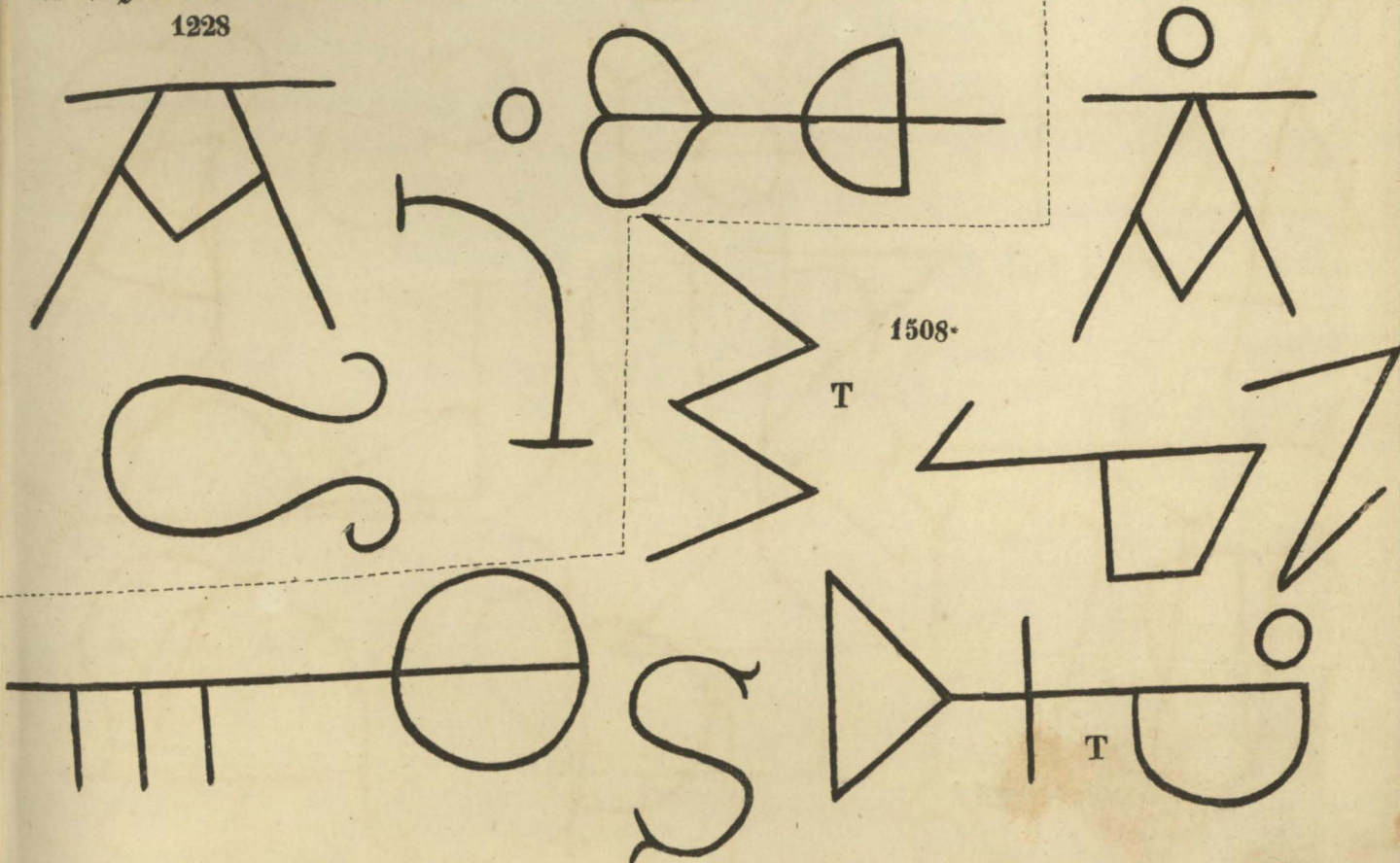


Sur l'église de la Sainte Croix

1228

XXI

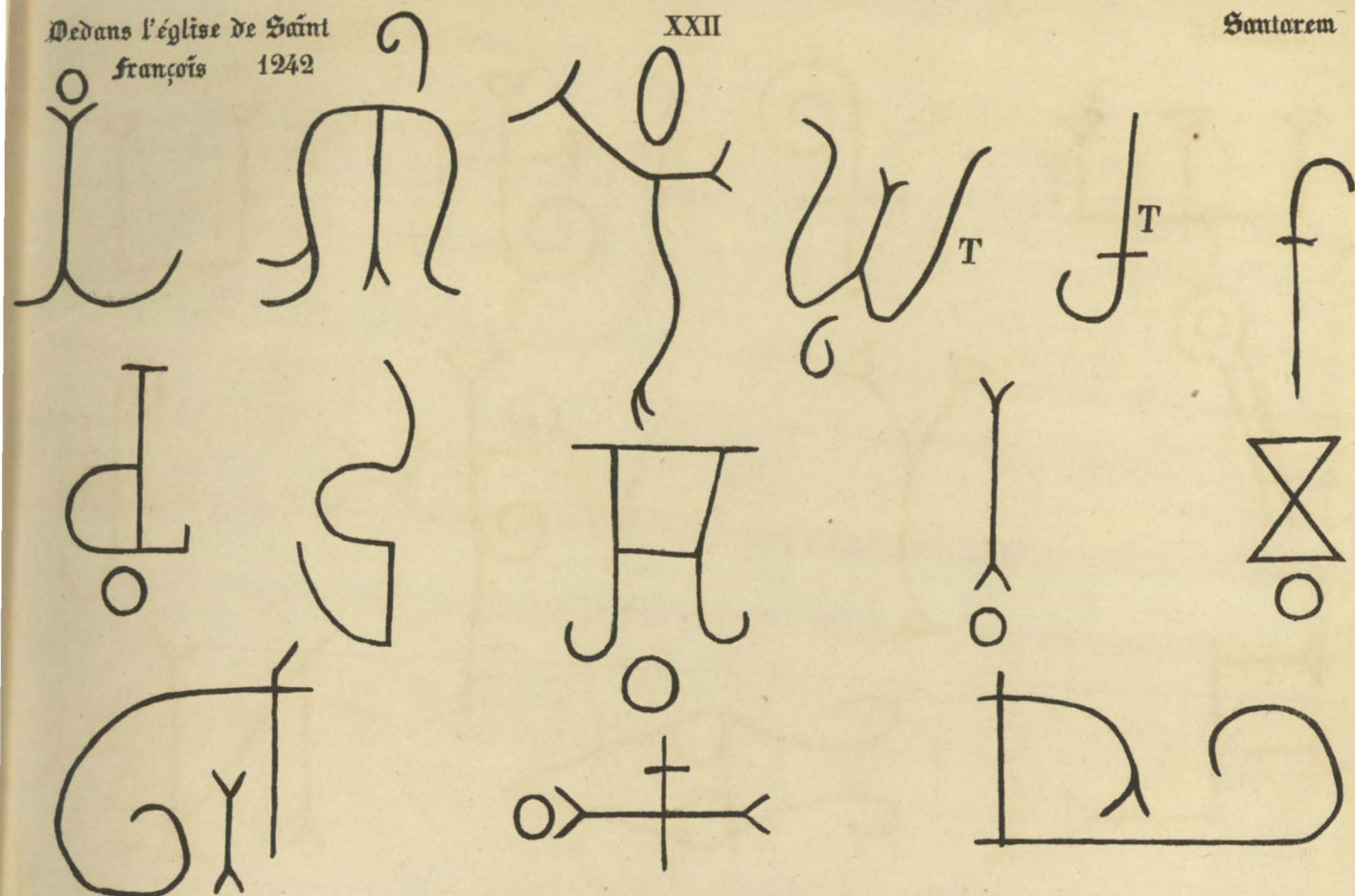
Coimbra



Dedans l'église de Saint
François 1242

XXII

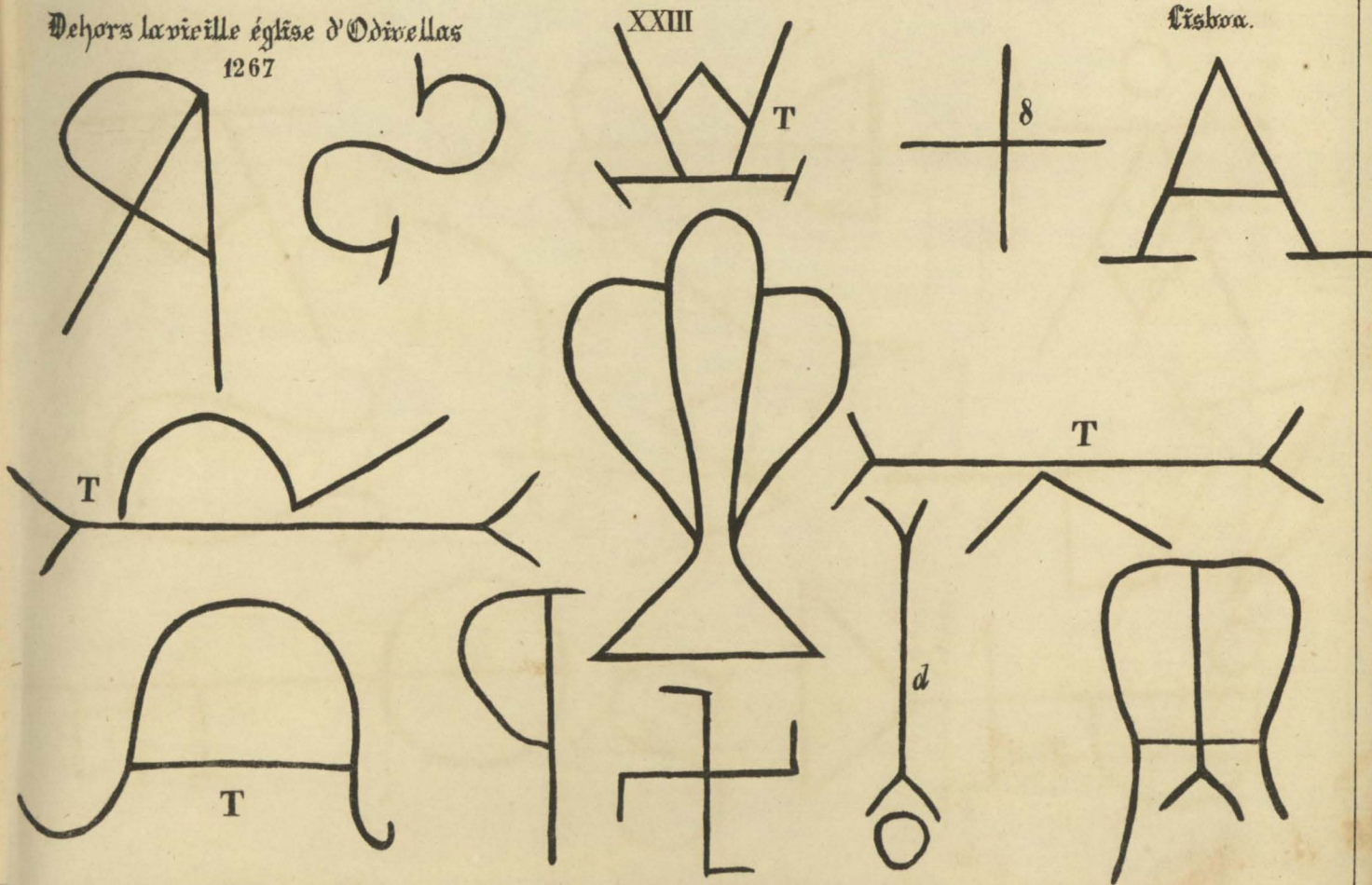
Santarem



Dehors la vieille église d'Odivellas
1267

XXIII

Lisboa.

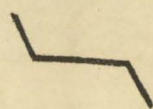
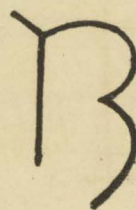
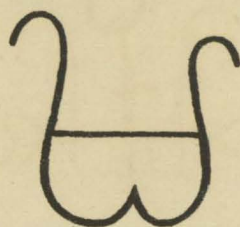
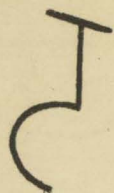
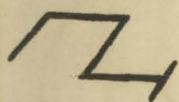
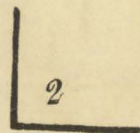
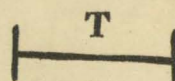
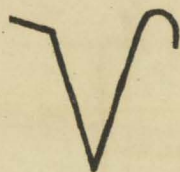
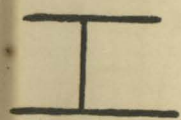
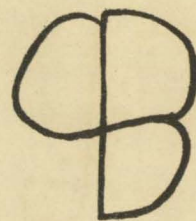
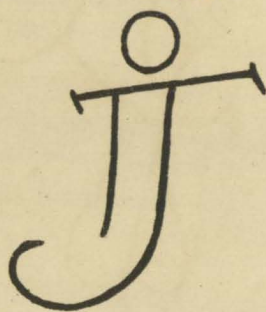
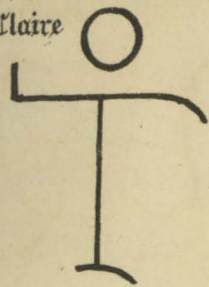


SIGLAS NAS CONSTRUÇÕES DA IDADE-MÉDIA

Dedans du vieux couvent de Sainte
Claire 1287

XXIV

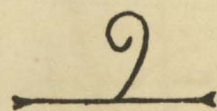
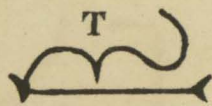
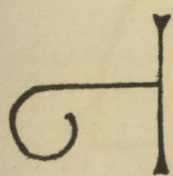
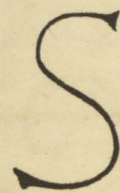
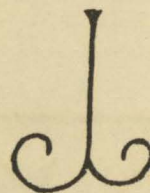
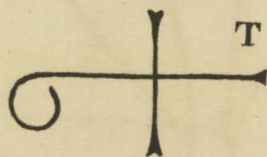
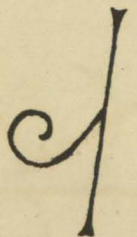
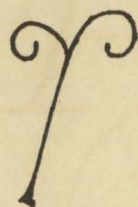
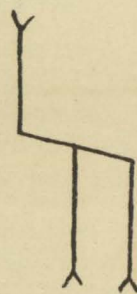
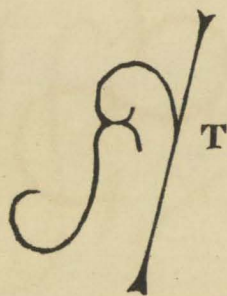
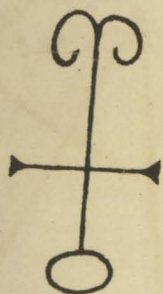
Coimbra.



Dedans le couvent
1323

XXV

Chomar.

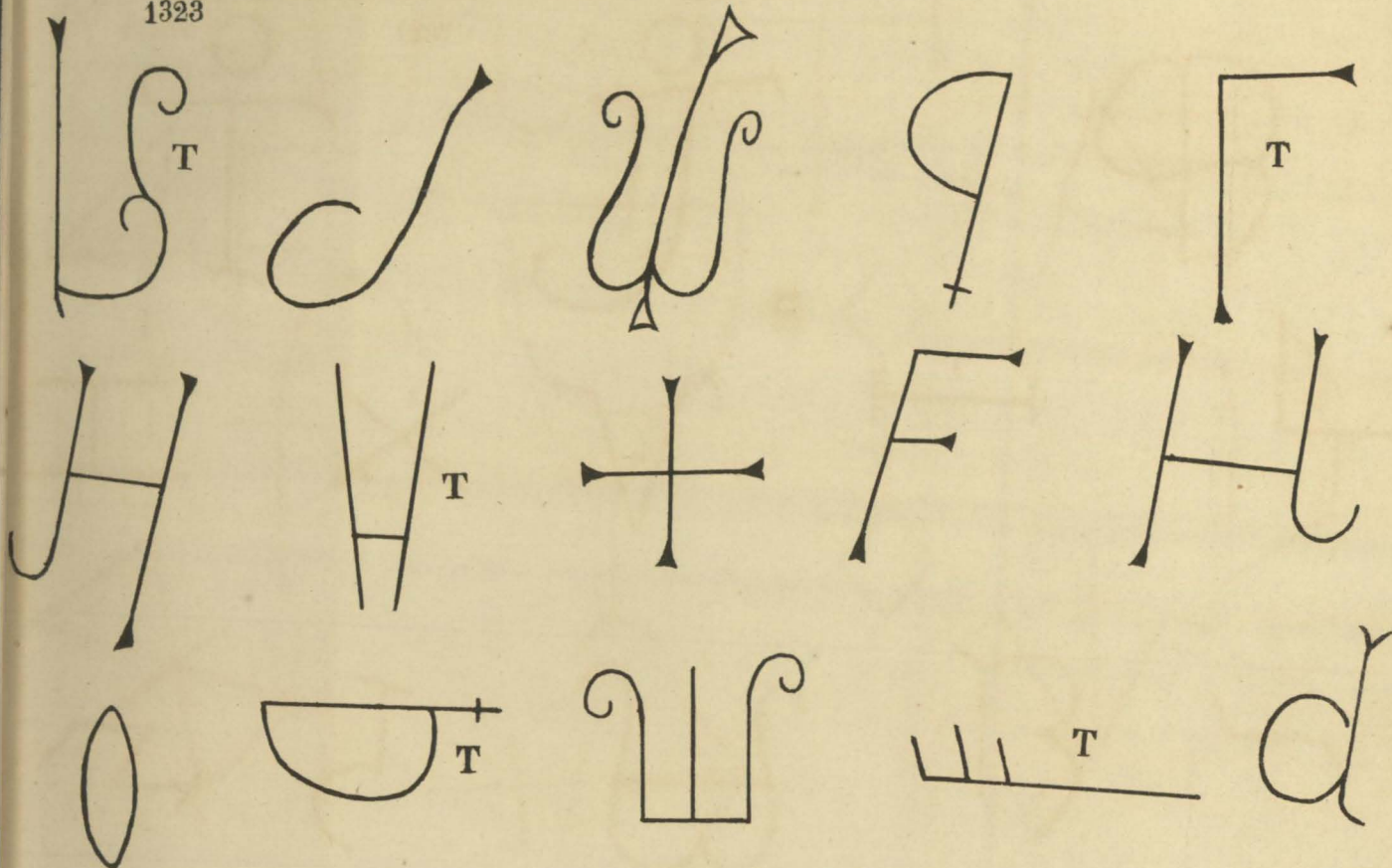


Sur la tour de l'église

1323

XXVI

Thomar.

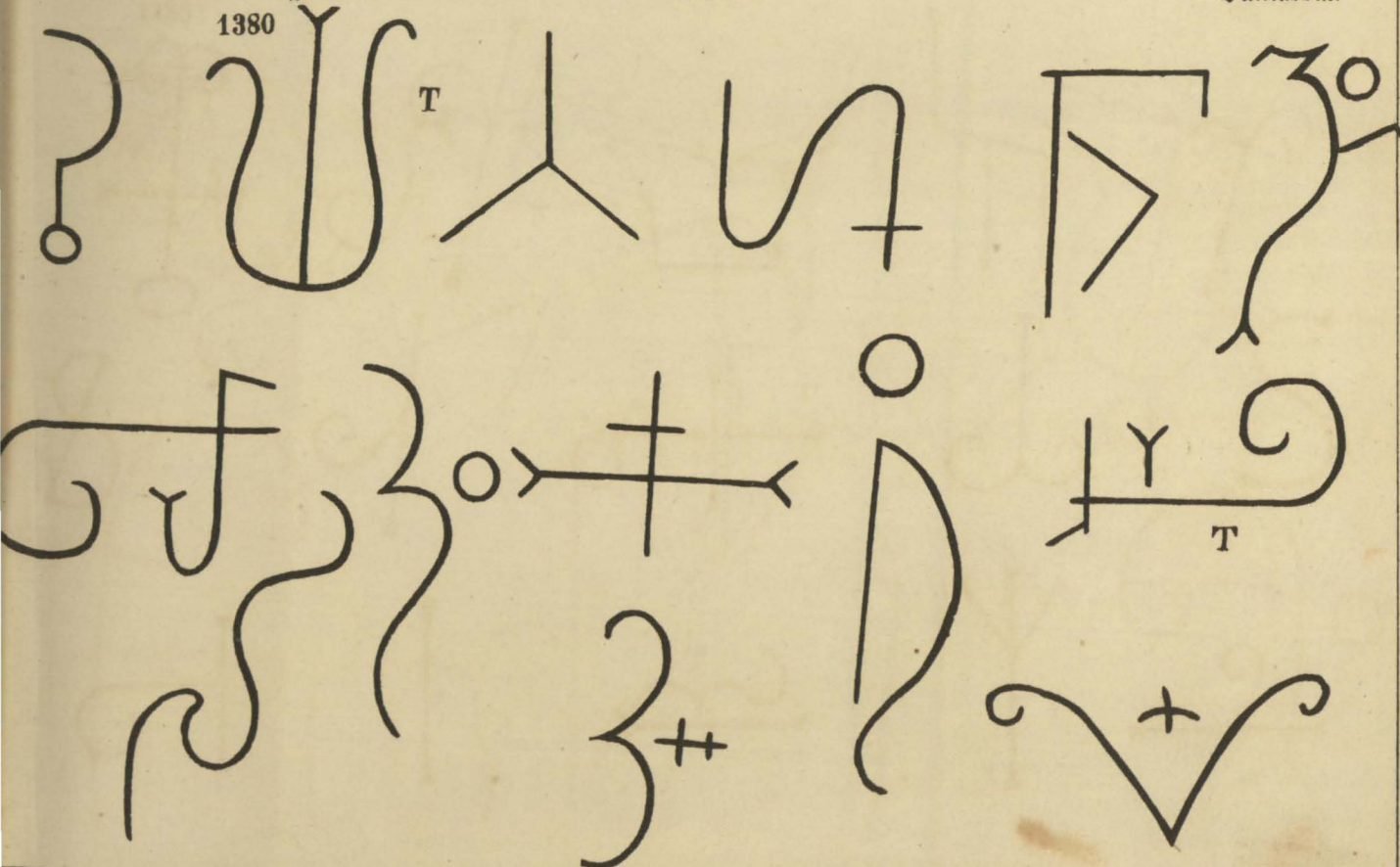


Dedans la tour et l'église de la Grace

1380

XXVII

Santarem.

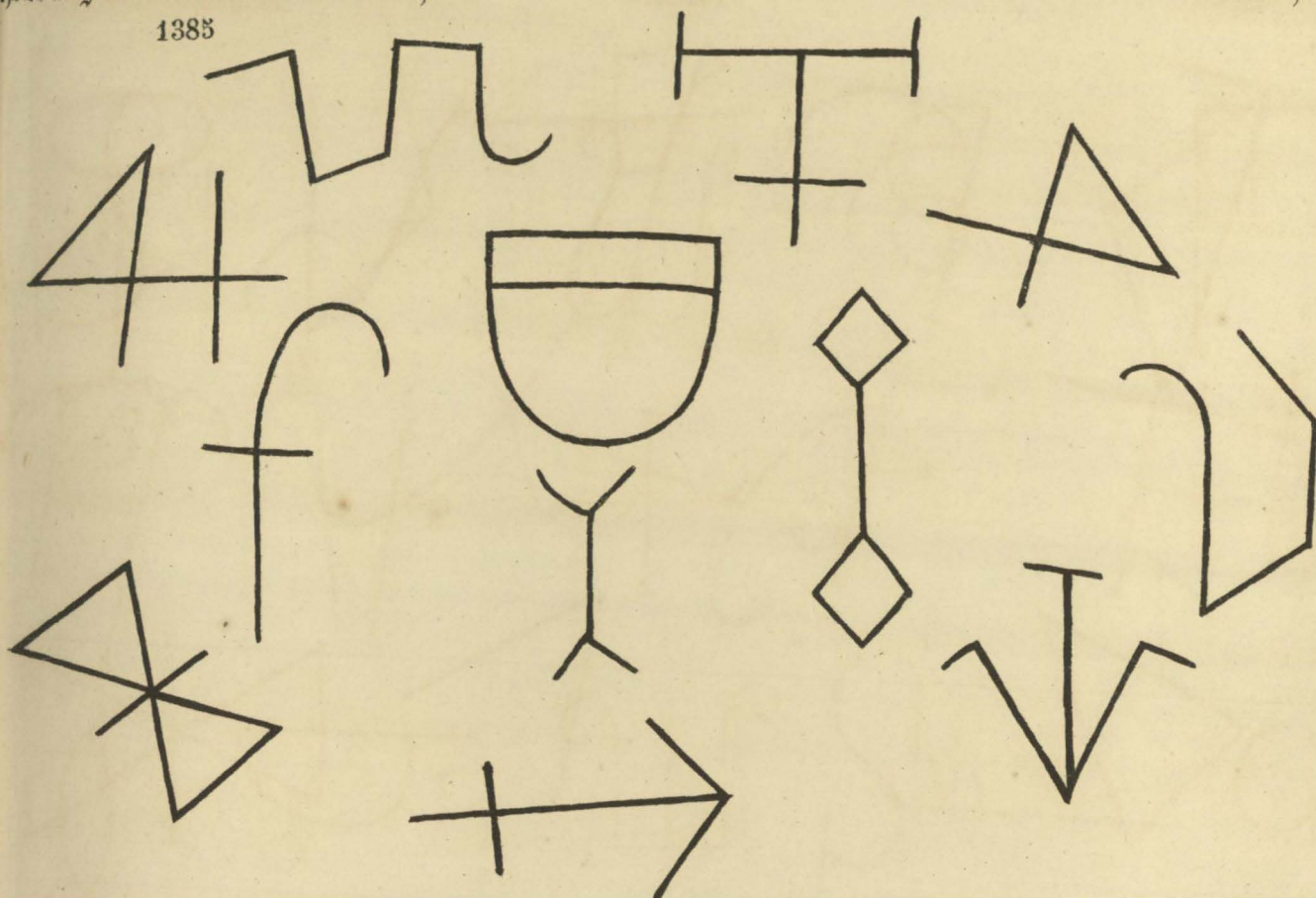


Fora da igreja do convento de la Batalha

XXVIII

Batalha

1385

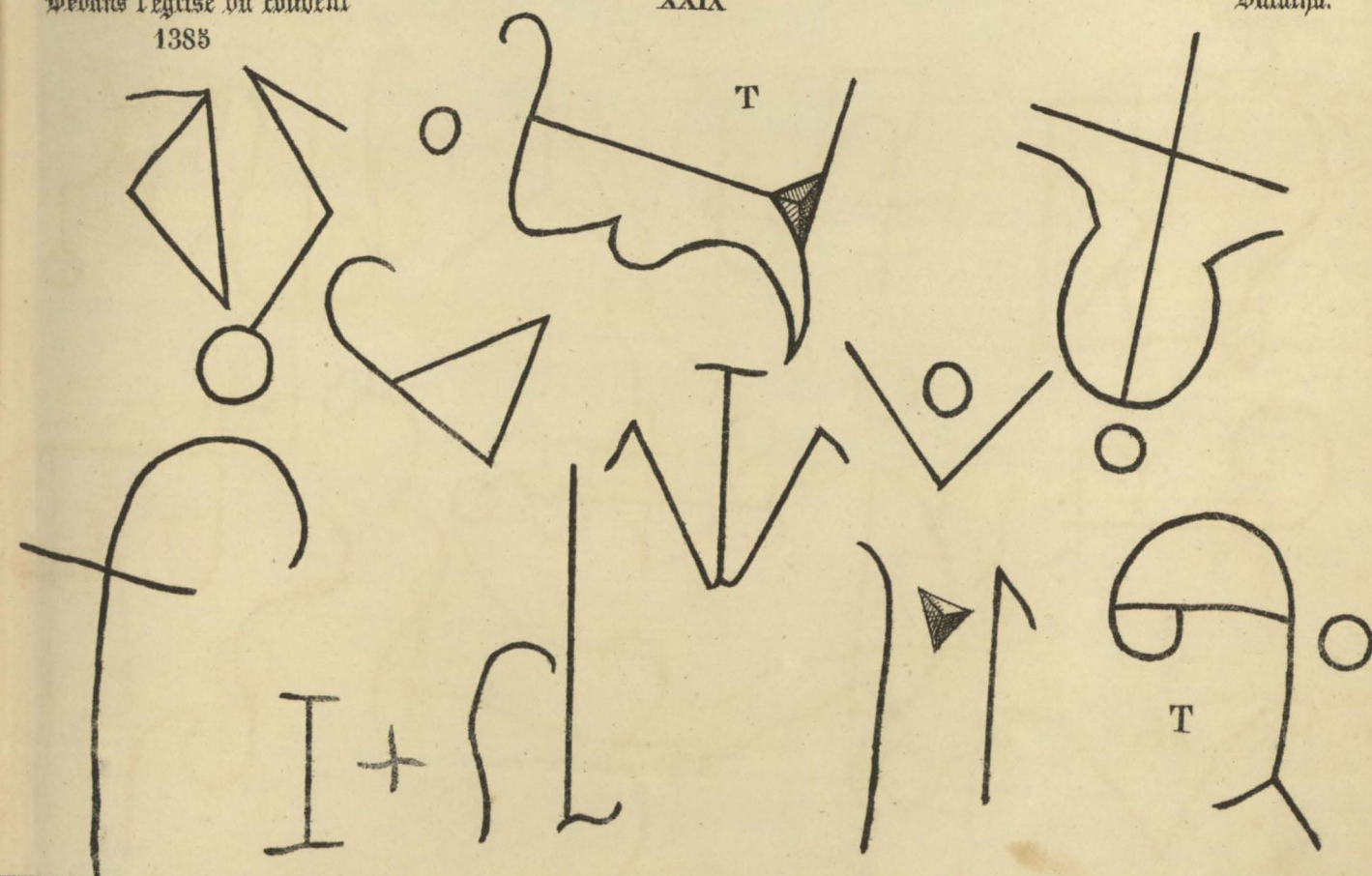


Dentro da igreja do convento

XXIX

Batalha.

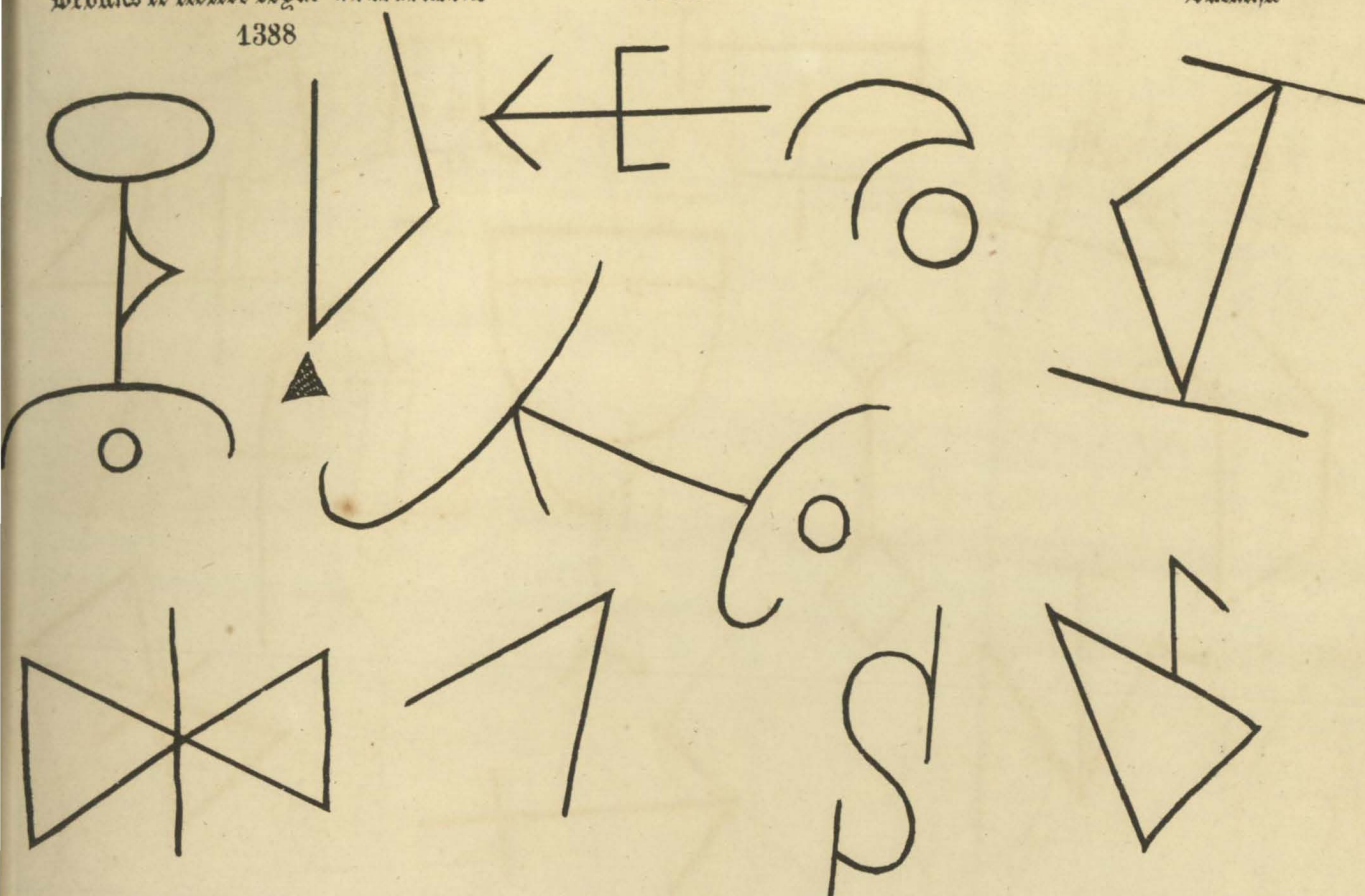
1385



Dedans le cloître royal de ce convent
1388

XXX

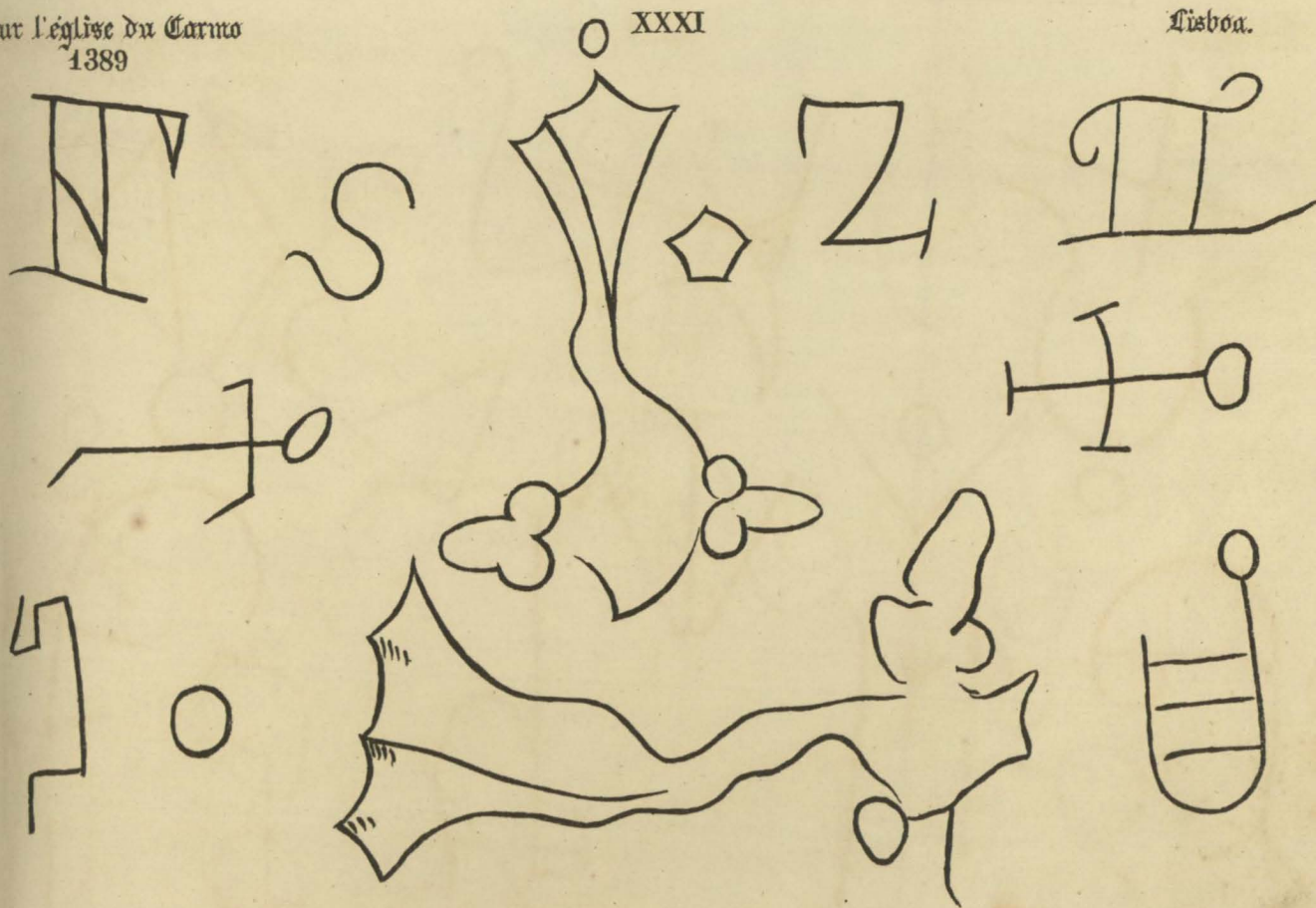
Batalha



Sur l'église du Carmo
1389

XXXI

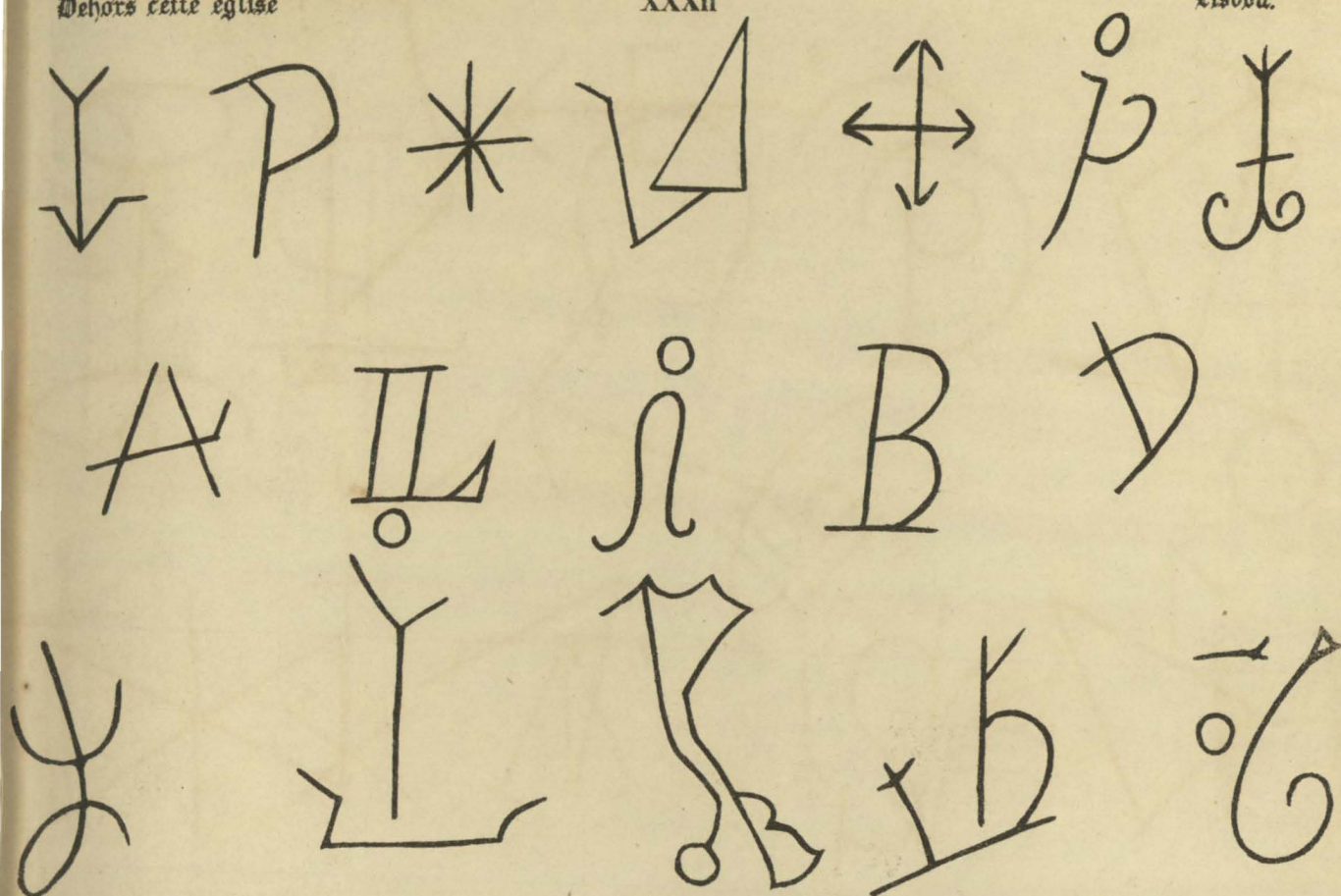
Lisboa.



Dehors cette église

XXXII

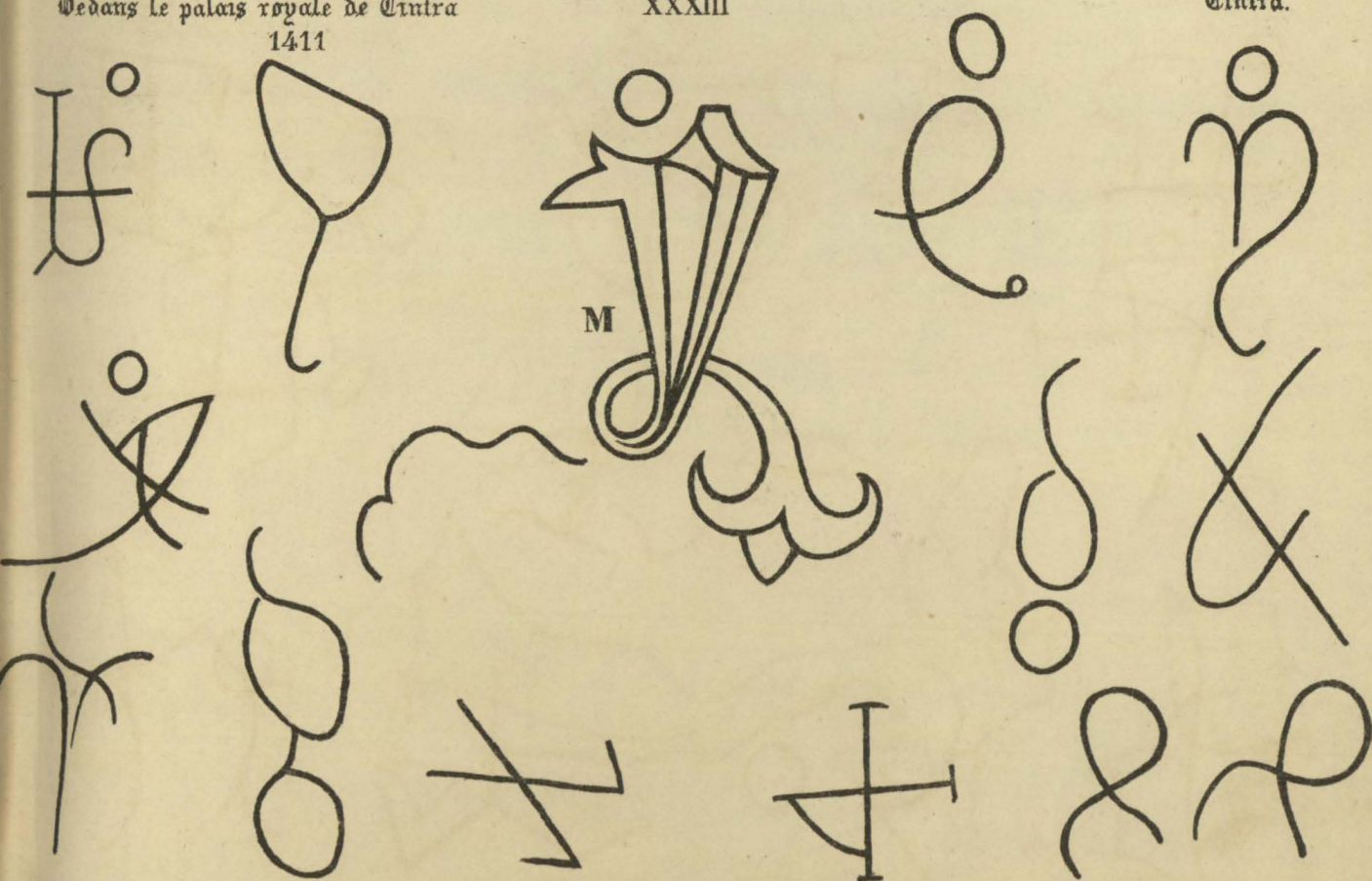
Lisboa.



Dedans le palais royale de Cintra
1411

XXXIII

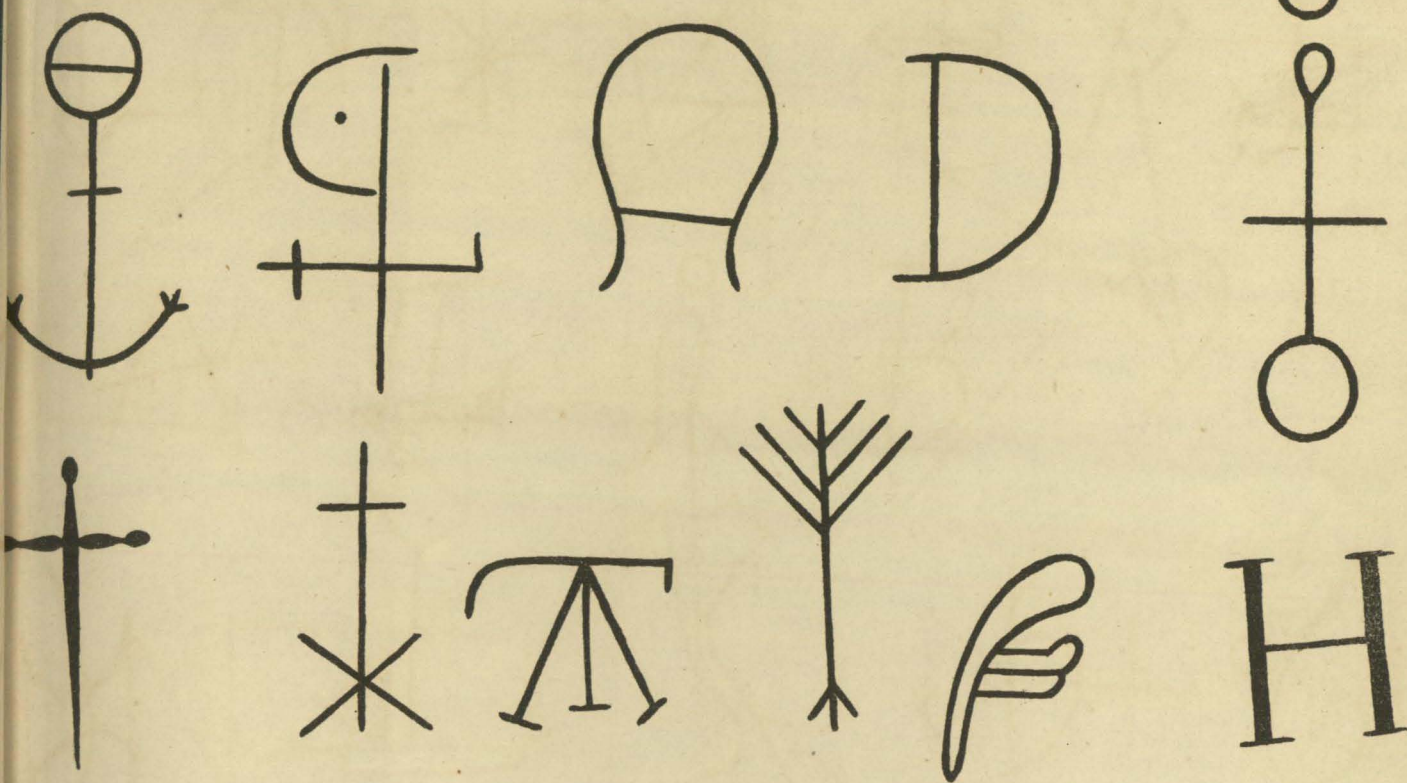
Cintra.



Dedans l'église de Saint François
1425

XXXIV

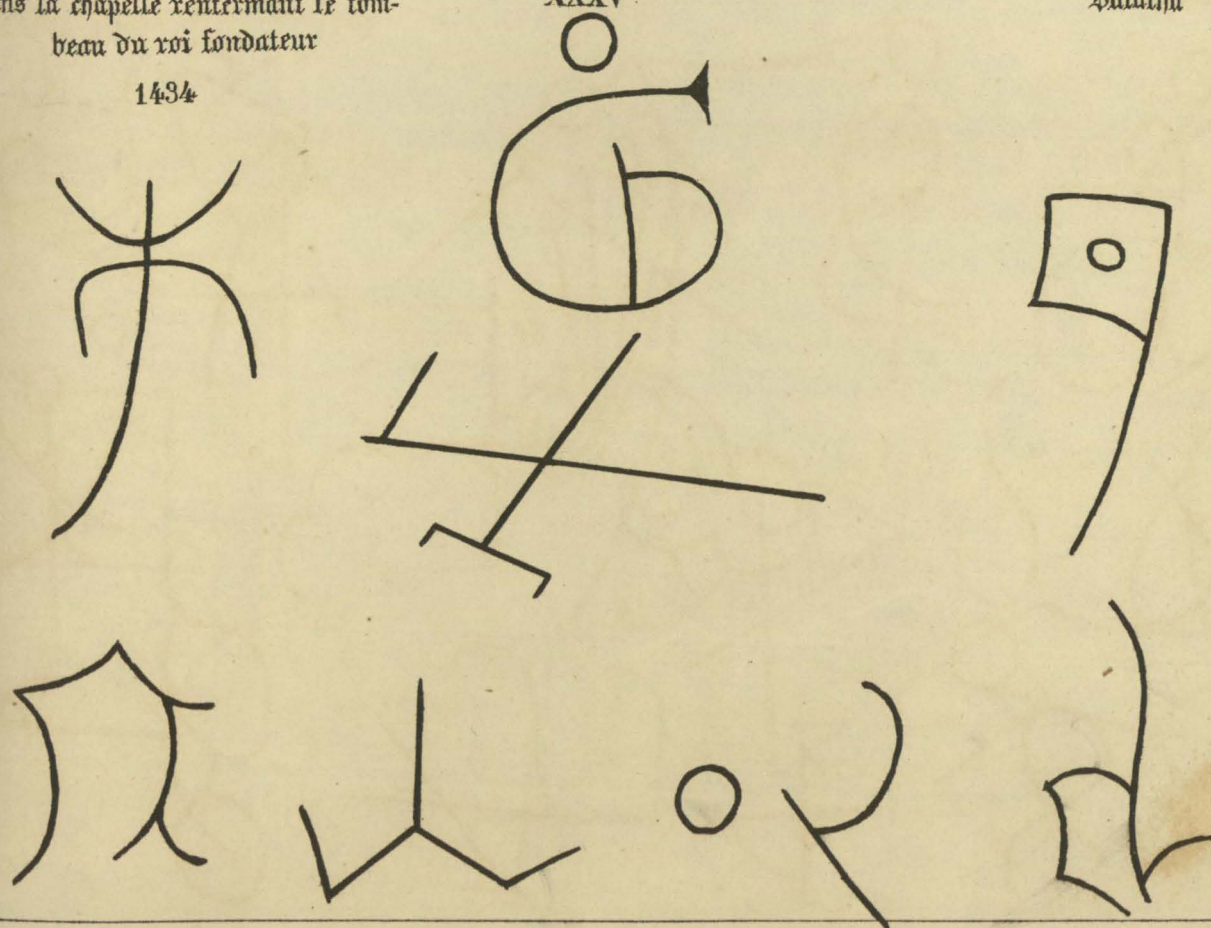
Porto.



Dans la chapelle renfermant le tom-
beau du roi fondateur
1434

XXXV

Batalha

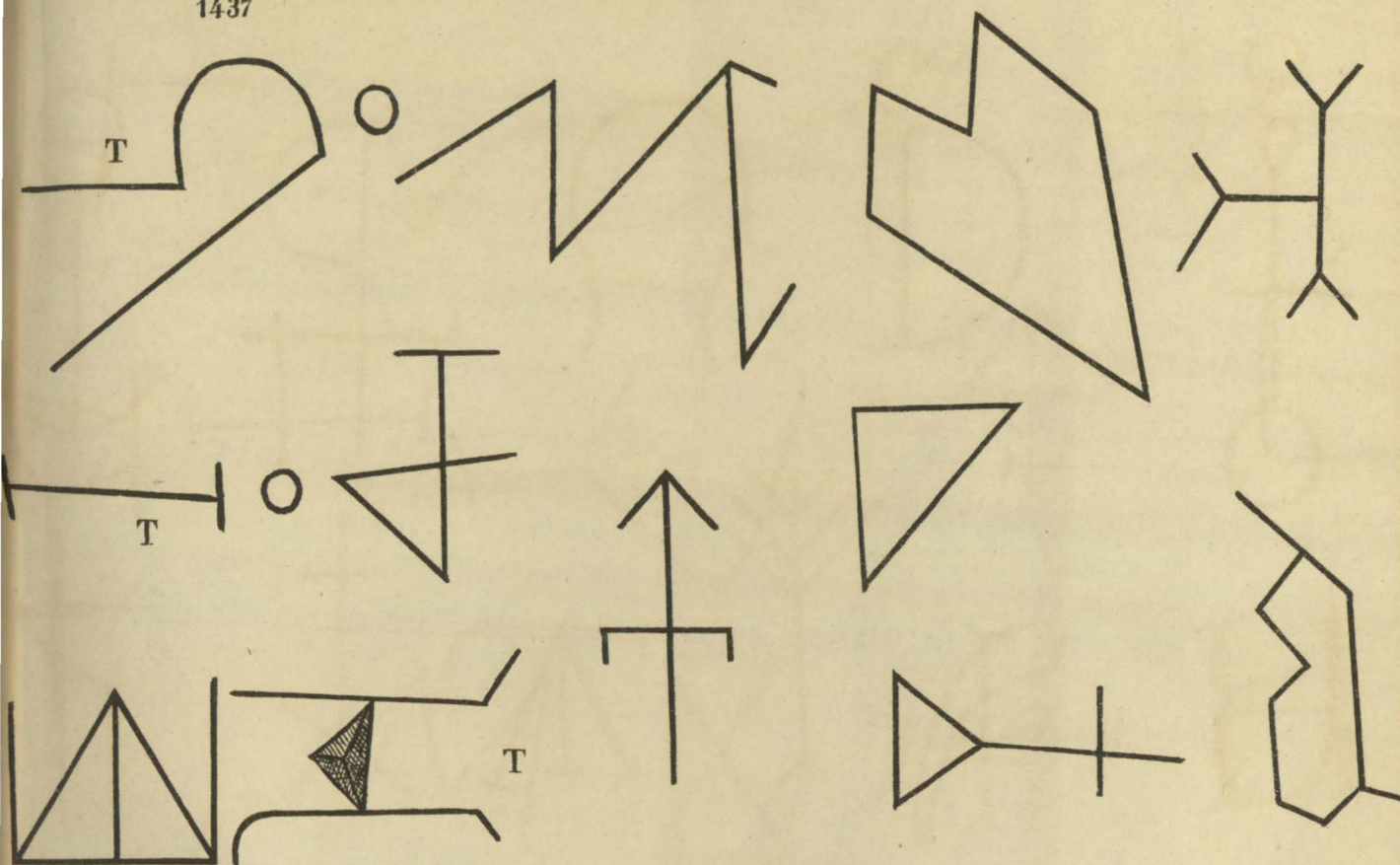


Sur la chapelle inachevée de ce couvent

1437

XXXVI

Batalha.

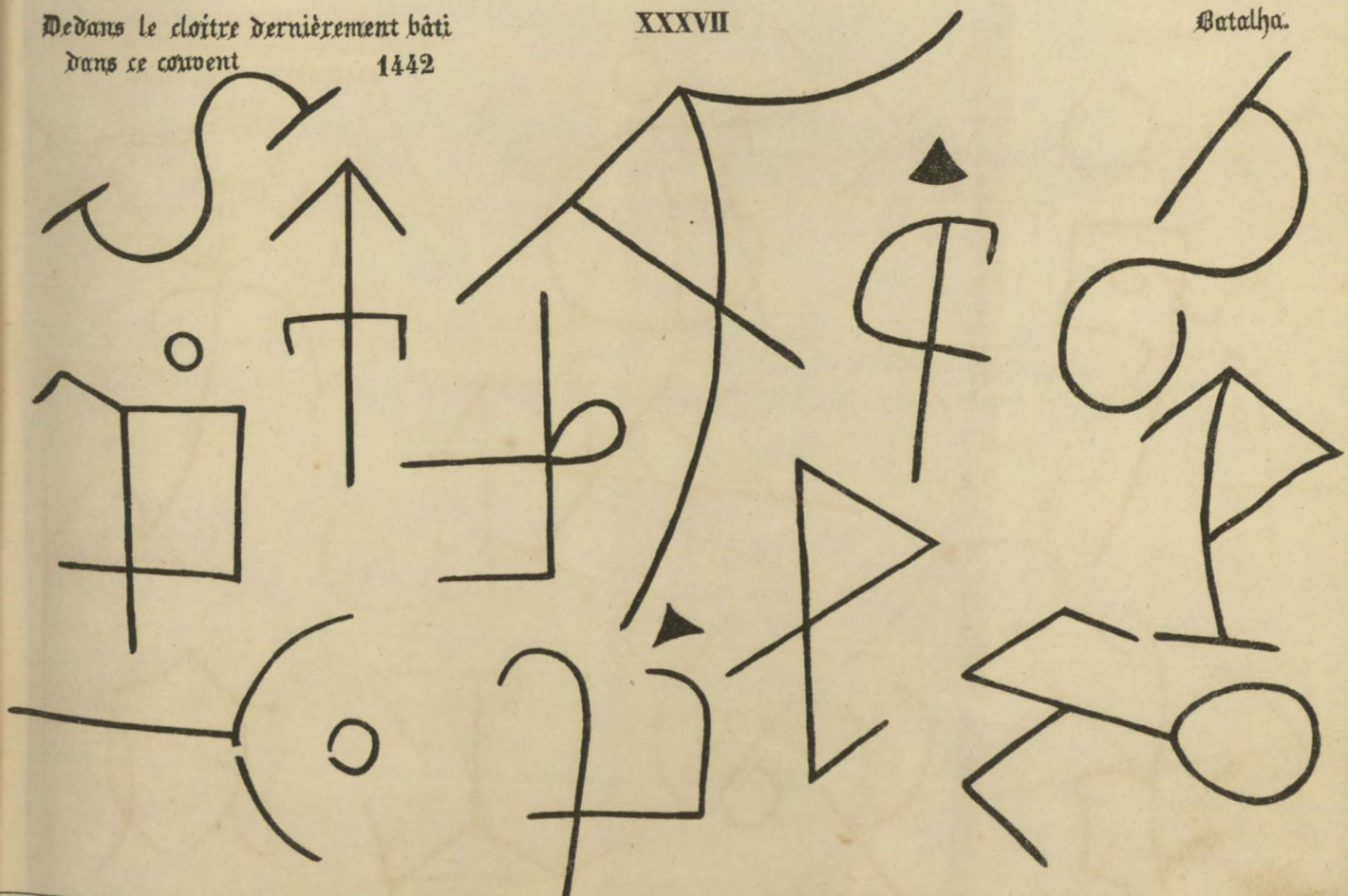


Medans le cloître dernièrement bâti
dans ce couvent 1442

1442

XXXVII

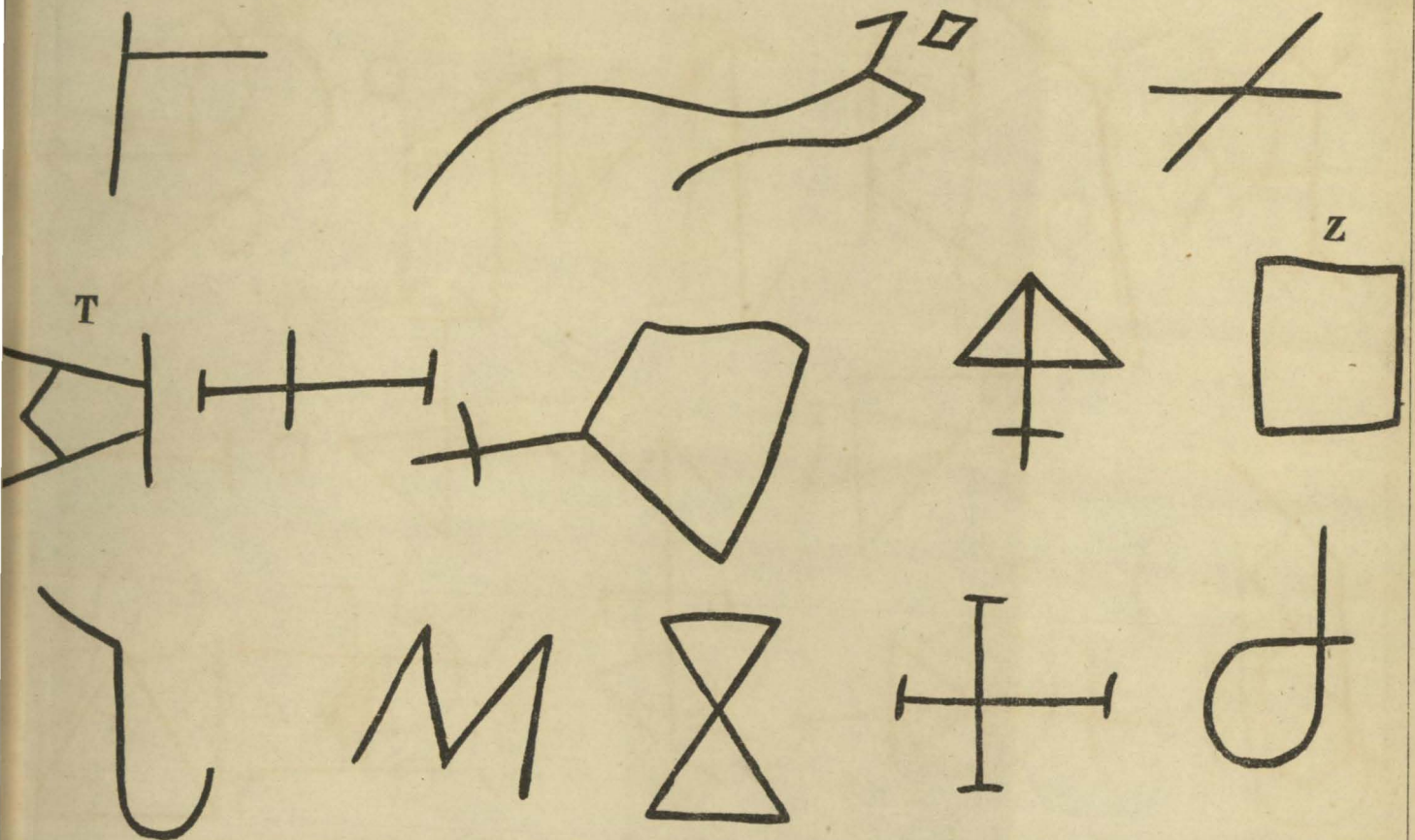
Batalha.



Dehors et dedans l'église du Bon Dieu
1489

XXXVIII

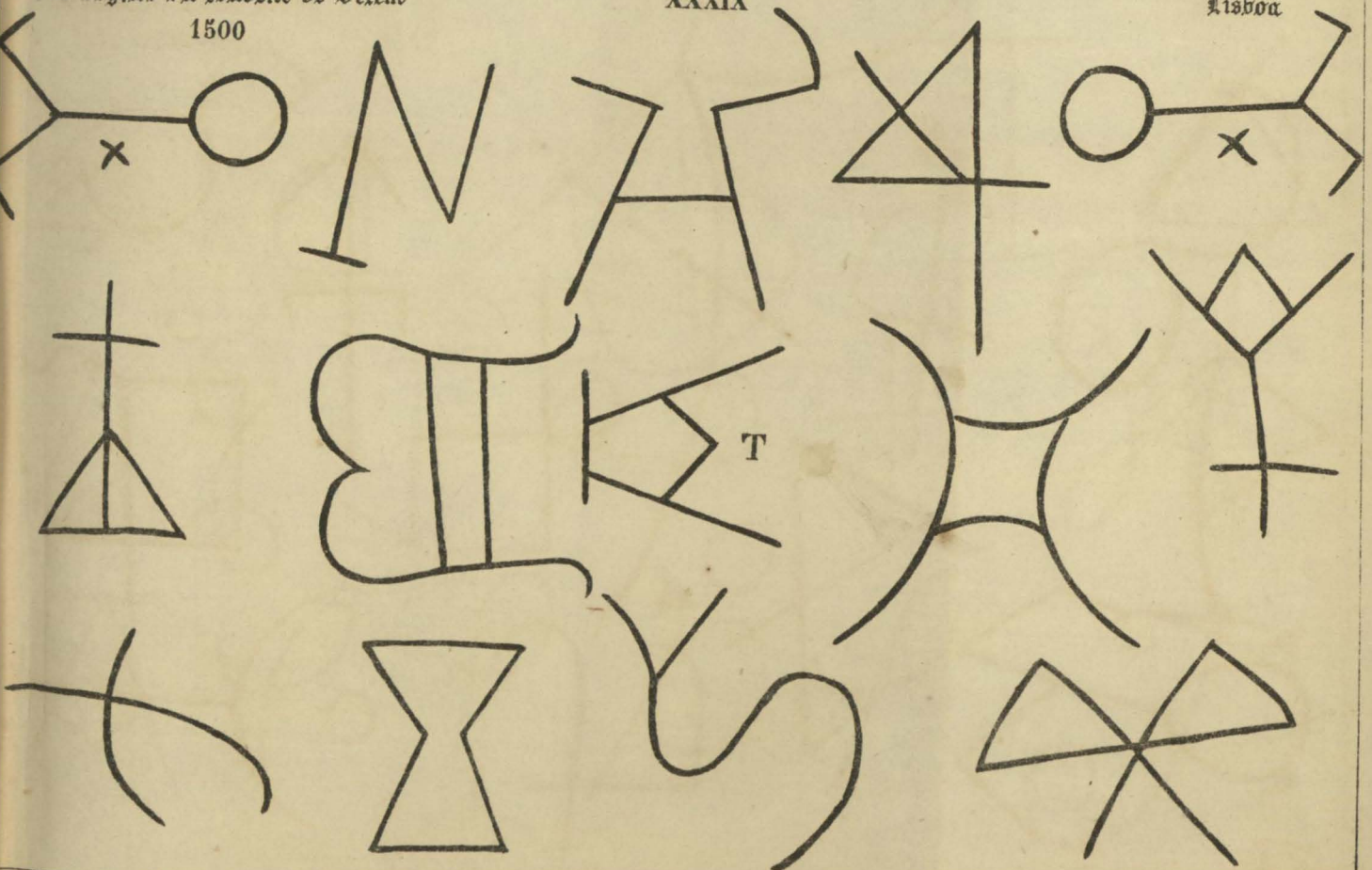
Setúbal.



Sur l'église du couvent de Belem
1500

XXXIX

Lisboa

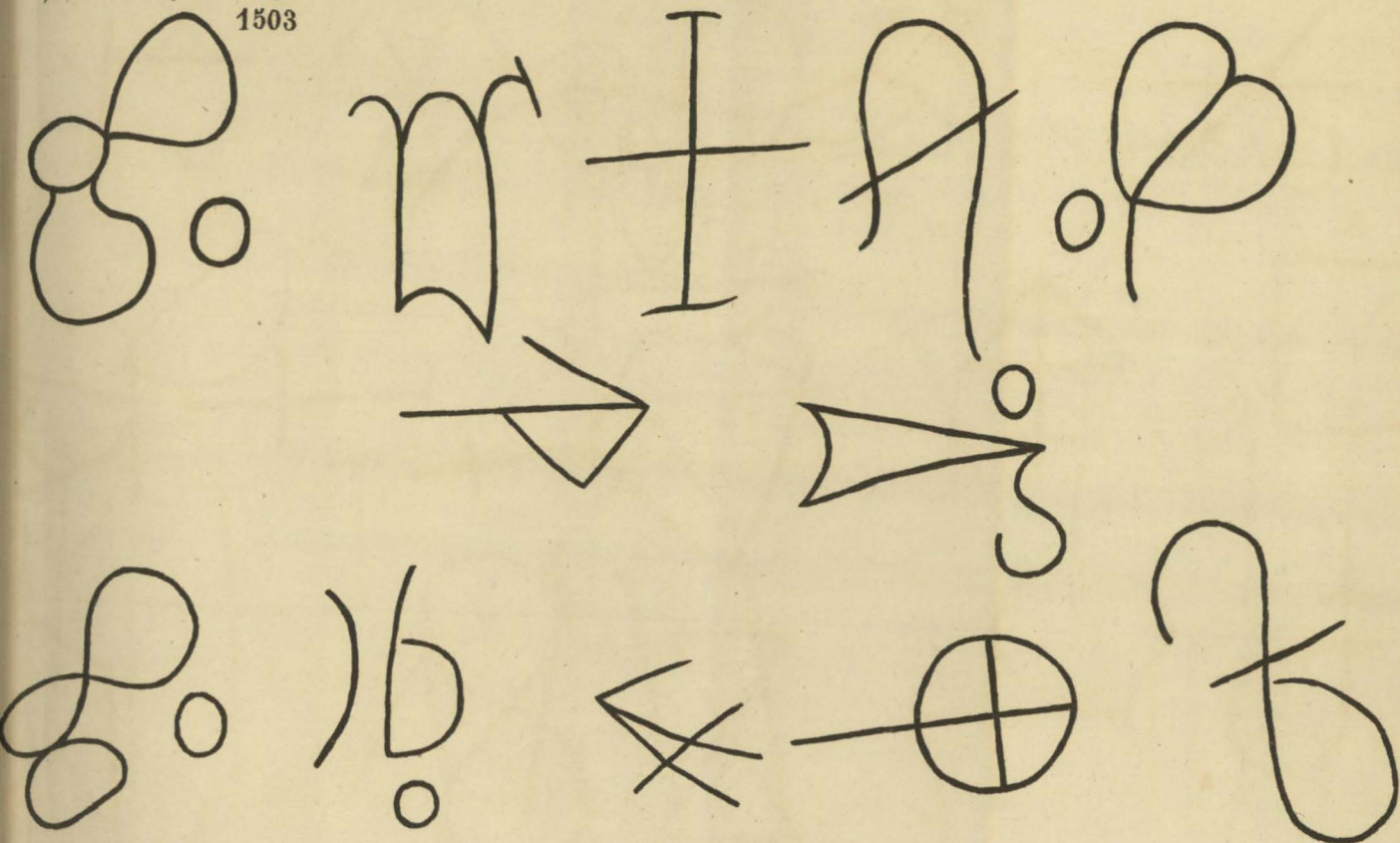


SIGLAS NAS CONSTRUÇÕES DA IDADE-MÉDIA

Dedans le palais royal de Cintra.
1503

XL

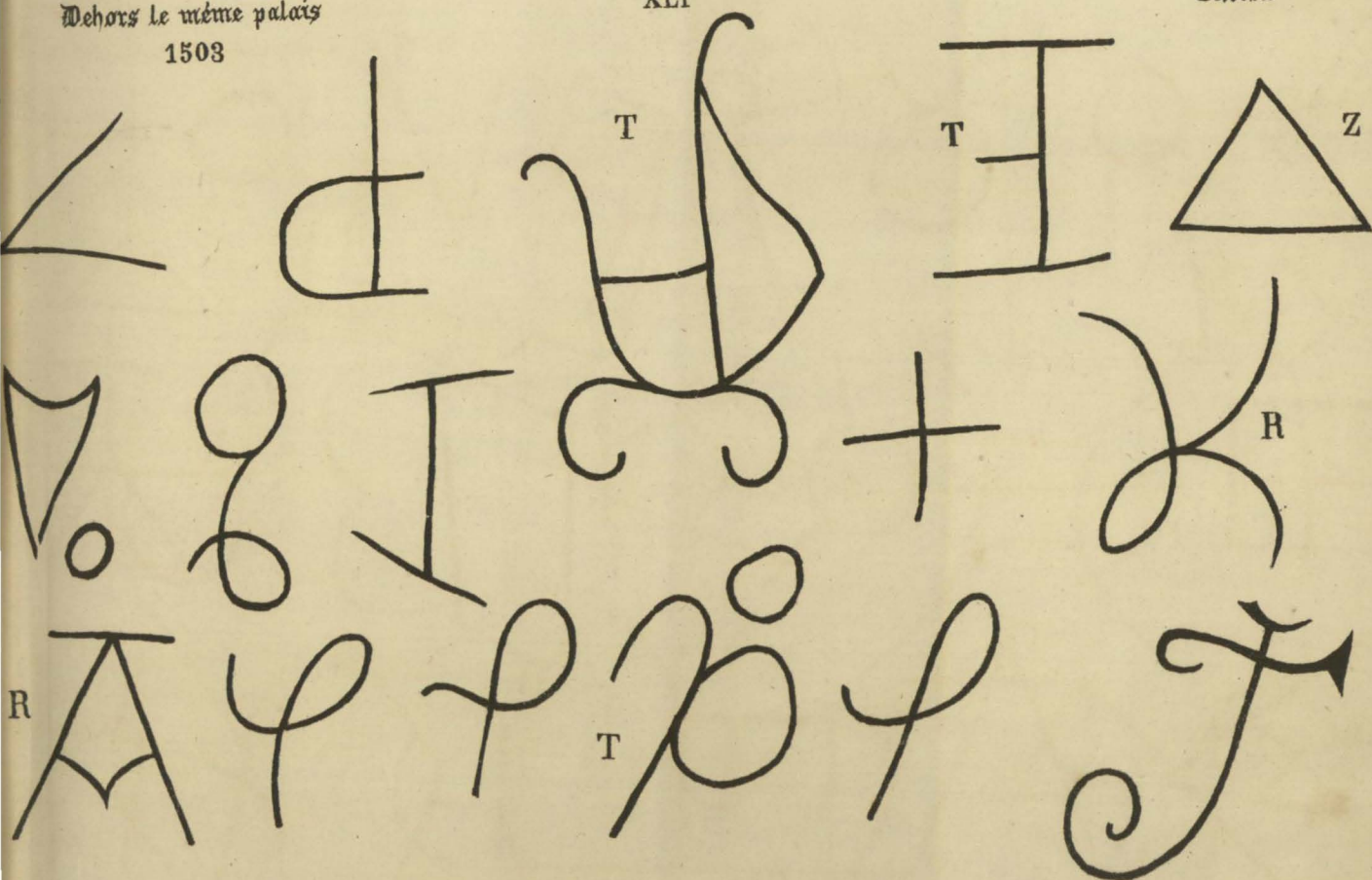
Cintra



Dehors le même palais
1503

XLI

Cintra

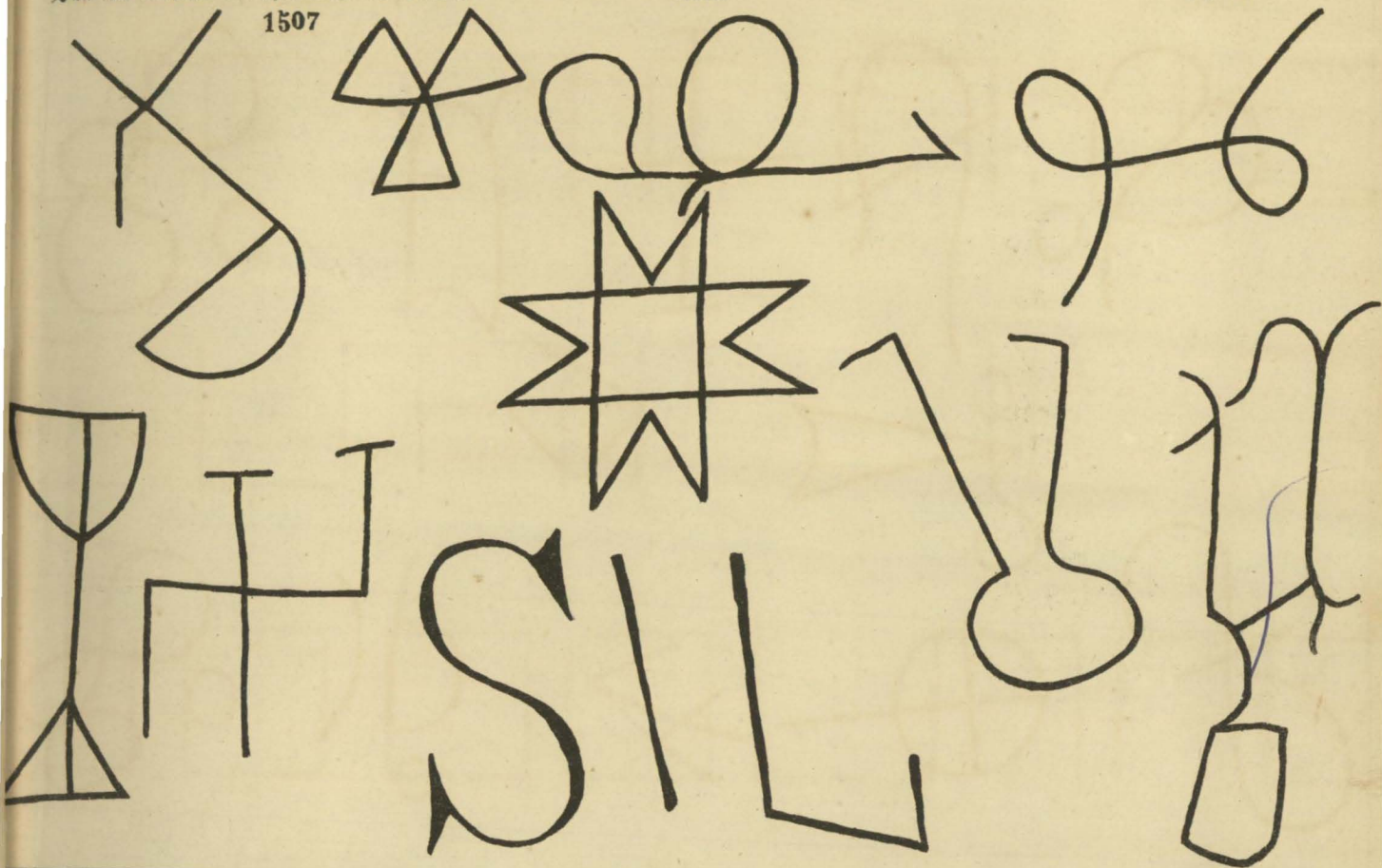


Sur le cloître du couvent de Belem
1507

1507

XLII

Tigbœa.

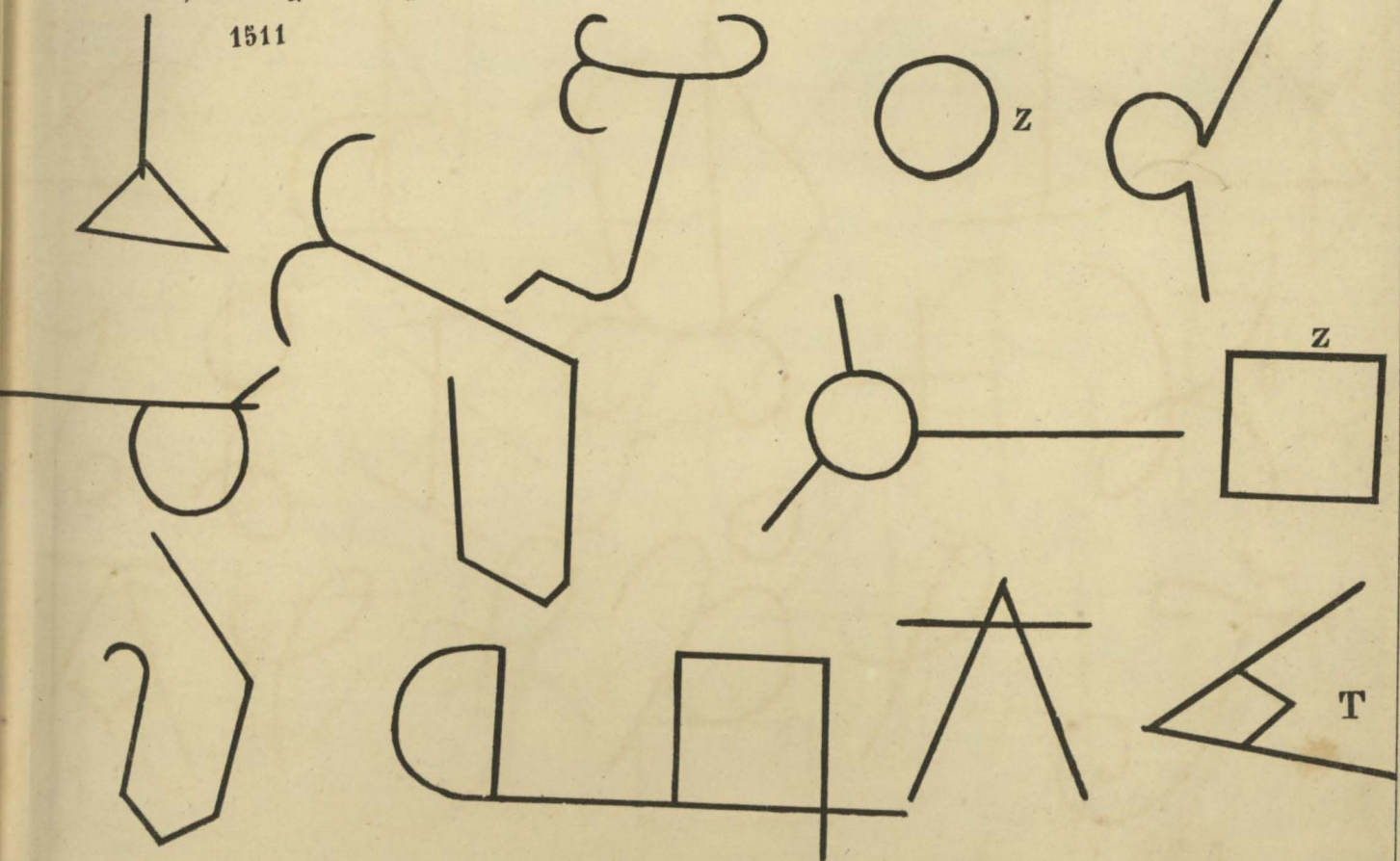


Dedans le château royal de la Pena

1511

XLIII

Cintra.



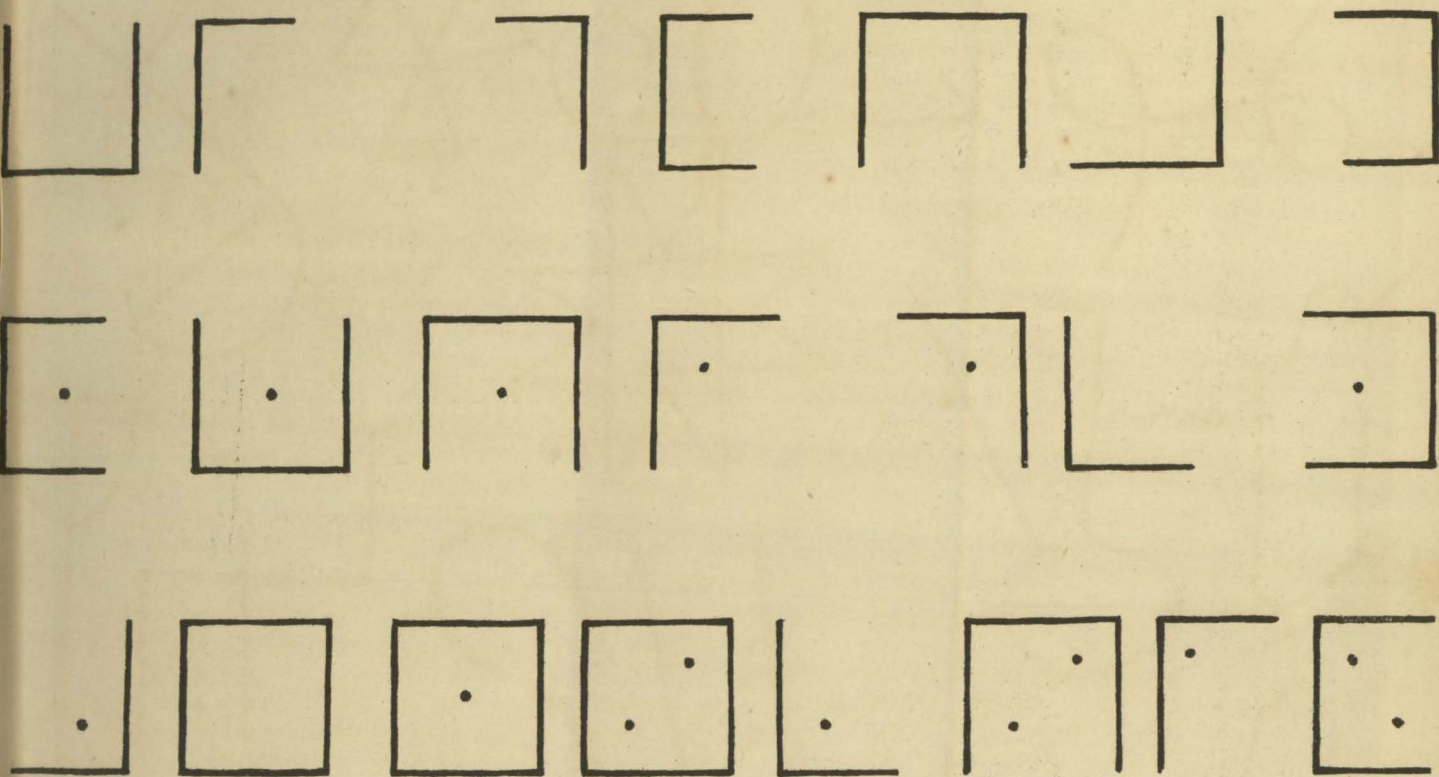
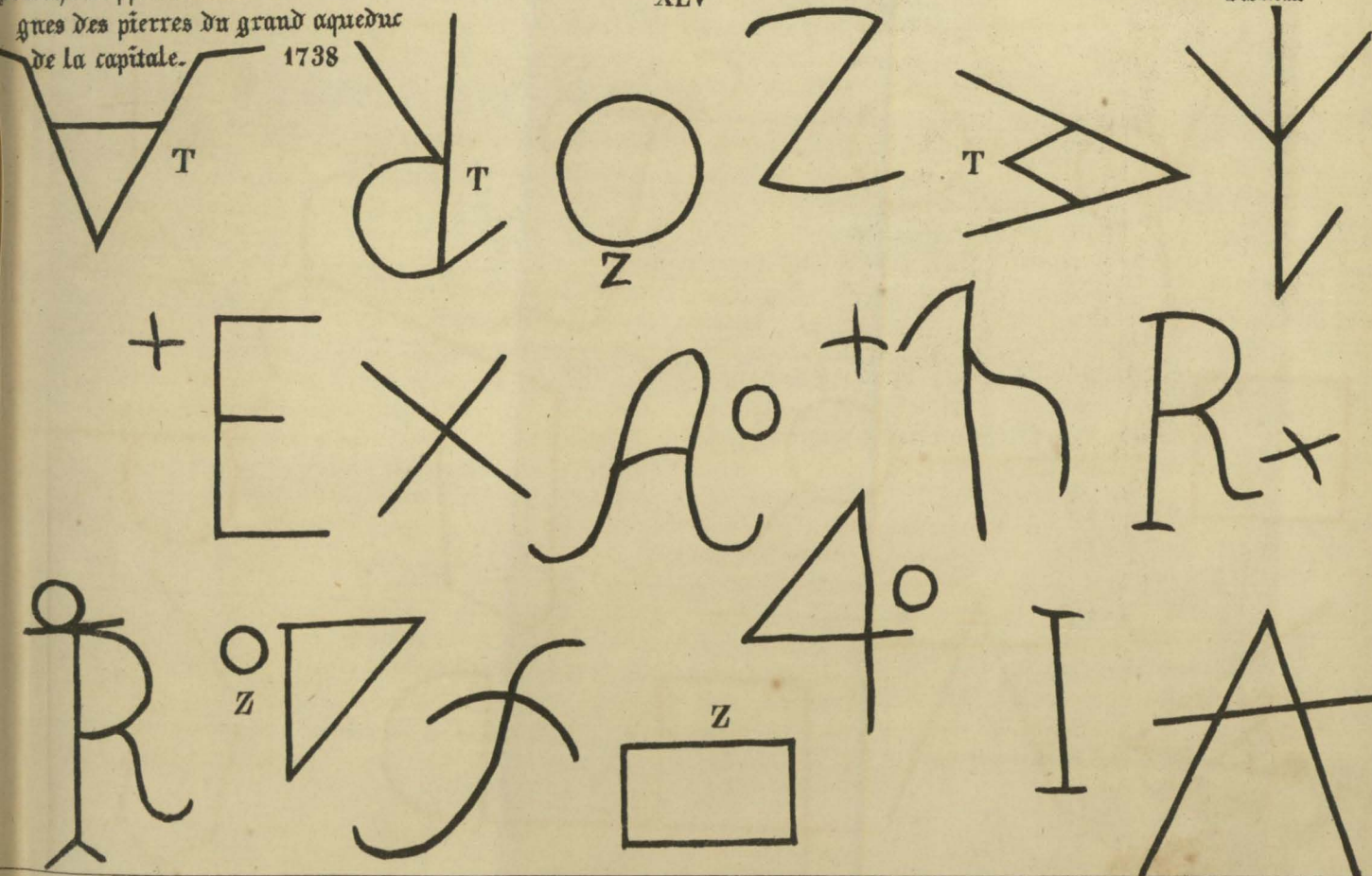


planche supplémentaire avec les si-
gnes des pierres du grand aqueduc
de la capitale. 1738

XLV

Tisbon.



A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

(Continuado do n.º 2, tom. V)

Para complemento d'esta narrativa detalhem os pormenores de um embalsamamento rico, feito com a singular pericia, e o peregrino trabalho de artistas que primavam em dar á mumia todas as apparencias, e louçainhas de animação, ao revez do que acontecia com o dos cadaveres vulgares, que mineralisavam para preserval-os da podridão, sem que lhes importasse a complexão natural.

Supponhamos, por ser mais exigente de composturas e atavios, a mumificação do cadaver de uma mulher nobre.

Tirado o corpo do banho de natrum onde adquiria a côr de bronze novo, e a resistencia á putrescibilidade, era todo limpo, e lavado com vinho de palmeira.

Após esta purificação, quando o corpo estava secco, envolviam-lhe o busto, e os membros, comprimindo os brandamente, com tiras de finissima tela de lã, ou de linho, que dispostas em espiraes regulares, e bem adaptadas resumiam graciosamente todas as linhas naturaes da figura; sobre estas tiras, á guisa de verniz applicavam uma unção odorifera de cedria e de balsamo de Judea, juxtapondo-lhes a ultima trama, que, qual uma nuvem subtil, deixava transparecer na mumia toda a corporea belleza.

Os dedos das mãos e dos pés, por igual feito premidos e aromatisados, introduziam-nos em estojos laminares de ouro nativo, ou apenas lhes douravam as unhas.

Os braços com as mãos abertas; encostavam-nos ao tronco; e as pernas, em ligeira flexão, unidas até aos pés, igualavam com a posição horisontal do corpo.

A tenuidade da teia de envolvimento, o numero e o intrincado das voltas das ligaduras, caracterisavam o labor e perfeição do embalsamamento.

Da testa curta, e pouco saliente, attributo d'esta casta, erriçavam-se-lhe para o alto da cabeça os fartos e azevichados cabellos, que aromatisados com as fragrancias do cinnamomo, eram entrançados ou frizados, cobertos com laminas, ou presos com pregos de ouro; e ás vezes envolvidos com flores de nymphaea, deslisavam cahidos em madeixas sobre os hombros.

Vestiam-lhe duas tunicas sobrepostas, de estofos finissimo; e adornada a segunda com um peitilho, esmaltado das mais brilhantes côres, representando o escarabeu sagrado.

Finalmente o rosto era ponto culminante dos mais attentos cuidados do embalsamador, e com todo o esmero o retocavam a conservar-lhe as feições de similhança.

Cobriam-lhe toda a face de uma delgadissima camada de gesso alvo, e sobre ella estendiam uma tela mui fina a imitar a cutis, ou lh'a douravam, e d'esta arte se completava a mascarã da mumia.

Geralmente occultavam-lhe os olhos nas palpebras, como se as tivera fechadas para o somno eterno, puxando-lhe as pestanas e debruando-as de pallidez; ás vezes substituiam-lh'os por outros de esmalte, com as côres proprias, scintillantes e como abertos á luz da immortalidade.

Das sobrancelhas bastas e obliquamente arqueadas desciam as linhas de antimonio ao gosto oriental, com a lividez circular das olheiras, a imprimir ao semblante uma vaga melancholia.

Os labios grossos e acarminados, subtilmente deixavam entrever, n'um sorriso indefinido, os aljofares da boca.

Das maçãs do rosto, como, naturalmente, re tintas pelo pudor, e animadas por uma esperanza, irradiavam as côres phantasticas do nacar.

D'aquella metamorphose artificial resaltavam vislumbres de vida magnetica! Não era um espectro horrivel, porém uma resurreição sympathica, que, no protesto contra os estragos da morte, ainda hoje exhibe um prodigio da arte; prodigio em que as civilisações modernas não poderam competir com ess'outra extincta ha mais de quatrocentos seculos, e que nunca foi nem sequer imitado pelos seus posteros.

Os lobulos das orelhas, pequeninas e elasticas, enfeitavam-n'os com discos de ouro polido; e pela parte superior dos seus rebordos corriam duas tiges de lodão a virem desabrochar sobre a fronte n'uma flôr azulada.

Adornavam-lhe a cabeça com um toucado, imitando, em fino esmalte, a pintada ou gallinha da India, cujas azas, em posição de vôo, pairavam sobre as fontes; o bico airoosamente afilado vinha á testa, e a cauda constellada de pontos brancos á nuca. Este toucado era guarnecido de penas de avestruz, quando donzella; e de penas de abutre, symbolo de maternidade, se fôra casada.

Cercavam-lhe o pescoço com um triplice collar, sendo o primeiro formado por um fio de canotilhos de vidro, de côres differentes, esplendidos; o segundo por uma cadeia de contas de ouro, de perolas, e lapis-lazuli; o terceiro por umas figurinhas de barro, esmaltadas, representando deuses e talismans.

Do pulso esquerdo pendia-lhe um bracelete, em fórma de argola, de agata cornalina, de heliôtopos, ou de ouro, de que descia até ao index um cordão do mesmo metal, a prender a um anel, onde se engastava o escarabeu sagrado, com os seus elytros abertos.

Apertavam-lhe as tunicas, por baixo dos pei-

los, com um cinto de esmalte luzente, ou de pedrarias, para imprimir no corpo feito mais esbelto.

Era-lhe sobreposta, como emblema de alma, a tarja de divisa, com as imagens de Osiris, Isis, e de Horus, onde na inscrição perpendicular que a percorria, se patenteava entre sentenças moraes, e visitas ás divindades, o nome, qualidades, e títulos do defunto, e assim se completava a toilette da mumia.

Mettiam-n'a em ataude com a forma de estojo, feito de uma só peça de sycomoro antigo; e n'elle, por fóra e por dentro, se viam pintadas, de permeio com ornatos, e grinaldas, transcrições, e textos dos rituaes funebres, e sentenças do livro dos mortos. Sobre a tampa esculpiam em baixo relevo, a face semelhante do defunto, com exacção do sexo e da idade.

Collocavam a mumia na attitude, que o rito isiaco determina; e cobriam-n'a, qual n'um envoltorio, com uma rica cartonagem, enfeitada de flores de lotus e grupos de uraeus, e logo fechavam o caixão hermeticamente.

Este feretro era como embutido n'um outro laminar de cedro, que lhe servia de forro, tambem ornado de allegorias e symbolos funebres.

E estes ainda eram fechados dentro de um terceiro caixão de roble, rescendente, que cercavam de alfaias, utensilios de uso particular, e de um exemplar do ritual funerario e de estatuetas de barro, esmaltadas ou de figurinhas de pau, pintadas a capricho, representando as divindades, talisman e symbolos cabalisticos, que os parentes e amigos vinham depôr no feretro, como recordações de respeito e saudade, similhantemente ao que nós fazemos com os bilhetes de luto e corôas funerarias.

Tanto as fórmãs de ataudes como as decorações, variavam segundo as épocas e as dynastias. As grandes obras de arte, como as pyramides, os obeliscos e mausoleus pertencem ás primeiras dynastias, como ainda hoje se pôde verificar pelas ruinas de Thebas e de Memphis, essas monumentaes cidades, que a Egyptologia nomeia, como tendo sido alternativamente os poderosos focos de esplendidas civilisações dos Pharaós, e o attestam os padrões do museu de Bulac, os restos do Serapion e as inscrições stelares.

Assistiam, nas cerimonias funebres, ao encerramento da mumia, os parentes, magnates, sacerdotes e carpideiras, que, em procissão, acompanhavam o feretro com preces e prantos até ao monolytho de porphyro oriental ou de cimento; e ali com propiciações, musicas e sacrificios cruentos a depositavam.

Sem nos transviarmos do nosso detalhe, paremos um pouco na resumida descripção dos aposentos do hypogeu, reservados ás mumias de pessoas nobres e opulentas.

Estas sepulturas eram magnificas e pareciam mais palacios subterraneos do que sepulchros; ou sobre o solo soberbamente se alevantavam em pyramides ou em mausoleus; qual o que Artemisia mandou fabricar para seu marido; e como diz o nosso A. de Macedo no oriente.

Que os despojos mortaes no seio occulta
Tropheu de amor e timbre de ternura

Nas montanhas, sobranceiras ao Valle de Arec, o egyptologo, como olheiro pratico, quando encontrava, nas suas escarpas, um cumulo de pedras derruidas no seu interior, e já calcinadas, marcava o ponto de exploração. Era quasi certo o achado de uma sepultura egypcia, e muitas vezes de um thesouro.

O explorador chamava então os fellahs da comitiva, que armados de alavancas, cordas e archotes, á sua voz esforçadamente faziam rolar para o declive esses enormes pedaços de rocha, com que o colchyto procurava encobrir, ou vedar a entrada do hypogeu.

Removido este artificio de escondimento, apparecia, trabalhado no proprio granito da momanhã, um portico quadrilongo com dois pilares, e hombreiras, tendo por capiteis duas cabeças de Vacca, de cornos em crescente isiaco, que rematavam no cimo da porta, em cujas almofadas se representava por hieroglyphos em linhas longitudinaes, como na escriptura chinesa, um quadro emblematico.

N'este painel circular pintado de amarello, via-se no centro o escarabeu sagrado, symbolo do renascimento, e uma cabeça de carneiro a indicar o sol no poente. Dos lados da moldura do disco, de joelhos na attitude de admiração mystica, estavam collocados Isis e Nephthys, personificações do principio e fim de tudo.

Descosido um delgado muro de tijolos, que facilmente cedia á picareta dos trabalhadores, apparece o solo de argilla, que o colchyto impoz sobre a lousa, quando ao fechar a sepultura, o hieroglyphita escreveu a divisa mysteriosa no mappa dos hypogeus.

A' luz dos archotes, que levam os fellahs, penetra-se n'um corredor, escavado pela profundeza da rocha, cujas paredes, sobre um plintho azul, são ornadas de textos moraes em linhas hieroglyphicas, ao fundo do qual se apresenta uma figura de côr vermelha, com a cabeça de gavião, mitrada, e sobraçando um globo com duas azas, e que parece vigiar a sepultura, qual sentinella da eternidade.

Mais adiante uma outra porta de pedra, fechando a arcada n'uma esphera, suspensa por duas azas em vôo e timbrada com o sello de argilla, conduz por uma escada ingreme, talhada na roca, a uma galeria, cujas paredes de fundo verde, cintadas de

uma tira azul, deixam vêr á luz dos archotes, procições de figurinhas pintadas de côres vivas e brilhantes, emblematicas dos enigmas mysteriosos, que os hieroglyphitas propõem aos visitantes.

Dos lados apparecem um chacal, reposto sobre o ventre, e uma figura ajoelhada, com cabeça mitrada, sustendo na mão direita um circulo, e como guardando uma terceira porta, que, no fundo, sustem duas estatuas de mulher, de joelhos, vestidas de roupas ligeiras, estendendo, á maneira de azas, um dos braços, emplumados.

Ainda por maior declive, esta porta abre ingresso a um outro corredor, igualmente ornado com allegoria, e signaes hieraticos de adoração ao escarabeu sagrado e á serpente azul.

No fim d'este corredor o fellah, que allumiava a diante, parou surpreso á beira de um poço quadrangular, fundo e negro, como um abysmo a interromper a passagem para o interior do hypogeu.

Os colchytos, como prevendo as profanações e roubos, que assolariam as suas reconditas sepulturas, empregavam, para as tornar inacessiveis e impenetraveis, estas simulações, e subterfugios; por isso era cousa frequente encontrarem-se poços, alcapões, cégos e falsos precipícios, que ainda assim não transtornavam a cabeça e diligencia dos exploradores.

Todavia o antiquario arguto, seguido dos seus fellahs, experimentados n'estas explorações, escuta todos os recessos da montanha, até que, pelo ôco e sonoridade de qualquer ponto, conhece logo a lagea amovivel, que dá para o vestibulo da sala azul, aonde, no corredor, que a precede, se veem Osiris, sobre o throno, ordenando ás deusas da Verdade e da Justiça, conduzam a alma do defunto perante o tribunal do Charenti.

Esta sala é sustentada por quatro pilares, cada um representando em figura vermelha um perfil, cintada com uma tanga branca, no estylo da época classica, sala que communica para outra mais alta, porém mais pequena e que tambem se firma sobre dois pilares pintados no mesmo gosto.

N'estas salas admira-se além das pinturas o colorido fresco e vivo tambem, em quadros de baixo relevo, relatando as acções do morto, e designadas por hieroglyphos as offerendas ás divindades funerarias, e o boi Apis levando a mumia para as regiões do Occidente.

No recinto da segunda sala está o deus Charenti, cercado dos quarenta e dois juizes, que hão de julgar-lhe a alma.

A segunda sala fecha a sepultura, porém o explorador sabido conhece, que, sem o monolitho ou sarcophago, não ha hypogeu completo; e que o architecto e o colchyto procuraram ainda com si-

nuosidades e segredos occultar o caminho para a sala dourada.

É por isso que o viaducto se torna a interromper por um profundo haito, que parece o ponto final n'essa elegia de granito.

DR. BALDY.

BIBLIOGRAPHIA

Novas publicações archeologicas acaba de realisar o distincto socio laureado da nossa Real Associação o sr. Gabriel Pereira, que tão illustrados serviços já tem prestado á sua patria, tornando conhecidas as importantes antiguidades que encerra a capital da provincia do Alemtejo, e fazendo agora a monographia dos seus monumentos com o criterio de um erudito historiador, afamado archeologo e artista illustrado, a que reúne subidas e distinctas qualidades, e o mais acrisolado patriotismo.

Os quatro recentes opusculos que se imprimiram este anno, *Antigo mosteiro de S. João Evangelista*, *O edificio do collegio do Espirito Santo, Evora Romana*, e o *Mosteiro de N. S. do Espinheiro*, veem confirmar os merecidos creditos de tão dedicado pugnador pelos nossos monumentos e da superior intelligencia com que sabe descrevel-os e analysal-os. De suas instructivas descrições colhe-se, não só o verdadeiro conhecimento artistico do respectivo character architectonico, mas tambem a apreciação das bellezas que contem, e o merecimento de suas especiaes construcções, sendo, portanto, um assignalado serviço feito á nação, e mui principalmente digno dos louvores dos habitantes da cidade de Evora. É tambem este distincto archeologo, que em todo o Portugal tem feito constar a importancia dos numerosos edificios antigos que ennobrecem essa opulenta cidade.

Para dar mais uma idéa de quanto são instructivas as publicações emprehendidas por este prestante cavalheiro, tomamos a liberdade de reproduzir a sua util noticia sobre o fabrico dos azulejos que se executaram em Portugal.

A REDACÇÃO.

OS AZULEJOS

Nenhuma povoação do paiz possui tão grande variedade de azulejos como Evora; muitos e optimos exemplares de differentes epochas.

Alguns estão datados, a outros podemos marcar-lhe epocha porque fazem parte de obras datadas, sem vestigio ou indicio de alteração ou certo posterior.

Os azulejos em relevo da capella de Garcia de Resende, na cerca do Espinheiro, são de 1520.

Os da sachristia da casa Pia, 1599.

Capella mór da egreja da casa Pia, 1631.

Egreja de N. S.^a das Brotas, á porta do Ray-mundo (recentemente modificada), 1631.

No refeitório de S. Bento, 1634.

Portaria do Paraizo, 1678.

Santa Martha, 1698.

Em S. Thiago, bellos azulejos representando a historia do filho prodigo, assignados — Gabriel del Barco F. 1699.

(Em S. Pedro hoje Escola Normal, havia azulejos de gosto e desenho inferior, 1702).

Loios, egreja de S. João Evangelista, assignados — Antonius ab Oliva, 1711.

Misericordia, Manuel Borges, 1716.

Ermida da Senhora da Cabeça, assignado — Oliva, 1736.

Casa Pia, no *conventinho*, 1745.

Idem, na porta da aula para a varanda, 1746.

Os bellos azulejos do Espinheiro e das Mercês da segunda metade do seculo passado, assim como os da rotunda da Casa Pia.

Do seculo xvi devem ser ainda os de S. Braz, alguns do Espinheiro (escada da cisterna) alguns em relevo em S. Francisco (sacristia), e outros muitos notaveis que estavam na arcada da horta do convento do Salvador, de que ha especimens na collecção da Bibliotheca publica.

Tambem do seculo xvi são os seis formosos azulejos que estavam na claustra de S. Bento, de mimoso desenho representando a = Anunciação =, e que actualmente pertencem á Bibliotheca publica.

A respeito dos da egreja da Misericordia encontrei que em 1715 se contractou com o azulijador Manuel Borges o fornecimento dos azulejos. O trabalho agradou, porque em maio de 1716 a Mesa deu-lhe como gratificação duas duzias de queijos na importancia de 4\$800 réis (Livro das despesas dos mezes que principiou em julho de 1712).

Antonio de Oliveira assignou os seus azulejos de bello desenho na egreja dos Loios. Nas capellas lateraes da egreja do Espinheiro ha azulejos com ornatos, figuras, pequenos quadros, que são lindissimos. De bom colorido vivo e de firme desenho são os da egreja das Mercês, tendo ao mesmo tempo bastante originalidade. O artista representou os symbolos da Virgem, o poço, a terra, o sol, a lua, o espelho, etc., em molduras ellipticas sobre um todo architectonico, com uma nitidez, um gosto, uma correcção admiraveis.

Os da sacristia da Casa Pia são originaes tambem; a pintura representa pyramides de base quadrada.

A pequena egreja das Brotas era revestida de azulejos em quadros de bom desenho; muito superiores aos que revestiam a egreja de S. Pedro.

No seculo xvii os ladrilhadores, ou melhor os pintores d'azulejos, obedecendo ao gosto da época, tiveram a mania de imitar a ceramica indiana. Temos em Evora muitos exemplos d'isto. Aproveitavam os conhecidos ornatos extravagantes dos jarões de Malabar e Martavão, as folhagens, os ani-maes caprichosamente agrupados, as graciosas meudezas dos pratos do Industão. Bastará citar os da entrada da Casa pia, da terceira capella á direita em S. Francisco, outros identicos n'uma capella de S. Vicente, na egreja de Santo Antão, na capella da claustra do extincto convento de Santa Monica, etc.

Os azulejos de S. Braz devem ser antigos; o veneravel templo parece ter soffrido poucas alterações ou reparos. As paredes estão revestidas de azulejos e meios azulejos, verdes e brancos, formando xadrez e alguns centros variados, em arabescos. Ora estes azulejos correspondem exactamente aos que revestem ainda hoje no espinheiro as paredes da pequena escada que leva ao terraço da cisterna.

Ha uma particularidade de fabrico n'estes azulejos que me parece merecer reparo, os brancos são de um barro claro, fino, e nos verdes, fazendo saltar um bocadinho de esmalte, descobre-se um barro finissimo, vermelho vivo, que supponho de Estremoz.

No ponto de vista artistico, principalmente na historia da arte, são de particular importancia os azulejos relevados; é n'estes que se manifesta bem a influencia mourisca que foi grande no seculo xvi.

Não são raros os azulejos, de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos: em S. Braz, no Espinheiro, etc. ha muitos exemplares, em construcções do fim do seculo xv, ou começo do xvi. Apparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, eguaes aos mais antigos da sé velha de Coimbra, aos do paço real de Cintra, etc. Seriam fabricados em Evora, ou seriam importados de Granada? Não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc. que nos provam que nos seculos xiv e xv, oleiros e ladrilhadores eram mouros; o mesmo facto se dava em Hespanha, ainda no começo do seculo xvi, como o prova o sr. Juan Riano no seu *Essay on Spanish art* (publicado no *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum 1881.*) N'esse trabalho importante o sr. Riano é justamente considerado como auctoridade superior em historia da arte, afirma-se: — *Tiles, «azulejos» painted or reflects, are only to be found at the Cuarto Real, at Granada, and at the Casa de Pilatos, at Seville* — Pois Evora conserva bastantes exemplares d'essa variedade.

Diz ainda — *During the middle ages azulejos had been decorated with a mixture of Arab and Gothic ornamentation. At the renaissance, Italian forms began gradually to be adopted.*

Em Portugal, e só em Evora, temos exemplares comprovativos de todas as evoluções, seguiu-se a mesma lei; specimen admiravel do azulejo da re-

nascença é a — Annunciação, — que está na Bibliotheca. Mas logo á influencia da renascença italiana succedeu outra muito poderosa, a indiana, ou melhor asiatica, como é natural, n'um paiz que em poucos annos, no primeiro quartel do seculo xvi, se viu inundado de porcelanas industanicas.

GABRIEL PEREIRA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Alguns prelados já responderam ao officio que a nossa Real Associação teve a honra de dirigir-lhes, afim de se abrir curso de archeologia religiosa nos respectivos seminarios. O ex.^{mo} Bispo de Beja não só louvou a idéa, como disse que já tencionava inaugurar esse estudo seminario d'aquella cidade, para o que estava redigindo um compendio, e esperava pela auctorisação do Governo para levar a effeito tão necessario ensino. Este nobre e illustrado exemplo dado por tão respeitavel prelado, merece da nação gratos applausos; e sem duvida os outros dignos prelados do reino terão eguaes desejos de que essa util instrucção tambem se divulgue nos seus seminarios para que fiquem a par dos estabelecimentos dos outros paizes, que são tão cuidadosos n'esse proficuo ensino.

Damos em seguida a copia do officio que a associação dirigiu aos bispos do reino tendo-se-lhes remettido tambem, por copia, o excellente relatorio do nosso distincto socio o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no qual desenvolveu com todo o saber e evidencia o proveito que resultaria para a conservação dos edificios e alfaías religiosas, dos conhecimentos archeologicos, que infelizmente andam ainda pouco divulgados no nosso paiz.

Copia. — «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Quando hoje tive a honra de receber a carta de V. Ex.^a de 2 do corrente com o parecer de 27 d'abril ultimo, havia poucos momentos, que acabava de ter escripto a ultima palavra do capitulo final dos meus elementos de archeologia e iconographia christã na aula de desenho, que, por minha iniciativa propria, institui no Seminario d'esta Diocese, e que funciona desde novembro do anno passado. Todavia como os seminarios se conservam sujeitos ao Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, não me contentei com uma fundação de tal ordem sem auctorisação do governo, a qual sollicitei ultimamente em officio de 14 do corrente, como V. Ex.^a pode ver da inclusa copia, que tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.^a. E não sómente pedi a criação da cadeira de desenho e archeologia christã, mas tambem pedi a criação de uma cadeira de sciencias naturaes. Não puz a archeologia christã fóra da aula de desenho, porque sou de parecer, que se não póde perceber nem aprender archeologia sem ao menos se conhecerem os principios geraes do desenho, especialmente do desenho geometrico e do desenho de architectura. Alem d'isto quero, que o ensino n'esta aula não seja limitado unicamente á architectura monumental, mas exijo, que se ensinem tambem noções geraes dos objectos que ornão os monumentos, como são, pinturas em vidro, utensilios, figuras e symbolos. E' mister, que o padre portuguez, visi-

tando os monumentos do culto christão, não só reconheça a epocha, a que pertence o estylo da sua architectura, senão tambem a epocha do estylo da pintura das suas vidraças, da fôrma dos seus utensilios; e que não fique ignaro e mudo ante as figuras, esculpidas ou pintadas, que as ornão e embelezam; mas antes as reconheça, e saiba decifrar os seus symbolos. Foi debaixo d'este pensamento, que institui a aula de desenho e de architectura christã, e por elle guiei a organização do meu livro, que em breve espero dar á estampa. Sinto-me devéras ufano de vêr, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes se inspirou do mesmo pensamento do que eu, e que pede aos bispos portuguezes a instituição de aulas de archeologia nos seus seminarios. Pela minha parte, agradecendo a honrosa consideração, só me resta declarar, que o justissimo pedido da Real Associação está satisfeito desde o dia 1 de novembro de 1885. — Com o maior respeito e consideração tenho a honra de assignar-me. — De Vossa Excellencia muito attento venerador e criado — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — Beja, 17 de junho de 1886. — (Assignado) ✕ Antonio Xavier, Bispo de Beja.

Uma importantissima offerta foi feita ao nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, pelo seu confrade o distincto archeologo mr. Elmer R. Reinols, de Washington, de cerca de 1:000 *objects prehistoricos*, descobertos pelo referido archeologo na região da America do Norte. E' sem duvida de grande intresse para o estudo prehistorico em Portugal esta preciosa collecção. Folgamos de ver o desenvolvimento progressivo que o museu archeologico da capital tem alcançado para a sciencia, e que é de tanta utilidade para esses estudos no nosso paiz.

O nosso estimado socio o sr. Visconde de Alemquer foi eleito presidente da Delegação em Portugal da Instituição Scientifica Universal. O sr. D. Luiz I é protector d'esta sociedade que tem a sua séde em Paris; sendo o sr. Visconde de Sanches de Baena, vice-presidente; o sr. Ernesto da Silva, secretario; e delegado geral o sr. Possidonio Narciso da Silva.

A figura de granito que no xvi seculo servia para indicar no rio Douro o seu curso para os navios não encalharem, figura que estava ha muitos annos despresada, e mesmo se ignorava qual teria sido o seu destino, veiu para o Museu do Carmo, e está sobre um pedestal de marmore na nave principal do monumental edificio erecto pelo invicto condestavel D.

Nuno Alvares Pereira. Ao nosso digno presidente se deve obtermos o conservar-se esta recordação historica.

Adquiriu o nosso museu por intervenção do nosso consocio o sr. capitão Antonio Bernardo de Figueiredo alguns instrumentos prehistoricos de pedra polida, ceramica e bronze. Entre estes differentes objectos ha de notavel, ter uma placa de schisto na parte superior um recorte que se assemelha um

tanto ás imperiaes de uma coroa, não se tendo descoberto em outros paizes com este feitio; egualmente um fragmento de ceramica mostrando um começo de aza. Posto que no principio d'esta industria da época da pedra polida não se encontrassem vestigios d'este appendice nos vasos de barro; todavia, tendo sido encontrado esse fragmento em um Dolmen no Alemtejo, deve-se suppor que elle pertence a uma época muito mais recente em que já se tivesse empregado a aza em vasos de pequena grandeza.

NOTICIARIO

A inauguração da estatua da *Liberdade illuminando o mundo*, terá logar no dia 20 de outubro d'este anno, havendo em New-York, por essa occasião, uma extraordinaria e brilhante festa franco-americana.

A continuação das obras para o novo bairro em Roma, no Monte Coelius, deu logar a descobrirem-se muitos mosaicos em perfeita conservação, reproduzindo exercicios de gymnastica entre mancebos. As figuras são pretas sobre fundo branco.

Um d'estes mosaicos tambem representa o rapto de Proserpina por Plutão, copia d'um desenho traçado por mão habil: Proserpina, colhendo flôres no valle d'Enna, na Sicilia, embriagando-se do seu perfume (principalmente da flôr de narciso), quando Plutão, que passava no seu carro, a viu e arrebatou. No mosaico vê-se Plutão levando nos seus braços Proserpina desmaiada, em quanto que as companheiras da formosa nympha fogem espavoridas.

Na frente do carro, corre Mercurio, o mensageiro dos Deuses.

Á roda d'este mosaico, que é uma verdadeira pintura, ha bustos representando as quatro estações, d'uma esmerada execução.

A iluminação electrica nos Estados-Unidos compõe-se de 90:000 focos electricos de arco, que illuminam todas as noites as ruas de New-York.

Os fabricantes produzem 800:000 barras de carvão para a luz cada mez, e 50 lampadas de arco com tres dinamos!

O governo italiano publicou o programma para o concurso de uma nova fachada para a cathedral da cidade de Milão, com o fim de que fique mais analoga ao estylo do primitivo templo, devendo ser construida de marmore, deixando-se aos concorrentes toda a liberdade de augmentar o espaço, altear o frontispicio, ter maior numero de arcadas e janellas, mas sem ser preciso demolir cousa alguma da sumptuosa decoração da parte que propriamente constitue esta egreja, nem das suas fachadas lateraes. O projecto limitar-se-ha a dar maior grandeza á nova fachada e ornal-a mais em harmonia com ostentação d'este notavel monumento. Um unico premio de oito contos de réis é destinado ao architecto nacional ou estrangeiro, que, depois da segunda prova do seu talento, tiver o seu projecto proclamado superior aos dos outros concorrentes. O jury é composto de 15 membros, sendo seis architectos, dos quaes tres estran-

geiros; um engenheiro eleito pela Associação dos Architectos e Engenheiros Italianos; quatro artistas eleitos pelos concorrentes, sendo dois architectos, um pintor e um esculptor; um antigo artista pintor, esculptor e architecto nomeado pelo cabido; assim como um outro architecto eleito pela commissão conservadora dos monumentos.

Este notavel certamen fará alcançar ao laureado um nome celebre na historia das bellas-artes no final do seculo XIX.

A Russia vae agora crear uma academia de bellas-artes em Roma. Portugal, posto que tenha hoje *herejes artisticos*, já ha perto de um seculo tinha um estabelecimento d'esta ordem na Italia, o que prova ter sido a nossa nação solícita em curar no desenvolvimento das bellas artes desde remota data, quando nações mais poderosas sómente muito depois julgaram de utilidade publica essa providencia.

As escavações no Egypto em roda da colossal Sphinx, estão já na profundidade de 16 metros. Sonda-se o terreno para se verificar se ella está assente sobre um pedestal, conforme a representação que existe muito antiga n'uma tela.

Ha opinião de que o rochedo em que foi este monumento executado, não era apparente sobre o solo, mas foram obrigados a fazer uma grande cavidade no plan'alto afim de pôr a descoberto o rochedo para ser esculpida a esphinge!

Adquirem sufficiente resistencia os ornatos formados com gesso immergindo-os depois de seccos, em uma dissolução de sulfato para formar um precipitado insolúvel. Os sulfatos que dão melhores resultados são o de zinco e o de ferro.

Acaba de ser approved em New-York um projecto o mais grandioso e extraordinario, que os americanos do norte teem realiado, ainda que habituados a pol-os em execução. Consiste em construir, debaixo das principaes ruas da actual cidade, outras ruas subterraneas illuminadas a luz electrica, tendo lojas, vias ferreas, trens, cafés, telegraphos, etc.

Esta nova cidade applicará a tudo a electricidade, não só para mover as machinas como os trens. A subscrição para começar as obras foi tres vezes coberta. O municipio em vez de contribuir, pelo contrario, receberá ainda 3 p. c. da receita, esperando os accionistas cobrar 7 p. c. do seu capital, não obstante esse *onus* para a companhia. Haverá pois toupeiras humanas que exercerão a sua industria no norte da America! Triste viver!